



INSTITUTO POLITÉCNICO DE BEJA  
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO



Mestrado em Educação Especial – Especialização no Domínio Cognitivo e  
Motor

## **O AUTISMO E AS ARTES PLÁSTICAS**

Rute Cristina Correia Montes

Beja, 2013



INSTITUTO POLITÉCNICO DE BEJA  
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO



Mestrado em Educação Especial – Especialização no Domínio Cognitivo e  
Motor

## **O AUTISMO E AS ARTES PLÁSTICAS**

Dissertação de mestrado apresentada na Escola Superior de Educação do  
Instituto Politécnico de Beja

**Elaborada por:**

Rute Cristina Correia Montes

**Orientada por:**

Professor Doutor José Pedro Fernandes

Beja, 2013

## **Agradecimentos**

Quero agradecer a todos os que de alguma forma contribuíram na realização deste processo de enriquecimento pessoal, desde amigos, família e professores, muitos são os agradecimentos a fazer. Mas quero fazer um agradecimento em especial a ti “Eduardo”, obrigada pelo carinho, pelos momentos e pelos sorrisos.

## **Resumo**

O autismo é uma disfunção global do desenvolvimento. É uma alteração que afeta três áreas no indivíduo, a capacidade de comunicação, a interação e a socialização

Para que a criança com Especto de Autismo desenvolva a sua concentração de forma a facilitar as suas aprendizagens, a ser mais autónoma e com melhor qualidade de vida os professores devem procurar estratégias de intervenção diversificadas e motivadoras.

Os profissionais da área da pedagogia podem usar a arte como instrumento de trabalho no exercício da sua função numa perspetiva de educação artística virada para a criança e para as suas necessidades, sendo assim, são as artes plásticas que satisfarão as necessidades das crianças e não o contrario.

Neste estudo pretende-se verificar se as artes plásticas contribuem para a estimulação da concentração da criança com autismo.

A melhor maneira de verificar essa situação é fazendo parte da ação, desta forma, o presente estudo insere-se dentro da metodologia de investigação-ação.

**Palavras-chave:** Autismo, educação, artes plásticas e concentração



## **Abstract**

Autism is a disorder of the overall development. It is a change that affects three areas in the individual, the ability of communication, interaction and socialization.

For the child with Autism-spectrum to develop their concentration, in order to facilitate their learning, to be more independent and to have a better quality of life, teachers should seek varied and motivating intervention strategies.

Professionals in the field of pedagogy can use art as a working tool in the exercise of its work, in a perspective of art education facing the child and their needs, so that the art will meet the needs of children and not the opposite.

This study aims the verification of the art contribute to the stimulation of the concentration of children with autism.

The best way to check this situation is being a part of the action, so the present study fits into the action-research methodology.

**Keywords:** Autism, education, arts and concentration

<b>Índice geral</b>	<b>Pag.</b>
<b>Resumo</b>	
<b>Abstract</b>	
<b>Agradecimentos</b>	
<b>Introdução.....</b>	<b>6</b>
<b>Parte I- Fundamentação Teórica.....</b>	<b>8</b>
<b>1. Autismo.....</b>	<b>9</b>
<b>2. Arte e Educação.....</b>	<b>14</b>
<b>3. Educação Especial.....</b>	<b>21</b>
<b>Parte II- Enquadramento Metodológico.....</b>	<b>23</b>
<b>1. Metodologia.....</b>	<b>24</b>
<b>1.1- Investigação-Ação.....</b>	<b>24</b>
<b>1.2- Questões Orientadoras do Estudo.....</b>	<b>27</b>
<b>1.3- Objetivo do Estudo.....</b>	<b>28</b>
<b>1.4- Sujeito do Estudo.....</b>	<b>28</b>
<b>1.5- Instrumentos e Procedimentos Metodológicos.....</b>	<b>29</b>
<b>1.5.1- Análise Documental.....</b>	<b>29</b>
<b>1.5.2- Entrevista.....</b>	<b>30</b>
<b>1.5.3-Observação Participante.....</b>	<b>33</b>
<b>Parte III- Estudo Realizado.....</b>	<b>36</b>
<b>1. Caraterização da Criança.....</b>	<b>37</b>
<b>2. Apoios educativos.....</b>	<b>39</b>
<b>2.1- Terapia Ocupacional.....</b>	<b>40</b>
<b>2.2-Terapia da Fala.....</b>	<b>42</b>
<b>2.3-Psicologia.....</b>	<b>43</b>

2.4- Sala TEACCH.....	44
3. Entrevistas.....	46
3.1- Educadora de Infância.....	46
3.2-Psicóloga.....	47
3.3- Terapeuta da Fala.....	49
3.4-Terapeuta Ocupacional.....	50
3.5 Pais.....	53
4. Intervenção com a Criança.....	55
5. Discussão dos Resultados.....	82
Conclusão .....	87
Bibliografia.....	90

## **Anexos**

**Anexo I- Protocolo de entrevista à Educadora**

**Anexo II- Protocolo de entrevista à Psicóloga**

**Anexo III- Protocolo de entrevista à Terapeuta da Fala**

**Anexo IV- Protocolo de entrevista à Terapeuta Ocupacional**

**Anexo V- Protocolo de entrevista aos Pais**

**Anexo VI- Guiões de entrevistas**

**Anexo VII- Análise das entrevistas**

**Anexo VIII- Sessões em fotografias**

## **Introdução**

Na Lei-Quadro da Educação Pré-Escolar defende-se o direito à diferença e à igualdade de oportunidades de maneira a contribuir para o sucesso das aprendizagens de todas as crianças. Tendo em consideração que a criança se desenvolve no seu todo, deve-se atuar o quanto antes caso surjam dificuldades no seu desenvolvimento. Sendo a educação pré-escolar a primeira etapa na educação básica, esta tem um papel muito importante porque é complementar da ação educativa da família.

Este estudo tem como objetivo saber se as artes plásticas contribuem para a estimulação da concentração da criança com autismo em idade pré-escolar.

A educação está em mudança e o que se pretende é aliar as atividades do dia-a-dia a uma criatividade espontânea possibilitando um desenvolvimento global da criança. O aluno ao realizar atividades de expressão plástica está a desenvolver competências de uma forma divertida e ao mesmo tempo comunicando.

Tendo em conta que as principais características do autismo são as dificuldades de comunicação, a interação social e a capacidade de concentração, a educação pela arte faz todo o sentido em crianças com espectro de autismo.

O presente trabalho está estruturado em três partes distintas. Na primeira parte, fez-se a "Fundamentação Teórica", onde foram realizadas leituras a fim de se aprofundar conhecimentos acerca do autismo, da arte e a educação e da educação especial.

Na segunda parte, "Enquadramento Metodológico", falou-se da metodologia usada, das questões orientadoras do estudo, dos objetivos e do sujeito do estudo e ainda dos

instrumentos e procedimentos metodológicos, onde entram a análise documental, a entrevista, e a observação participante.

Da terceira parte, “Estudo Realizado”, consta a caracterizou-se a criança, os apoios educativos, as entrevistas, a intervenção com a criança e a discussão dos resultados.

Por fim são apresentadas as conclusões, onde foram expostas algumas ilações com base na intervenção com a criança, na informação recolhida

## **Parte I**

---

# **Fundamentação Teórica**

## 1. Autismo

O autismo foi descrito pela primeira vez, pelo médico austríaco Leo Kanner que trabalhava no Johns Hopkins Hospital, em 1943 na revista *Nervous Child* Segundo Baptista e Bossa “ Kanner acreditava que as crianças com autismo eram inteligentes, porém não o demonstravam” (2002:31).

No mesmo ano também o austríaco Hans Asperger descreveu na sua tese de doutoramento a psicologia autista da infância. Essa descrição correspondia às mesmas características de Kanner, embora ambos não se conhecessem, chegaram à mesma conclusão nos seus estudos.

Foi Eugene Bleuler, um psiquiatra suíço que criou a palavra ”autismo”, ligando o termo “ (...) a um conjunto de comportamentos básicos da esquizofrenia.” (Pereira, 1996:19).

Segundo Borges (2000) autismo implica a existência de comportamentos “estranhos” e/ou deficiências sérias de desenvolvimento nas áreas social e de comunicação. O autismo é uma disfunção global do desenvolvimento que consiste numa alteração que afeta a capacidade de comunicação do indivíduo, o comportamento e a socialização. É difícil para estes indivíduos estabelecerem uma relação de comportamento, é difícil estes seguirem as normas comportamentais que regulam a sociedade. Segundo Mello pode-se dizer que o “autismo é uma síndrome definida por alterações presentes desde idades muito precoces, tipicamente antes dos três anos de idade, e que se caracteriza sempre por desvios qualitativos na comunicação, na interação social e no uso da imaginação.” (2003:11). Mas existem diferenças entre os indivíduos com autismo. Segundo Marques “ (...) apesar de ter vindo a ser detectada uma grande variedade de anomalias génitas em indivíduos com perturbações do espectro do autismo, a forma de como essa anomalia afecta o desenvolvimento ainda não é conhecida.” (2000:63).

É possível a existência de fatores hereditários com uma contribuição genética complexa e multidimensional. Alguns fatores pré-natais e alguns fatores perinatais podem influenciar o aparecimento das perturbações do espectro do autismo.

O autismo é uma perturbação do desenvolvimento que afeta múltiplos aspetos da forma como uma criança vê o mundo e aprende a partir das suas próprias experiências. As crianças com autismo não denotam o interesse habitual na interação social. A atenção e a aprovação dos outros não têm a importância que habitualmente assumem para as crianças em geral. O autismo não resulta numa ausência de desejo de pertença, mas antes na relativização desse desejo. (Siegel, 2008: 21).

Existe ainda a visão dos neurologistas que consideram que o Espectro do Autismo é desencadeado por um desenvolvimento cerebral anormal, inicia-se no nascimento e manifesta-se no comportamento durante a infância. Segundo estes, um grande número de perturbações nas crianças com autismo podem ser atribuídas a malformações, dando assim origem a comportamentos anormais, isto é, que não se enquadram nos índices de comportamentos das crianças ditas normais.

De acordo com Pereira e Serra,

Acredita-se que existe um defeito congénito no sistema nervoso central, com efeitos imediatos e permanentes nos aspectos sócio-emocionais do comportamento (...) pode também produzir malformações ao nível do sistema sensorial e motor através de uma atrofia, donde resultam os defeitos linguísticos associados ao autismo.” (2006:25)

Quanto mais cedo for diagnosticado o autismo melhor resultará o estímulo, pois as crianças estão muito mais disponíveis e sensíveis, respondem de uma melhor forma a qualquer estimulação por parte dos técnicos, tirando melhor proveito das situações,



fazendo com que o resultado seja melhor conseguido.

Muitos autores apontam para que os indivíduos com autismo apresentam dificuldades de relacionar-se com as outras pessoas, mas apesar dessa dificuldade de relacionamento é importante estarem inseridos num grupo e participarem da vida do mesmo. Para Jordan “as crianças com autismo não se juntam espontaneamente a outras crianças em jogos de faz de conta, embora possam aprender com os colegas ou professores, a executar certas tarefas” (2000:115). Têm um riso inapropriado, aparentemente têm insensibilidade à dor, pouco ou nenhum contacto visual, geralmente estes não olham nos olhos. No entanto segundo Baptista e Bossa “os estudos de observações minuciosas de crianças autistas (utilizando filmagens) mostram que os olhares são mais frequentes do que se imagina. O que ocorre é que são breves e, por isso muitas vezes imperceptíveis” (2002:35). Desta forma é possível dizer que existem autistas que podem ter contacto visual. Ainda de acordo com os mesmos autores, a frequência do olhar muda consoante a situação e do contexto e propende a ser mais comum e longo nas situações em que a criança precise do adulto, assim os autores concluem que “não olham porque não sabem a função comunicativa do olhar para compartilhar experiências com as pessoas.” (2002:35).

Os autistas não estabelecem relações com facilidade e não desenvolvem, facilmente ligações às pessoas tal como as crianças ditas normais o fazem, estes parecerem viver no seu mundo, como se os outros só existissem para servirem os seus interesses próprios. Para Jordan esse facto acontece porque “(...) a criança com autismo não tem consciência de agradar, nem motivação para o fazer, e tão pouco a intenção de comunicar”(2000: 24) Preferem estar sozinhos, pois “os alunos com transtorno do espectro autista têm dificuldade para (...) compreender comportamentos sociais- o que afeta a sua a capacidade de interagir com crianças e adultos” (Ferrel,2008:13), isolando-se, não

procurando outras crianças, brincam de forma inadequada com os vários objetos, fixam-se constantemente em pontos ou em objetos, podem ter hiperatividade ou extrema inatividade, muitos têm problemas de sono ou excesso de passividade, existe uma ausência de resposta aos métodos normais de ensino, muitos necessitam de material adaptado, insistem na repetição, e têm resistência à mudança de rotina, não têm consciência de situações que envolvam perigo, fixam-se em posições estranhas, quando existe comunicação verbal podem repetir palavras ou frases até à exaustão, quando não existe podem usar a forma instrumental de se relacionarem que é descrita por Siegel (2008) como “conduzir pela mão”. Recusam afetos, agem como se fossem surdos, não respondem pelo nome, têm dificuldades em expressar necessidades, possuem alguma irregularidade motora, possuem uma desorganização sensorial podendo sofrer de hipo ou hipersensibilidade e não fazem referência social, entrando em qualquer lugar sem antes olhar para o adulto para saber se é seguro ou não. E segundo Marques citando Fejerman e Rapin (1994) “ As características comportamentais que distinguem as crianças autistas das que apresentam outros tipos de perturbações do desenvolvimento, relacionam-se basicamente com a sociabilidade, o jogo, a linguagem a comunicação no seu todo, bem como o nível de atividade e o repertório de interesses” (2000:28). Os autistas necessitam de uma vida simples e organizada para se estruturarem. É necessário preparar os autistas para adquirirem competências para que sejam autónomos no seu dia-a-dia. Esta opinião é partilhada por Nielsen que refere que“ (...) eles necessitam de praticar competências funcionais, em termos de situações da vida real” (1999:42).

O autismo é um desafio para todos os profissionais que se interessam pelo seu estudo, tentando a sua compreensão. Como referem Garcia e Rodriguez, “não é tarefa fácil definir o que é o autismo (...) decidimo-nos apenas por uma definição de autismo, é

procurar o impossível” (1997:249).

A palavra “autismo” é de origem grega “autos” que tem como significado “próprio” ou “em si mesmo” o sufixo “ismo” remete para a ideia de orientação ou estado. Desta forma pode-se dizer que o autismo é um estado, onde um indivíduo tem tendência para se alhear do que o rodeia, concentrando-se em si mesmo. (Pereira, 1996)

Na evolução de uma criança autista existe muito trabalho dos técnicos, mas também dos pais, de acordo com Vidigal e Guapo, “ a colaboração com a família ocupa um lugar central na intervenção” (2003: 175). O progresso e a eficácia do tratamento depende muito do suporte e da cooperação dos pais.

Em suma, o autismo é uma deficiência mental específica que afeta a qualidade das interações sociais, da comunicação verbal e não-verbal e da atividade imaginativa. É um universo complexo, e embora tenha existido uma evolução ao longo do tempo, a qual levou a uma melhor perceção da perturbação autista, ainda há muito para perceber e descobrir nesse universo.

É importante perceber que as características comuns não estão todas presentes numa criança e que nem se manifestam sempre da mesma maneira. Segundo Farrell, as crianças com autismo “abrangem o intervalo completo de capacidades” (2008: 13), mas que a gravidade dos défices varia bastante prejudicando o seu processo de aprendizagem.

Cada criança autista pode ter o seu tempo preceptivo, umas têm necessidade de uma ligeira desaceleração, outras de uma desaceleração mais acentuada. Cabe às pessoas que as rodeiam perceber qual é o “tempo” da criança e estimulá-la o mais possível de forma a se tornar o mais independente possível.

## 2. Arte e Educação

A arte na educação é vista com alguns preconceitos, muitas vezes considerada somente lazer e diversão. Mas de acordo com Gloton e Clero, “em matéria de educação, deve atribuir-se uma importância primordial à expressão criadora da criança, como actividade psicológica e, simultaneamente, como coisa material produzida, extraída de si mesmo.” (1997:54). Só em 1986 é que Portugal aceita a arte como fator importante no desenvolvimento global do individuo, passando a fazer parte dos vários níveis de ensino, incluindo no ensino especial.

Os profissionais da área da pedagogia podem usar a arte como instrumento de trabalho no exercício da sua função. Esta pode ser realizada com todo e qualquer aluno, independentemente das suas dificuldades, deficiências e transtornos. Desta forma, é pertinente afirmar que a educação pela arte é tão válida como a educação tradicional, embora, na opinião de Gloton e Clero, a escola ainda não tenha uma abertura à arte, pois de acordo com os referidos autores “a função essencial da escola é a de garantir a continuidade e a estabilidade sociais, pela transmissão às gerações ascendentes das normas e técnicas existentes aplicáveis no futuro. Ensinando a ciência feita e os valores experimentados, a escola é mais um elemento de conservadorismo social do que um factor de progresso” (1997:66). Por outro lado, Barroso et al, refere que a escola está em mudança e o que “ se pretende suscitar é a tomada de consciência sobre a criatividade espontaneamente associada às próprias interações do dia-a-dia.” (1999:6) Posto isto e tendo em conta que a arte é também vista como uma forma de linguagem, o produto criado por si só é uma forma de comunicação, esta permite ao sujeito uma aprendizagem do universo através de uma linguagem e comunicação diferentes. Logo, é correto dizer-se que, a educação pela arte é algo benéfico para a aprendizagem do individuo e por conseguinte para a sociedade. É importante que nas escolas hajam “

políticas culturais que visem, por um lado, incentivar a criação artística e intelectual e por outro, intervir ativamente no processo, sempre inacabado, de democratização social. (Barroso et al, 1999:6)

O conceito de arte deve ser visto de uma forma ampla, é sabido que a arte tem aspetos para serem aprendidos e utilizados por qualquer ser humano, pois através desta pode-se estruturar e organizar o “mundo”, respondendo aos desafios que dele provêm.

A arte vê o individuo para além da deficiência, ajudando-o a superar os desafios, desta forma, o ensino pela arte poderá constituir-se como um recurso educacional muito interessante, pois como refere Santos, o “Campo da arte, mundo onde quer cultural, quer educacionalmente, desempenha varias funções: ora comunicativas, ideológicas, instrutivas, ora criadoras, estéticas e outras.” (1999:23). A arte pode assim, ser um instrumento importante no processo educativo de pessoas portadoras de deficiência, pois esta vê a pessoa com necessidades educativas especiais como um ser humano com uma história social e cultural. Estes indivíduos necessitam de oportunidades diversificadas para a sua aprendizagem. Essa diversidade encontra-se na arte plástica, também conhecida por expressão plástica.

Desde já é importante esclarecer o termo de expressão plástica, como refere Sousa, “o termo «Expressão Plástica» foi adoptado pela educação pela arte portuguesa, para designar o modo de expressão-criação através do manuseamento e modificação de materiais plásticos.” (2003:159)

Na arte, ou expressão plástica não existe somente um único modelo de aprendizagem, existe um vasto número de técnicas e materiais que podem ser usados para estimular e adquirir conhecimentos, efetuando deste modo várias aprendizagens. Assim, “A expressão plástica é essencialmente uma atitude pedagógica diferente, não centrada na produção de obras de arte, mas na criança, no desenvolvimento das suas capacidades e

na satisfação das suas necessidades. As artes plásticas ao serviço da criança e não esta ao serviço das artes plásticas.” (Sousa, 2003:160). Posto isto é importante frisar que são as artes plásticas que são usadas em benefício da criança e não a criança para realizar obras de arte. Porém, isto não significa que a criança não crie obras de arte, esta pode produzir obras de arte, sendo que o foco do trabalho seja a estimulação e aprendizagem da criança.

A criança ao realizar atividades de expressão plástica está a aprender conteúdo de uma forma divertida enquanto revela ao adulto uma parte de si mesma, como por exemplo, a sua forma de pensar, de sentir, de interpretar determinada situação, isto é, a criança torna-se sujeito da aprendizagem através da interpretação da realidade. Desta forma é possível afirmar, que a área de expressão e educação plástica tem um contributo de extrema importância para o desenvolvimento harmonioso e integral da criança, pois esta “oferece à criança a criação plástica como modo de estimular a imaginação e desenvolver o seu raciocínio” (Sousa, 2003:170), tornado a criança mais desenvolvida, saudável e eficiente.

A educação pela arte possui ainda uma outra vertente, podendo também ser vista como uma forma de interação entre os alunos, pois cria uma ponte entre as diferenças trazendo compreensão e aceitação, fortalecendo relações, aumentando a autoconfiança e produzindo conhecimento. Desta forma e como referem Gloton e Clero “ o Mestre-escola ou o educador, cuja especialidade não é as artes plásticas, deve, no entanto, iniciar a criança, prepará-la para a criação, manter viva a sua necessidade expressiva, permitir portanto, uma educação do gosto e da sensibilidade.” (1997:119), dando à criança as ferramentas necessárias para perceber o mundo e a si própria.

Uma das formas de trabalhar a arte é através da imitação, muitas vezes inicia-se um trabalho por imitação, e como referem Gloton e Clero “ A criança é naturalmente

imitadora, (...)” (1997:44), esse fator juntamente com o fator diversidade que a arte plástica possui, ao serem bem explorados e bem conjugados promovem as condições necessárias para uma boa aprendizagem.

O ensino pela arte plástica é uma forma que o indivíduo tem de desenvolver a sua criatividade, o seu espírito iniciativa e o seu espírito crítico. Assim, “o actor criador de natureza plástica é a projeção de uma interioridade muitas vezes desconhecida do próprio agente, mas também o fruto de uma reflexão organizada; este acto exprime-se pelo gesto, a manipulação, e com a ajuda de materiais variáveis segundo as técnicas” (Gloton e Clero, 1997:138). Mas também no ensino através da arte é importante que exista uma adequação ao contexto, procurando conhecer a realidade, conhecer o aluno e a forma como ele aprende, usando os materiais e as técnicas adequadas, estabelecendo pontes de conhecimento, transformando conteúdos em arte. Desta forma pode-se dizer que ao fazer “um inventário das múltiplas aprendizagens que podem inscrever-se no ceio de uma nova pedagogia permitir-nos-á associar as artes plásticas com outros meios expressão, expressão corporal, música, expressão falada, expressão escrita.” (Gloton e Clero, 1997: 160). A arte plástica não é uma expressão isolada, podendo ser conjugada com outras “ciências”.

O trabalho com a expressão artística propicia uma atividade prazerosa às crianças, fazendo assim, da escola um lugar agradável. O uso do lúdico sempre foi um recurso a que os professores de vários níveis de ensino se habituaram a recorrer. Mas este instrumento é próprio do jardim-de-infância, ou como refere Santos,

Se bem que uma manifestação lúdica já seja visivelmente intensa antes da idade do Jardim-de-infância, isto é, antes do terceiro ano de vida, mercê, sobretudo, de jogos de feição sensório-motórica, jogos funcionais ou de exercício, característicos de um desabrochar biológico do ser humano, o facto é que a

actividade lúdica mais própria da nossa espécie se desenrola na idade da “graça”, como às vezes se designa, a dos 3 aos 6, 7 anos. (1999:57).

Entre os 3 e os 6 anos as crianças beneficiam mais das atividades lúdicas.

A arte plástica deve ser vista como facilitadora de novas formas de comunicação, pode ser vista como uma forma de “terapia” através da qual a criança expressa os seus medos e ansiedades. Todo o conhecimento deveria ter a arte como base, para que toda e qualquer criança se desenvolvesse de forma mais harmoniosa. É em idade de pré-escolar que a criança está mais desperta a essas atividades lúdicas e manuais, sendo importante que haja uma intencionalidade educativa juntamente com uma motivação para que a criança descubra o prazer de trabalhar com as mãos, utilizando esse recurso para agir e pensar sobre a realidade. “Assim, as atividades lúdicas e expressivas, entrelaçando-se globalmente, permitem num ambiente de Jardim de Infância, um equilibrado desenvolvimento da personalidade da criança”. (Santos, 1999:44).

As artes plásticas podem ser um poderoso instrumento para o trabalho pedagógico, contribuindo para a aprendizagem das matérias escolares. A educação pela arte incorporada às atividades da escola é um facilitador da aprendizagem das crianças, sendo um instrumento importante para evitar o fracasso e o insucesso dos alunos.

Muitas vezes o problema da arte no geral é que é vista apenas como uma opção e não faz parte do currículo. Indo de encontro à perspectiva de Gloton e Clero “demasiadas vezes, receitas, fórmulas de «ocupação» ou de trabalhos manuais substituem as opções por uma verdadeira educação plástica e estética.(...) as artes plásticas não são as únicas que se encontra nesta situação.” (1997:125).

Trabalhar com crianças é trabalhar com emoções. Ao se juntar a arte nessa combinação é necessário ter a sensibilidade de perceber o que a criança quer transmitir com um determinado trabalho e também ter em atenção ao que se diz, para que não se fira



suscetibilidades, pois a criança pode fazer uma interpretação diferente e retrair-se no trabalho a elaborar. Segundo Gloton e Clero,

A relação que se estabelece entre o adulto e a criança, nunca será demais repeti-lo, é, portanto, fundamental: é preciso sentir, em função da criança, o valor emocional daquilo que se diz, imaginar o sentido que ela irá emprestar-lhe, escutar aquilo que ela possa dizer para facilitar e melhorar a comunicação, fonte de uma transformação qualitativa, compreender qual será a significação que as nossas afirmações terão para ela e compreender, sobretudo, que as apreciações magistrais sobre aquilo que ela faz podem ser perigosas para o seu equilíbrio afectivo e mental.” (1997:141/142)

O adulto deve ter em atenção que a criança está à espera do seu feedback, da sua opinião e que esta é importante para ela. Logo é pertinente que este seja cauteloso nas observações que faz ao trabalho da criança.

As artes plásticas são formas de expressão, que se realizam utilizando diversas técnicas, através das quais se manipulam materiais para construir formas e imagens que revelem um conhecimento misturado com uma conceção estética. Considerando esse fator é pertinente dizer que,

A associação de diversos materiais nas suas criações, permitirá à criança aperceber-se das qualidades específicas de cada um deles e, ao mesmo tempo, da diversidade da sua função plástica, no jogo diversificado das superfícies, das formas e das cores, tanto no que se refere às criações puramente artísticas, como às criações utilitárias, destinadas a misturarem-se com a vida de todos os dias. (Gloton e Clero, 1997:173)

O sucesso dos trabalhos relacionados com as artes plásticas está diretamente relacionado com a diversificação das técnicas assim como com a sua evolução. Como referem os artistas acima citados “devemos ter em conta a apreciação das modificações que as técnicas novas introduzem na percepção e este aspecto é essencial para a

educação plástica.” (Gloton e Clero, 1997: 155). É importante conciliar técnicas e instrumentos com materiais e formas para obter um resultado melhor de forma a enriquecer o trabalho e a criança tirar o máximo partido da aprendizagem efetuada. A essência das artes plásticas está em diversificar materiais e técnicas e criar algo bonito com isso, como diz Gloton e Clero “ os valores plásticos constantes da arte traduzem-se num conjunto de relações inventadas.” (1997: 157)

Em suma, depois de tudo o que foi referido anteriormente, deve-se assumir que as artes, e as suas diversas formas de expressões, são áreas indispensáveis a um bom desenvolvimento global do ser humano deverão por isso, ser incentivadas ao longo de toda a vida. E assim, por processos de expressão e relação com outrem, se promoverá também uma pedagogia social, e a tal formação e integração numa escolaridade pedagogicamente aberta e significativa. Não esquecendo porém, a advertência de A. Stern cit in Santos, de que “mesmo a nível mais orientador, a educação artística da criança pertence à pedagogia e não à estética”. (1999:38).

A perspetivação na avaliação das artes plásticas é um caminho que possibilita ver como a criança inicia o seu processo de adaptação à realidade através de uma conquista física, funcional aprendendo a lidar de uma forma cada vez mais coordenada, flexível e intencional com o mundo que a rodeia, situando-se e organizando-se num contexto que começa a fazer sentido para si e, pouco a pouco, ir mudando a sua forma de interagir com o meio.

### 3. Educação Especial

A educação especial tem como objetivo geral e segundo o Decreto-Lei 3/2008 de 7 de janeiro que regulamenta atualmente a Educação Especial em Portugal, “promover a igualdade de oportunidades, valorizar a educação e promover a melhoria do ensino” (2008: 154). O grande desafio da educação especial é proporcionar um ensino de qualidade reconhecendo as diferenças como fator enriquecedor no processo educacional. Desta forma, a escola deve ser um espaço de desenvolvimento de competências, na qual a criança interage com os seus pares e com os adultos que a rodeiam, apesar das limitações que possa ter. O referido decreto, também refere que a “educação especial tem por objectivos a inclusão educativa e social, o acesso e o sucesso educativo, a autonomia, a estabilidade emocional, bem como a promoção da igualdade de oportunidades” (2008: 155). Assim, o ensino especializado deve ser uma ação do sistema de educação para promover a diversidade ao longo do processo educativo. Como refere Landivar “em educação especial, programa-se sempre para uma determinada criança, da qual conhecemos o relatório descritivo (...), ou na ausência deste, o resultado da observação concluída pelo mesmo professor” (1990: 3). Tendo em conta que no caso da criança com deficiência, ela “aprende somente fazendo” (Landivar, 1990:3), é importante que as atividades sejam planeadas e de acordo com o nível de desenvolvimento intelectual da criança. Desta forma “os exercícios devem ser repetitivos, numa sucessão regulada no tempo e a estruturação do espaço em zonas rigorosamente escolhidas para cada uma das atividades.” (Schopler cit in Vidigal e Guapo, 2003:226)

Rodrigues define como “modelo educacional”, o trabalho em equipa onde “um conjunto de técnicos discute a caracterização, o plano de intervenção, a avaliação e o

encaminhamento do caso”. (1995:543) Esta equipa deve ter uma atuação coerente e clara sobre o processo de aprendizagem da criança, envolvendo a família e os outros intervenientes. Segundo Telmo “um bom programa individual de intervenção (...) requer o recurso a diferentes abordagens e estratégias e (...) deve ser modificado de acordo com a evolução das capacidades e competências da criança, dos seus interesses e das suas dificuldades”. (2008: 36). Na opinião de Garcia e Rodriguez para que os autistas superem as suas dificuldades é importante “ (...) planejar situações de ensino muito estruturadas, dividindo em pequenos passos e metas o que queremos que aprendam” (1997: 263). Com os autistas trabalha-se por pequenos objetivos. Pereira corrobora ao escrever que “a definição individualizada dos objectivos deve ter como pressuposto um conhecimento (...) da natureza do autista, bem como das características da criança em análise” e “pressupondo que os objetivos individuais “ (...) estejam de acordo com a avaliação prévia, que sejam funcionais (...) que estejam em conformidade com a idade cronológica do aluno” (2006:20). Desta forma é possível afirmar que a educação deve ser direcionada para a criança, tendo em conta as características do autismo e as características da própria criança. Assim, é necessário adaptar materiais e técnicas. Segundo Pereira “ (...) para ensinar consciente e eficazmente um aluno autista, o professor deve proporcionar-lhe a adequação dos materiais e recursos disponíveis”. (2006: 23). Um autista tem necessidade de contato visual e tátil para efetuar a sua aprendizagem, assim Nielsen defende que o processo de aprendizagem de um aluno autista tem uma base visual, referindo que é “ (...) essencial o recurso a material de apoio visual concreto e tangível”. (1999:41). É importante também não esquecer que “ (...) organizar um espaço de ensino pode atenuar as dificuldades de compreensão do aluno, pois sabe-se que os autistas respondem bem aos sistemas organizados”. (Pereira, 2006: 21). Operação charme

## **Parte II**

---

# **Enquadramento Metodológico**

## **1. Metodologia**

Um trabalho de investigação tem uma metodologia própria que deve ser apresentada de forma ordenada, levando à aquisição de resultados. De acordo com Alami, Desjeux e Moussaoui “A pertinência de um método deve ser avaliada à luz do objecto da pesquisa. Ela depende do seu contexto de utilização, dos objetivos determinados para a pesquisa e, mais globalmente, da questão a ser tratada.” (2010:19).

Ao serem tomadas opções metodológicas, o investigador deve dominar a opção escolhida, de maneira a utilizar o método científico com o máximo de rigor e honestidade.

Dado o objetivo deste estudo, houve a necessidade de uma reflexão sobre os processos metodológicos, de forma a perceber qual o que melhor se adequa à investigação. Como refere Flick, “São igualmente necessárias ideias claras acerca da natureza dos problemas a resolver com a investigação, para garantir a justeza das decisões metodológicas.” (2005:48).

### **1.1- Investigação-Ação**

Diante de uma problemática tão recorrente nas Necessidades Educativas Especiais, como é o caso do Autismo e onde ainda existe tanto para descobrir, emerge a necessidade de melhor perceber as complexidades desta população, cujas aprendizagens escolares têm inevitavelmente que ser simplificadas e constantemente repetidas.

Desta forma, a intenção é proceder-se a uma investigação-ação, na qual se pretende e de acordo com Elliott cit. in. Bell, “(...)estimular a capacidade de ajuizar de forma prática em situações concretas (...)” (2008:21). Assim, é admissível dizer que uma investigação-ação é, e segundo Elliott cit. in. Ketele & Roegiers, uma maneira de “ (...) aprofundar a compreensão que o professor tem do seu problema; (...)” (1999:114), pois a

investigação-ação “vê o problema do ponto de vista dos que estão implicados nela” (Elliott cit. in. Ketele & Roegiers, 1999:114).

Na reflexão inicial colocou-se a questão: qual a investigação que é necessário fazer? Após proceder à pesquisa e recolha de informação deve-se refletir sobre, o que é que se pode fazer com este material para tornar o caso mais convincente? Estas questões mostram-se fulcrais para a análise da temática em estudo: as artes plásticas na promoção da concentração da criança com autismo. Assim, e como referem Brown e McIntyre cit. in. Bell, “As questões de uma pesquisa surgem de uma análise dos problemas de quem a pratica em determinada situação, tornando-se então o seu objectivo imediato a compreensão desse problema” (2008:21), sendo o trabalho prático uma peça fundamental, e segundo Máximo-Esteves, é importante referir que “O conhecimento profissional prático é uma janela para uma melhor compreensão e apropriação da prática profissional” (2008:8).

Tal como refere Marques, a investigação-ação “Designa uma tipologia de investigação realizada *in loco*, com vista a conhecer um problema concreto localizado numa situação imediata. (...) O objectivo é que os resultados do estudo possam ser traduzidos em modificações, ajustamentos e mudanças (...)” (2000:82). Neste processo, o investigador revela um papel importante nos resultados da investigação, porque determina um problema, planeia uma provável solução e coloca-a em prática, com o propósito de registar os seus possíveis benefícios na resolução do problema determinado, assim pode-se dizer que, “Na investigação-acção, os professores são investigadores das suas próprias práticas e a relação entre a teoria e a prática (...) deixa de ser unidireccional para passar a ter dois sentidos” (Oliveira et al, 2004:112).

Máximo-Esteves diz que é um tipo de investigação produtiva, pois, note-se que “ (...) decorre da procura de resposta para o fosso intransponível existente entre o

conhecimento teórico produzido pela investigação tradicional e as necessidades da prática” (2008:15). Ou de uma forma mais simples, este tipo de investigação não é mais que, “o estudo de uma situação social com o objectivo de melhorar a qualidade da acção desenvolvida no seu interior” (Elliott cit. in. Afonso, 2005:74).

Numa investigação desta natureza os registos documentais durante a investigação, são de extrema importância pois os factos observados nunca falam por si próprios. Este tipo de investigação deve ser feito com fonte direta de dados em ambiente natural. E deverá centrar-se mais no processo do que nos resultados ou produtos. É certo que este tipo de investigação analisa as populações que estão subjugadas a todo o tipo de influências sociais, culturais, emocionais, entre outras. Deste modo, ainda que a problemática seja a mesma, os resultados do mesmo método podem variar conforme a população estudada. Mesmo assim, não deixa de ser uma ótima forma de estudo, permitindo investigar ao pormenor as necessidades específicas de cada indivíduo. De acordo com Máximo-Esteves “as características da investigação-acção são: o carácter participativo, o impulso democrático e o contributo simultâneo para a mudança social e para a ciência social” (2008:9). Assim, desta forma pode-se explicar este tipo de investigação como um impulso promissor, para uma mudança educativa.

Procedeu-se à investigação-ação, com a questão de partida: “poderão as artes plásticas constituir um recurso de apoio à melhoria da concentração da criança com autismo?”, na tentativa de compreender na prática, se o tipo de atividades que fazem parte das artes plásticas, são funcionais com as necessidades que uma criança com autismo demonstrar, tendo em conta que, “as «teorias» não são validadas independentemente, e de seguida aplicadas à prática, são validadas através da prática” (Elliott cit. in. Bell, 2008: 21). Ou seja, são validadas através de uma continuidade da prática. Desta forma, a



investigação-ação é a técnica de investigação que melhor se adequa às necessidades do presente caso.

De acordo com o que foi referido anteriormente acerca da investigação-ação presume-se que o presente trabalho se possa incluir dentro deste tipo de metodologia, pois o estudo não foi predominantemente teórico e científico sobre a problemática do autismo. Embora tivesse existido um tipo de pesquisa caracterizante no que se refere à criança, que serviu de suporte para perceber o caso em questão, este não foi um estudo muito descritivo, sendo um estudo mais ligado à intervenção da investigadora, usando uma metodologia de contacto com a criança, onde houve um trabalho no sentido de colmatar as suas dificuldades, com resultados positivos.

O presente trabalho não tinha apenas como intenção fazer uma descrição da situação, mas também intervir e obter resultados positivos e por tanto neste sentido pode-se dizer que era um trabalho de investigação-ação, ou seja, não foi apenas a descrição de uma realidade, mas sim, a compreensão dessa realidade para desta forma poder intervir nela. E assim, de acordo com a situação de contacto direto com a criança iam-se procedendo aos registos que posteriormente foram trabalhados e analisados em síntese de acordo com os parâmetros identificados na investigação-ação.

## **1.2- Questões Orientadoras do Estudo**

A questão de partida supracitada levou à colocação de outras questões que estruturam o interesse investigativo. As questões são claras e concretas, pois “ a formulação concreta das questões de investigação é orientada pelo objecto de clarificar o que os contactos de campo revelam. Quanto menor for a clareza na formulação das questões, maior é o risco de o investigador acabar por se ver confrontado com montanhas de dados, para cuja interpretação se sentirá extremamente desamparado” (Flick, 2005:47)

Posto isto, as questões são as seguintes:

- ✓ Quais as dificuldades manifestadas por um aluno com autismo?
- ✓ Qual a receptividade deste aluno a materiais plásticos?
- ✓ Quais as vantagens das artes plásticas na educação?
- ✓ São observáveis melhorias?

Desta forma, foram estas questões que se colocaram e que estão subjacentes ao estudo que se desenvolveu, às quais tentaremos dar resposta com a concretização do mesmo.

### **1.3- Objetivo do Estudo**

Tendo como base a pergunta de partida (problema), definiu-se como objetivos de investigação:

- Perceber a receptividade do aluno em questão a materiais plásticos;
- Estudar o Autismo;
- Perceber se as atividades de arte plástica podem estimular a concentração de crianças com Autismo;
- Identificar vantagens do uso das artes plásticas na educação;

### **1.4- Sujeito do Estudo**

Este estudo incidiu sobre uma criança de 5 anos, do sexo masculino portadora da síndrome de autismo, inserida numa turma regular do pré-escolar, num jardim-de-infância público, a receber apoio da equipa de intervenção precoce da APEXA.

O nome fictício escolhido para a criança foi Eduardo, porque era esse nome a segunda hipótese de nome que os pais consideraram para a criança.

## **1.5- Instrumentos e Procedimentos Metodológicos**

### **1.5.1- Análise Documental**

A importância da análise documental é confirmada pela necessidade do investigador em fundamentar, justificar e compreender o seu estudo. É importante procurar informações que anteriormente já foram certificadas e registadas por outros investigadores. A análise documental, segundo Afonso, “ (...) consiste na utilização de informação existente em documentos anteriormente elaborados, com objectivo de obter dados relevantes para responder às questões de investigação” (2005:88). Assim, a análise de documentos poderá adotar diversas formas, podendo os documentos serem escritos, publicados, oficiais, científicos ou de utilização limitada no tempo. (Ketele & Roegiers, 1999).

Será pertinente obter documentos com informação significativa, que acrescente qualidade à investigação, pois, o importante é a qualidade e não a quantidade de documentos. Bell ainda acrescenta o fator tempo como crucial no decorrer da pesquisa, pois de acordo com o referido autor “A quantidade de material documental que o investigador pode estudar é inevitavelmente influenciada pelo tempo de que este dispõe para esta fase da investigação” (2008:106).

De acordo com Quivy e Campanhoudt, “A escolha das leituras deve ser realizada com muito cuidado. Qualquer que seja o tipo e a amplitude do trabalho, um investigador, dispõe sempre de um tempo de leitura limitado” (1998:51). Não sendo possível investigar tudo, é preciso que o investigador saiba fazer a triagem dos documentos, assim, como refere Bell, “é então necessária uma «selecção controlada» para assegurar que nenhuma categoria importante é deixada de fora” (2008:107).

Este foi o tipo de análise eleito para a presente investigação, por melhor se enquadrar nas características e condições disponíveis. Assim, procedeu-se de forma objetiva à seleção de todos os documentos que pudessem ser úteis para dar resposta às questões do

estudo. O objetivo foi “fazer o ponto da situação acerca dos conhecimentos que interessam para a pergunta de partida, explorando ao máximo cada minuto de leitura” (Quivy e Campanhoudt, 1998:52). Posto isto, passou-se à consulta, leitura e interpretação do material selecionado. As fontes de recolha foram essencialmente escritas, tratando-se de documentos, diagnósticos e livros. De referir que foi consultado o processo da criança, onde constam relatórios médicos, relatórios de avaliação psicológica, relatórios de informação clínica pediátrica, e a Checklist (documentos não disponibilizados para anexo).

### **1.5.2- Entrevista**

Uma entrevista baseia-se numa conversa propositada que embora por vezes possam participar mais pessoas, mas habitualmente acontece entre duas, um entrevistador e um entrevistado, que tem como objetivo obter informações do entrevistado sobre um determinado assunto ou problema. Moser e Kalton cit. in. Bell partilham da mesma opinião, pois, “descrevem a entrevista como uma conversa entre um entrevistador e um entrevistado que tem o objectivo de extrair determinada informação do entrevistado” (2008:137). E de forma a clarear e reforçar esta ideia, Morgan cit. in. Bogdan e Biklen refere que uma entrevista é uma “conversa intencional, geralmente entre duas pessoas, embora por vezes possa envolver mais pessoas dirigida por uma das pessoas, com o objectivo de obter informações sobre outra” (1994:134). Estrela ainda vai mais longe dizendo que, “A finalidade das entrevistas a realizar consiste, em última instância, na recolha de dados de opinião que permitam não só fornecer pistas para a caracterização do processo em estudo, como também conhecer, sob alguns aspectos, os intervenientes do processo” (1994:342), possibilitando a existência de um contacto mais direto com os entrevistados.

Assim, tendo em conta os objetivos deste estudo, para a recolha de dados necessários foi pertinente recorrer à técnica da entrevista, na sua vertente de semi-estruturada. Na referida técnica é necessário ter em atenção alguns aspetos, assim, numa entrevista, é de extrema importância e antes de mais, determinar o que se quer saber e porque é que é necessária essa informação. Seguidamente dever-se-á delinear o esquema de perguntas, determinando-se qual o tipo de entrevista que mais se adequa, daí irá resultar o guião da entrevista. “O guião deve ser construído a partir das questões de pesquisa e eixos de análise do projecto de investigação” (Afonso, 2005:99).

Outro aspeto a ter em consideração é o lugar onde se realiza a entrevista, como referem Ghiglione e Matalon, “De facto não é indiferente que a entrevista tenha lugar num sitio calmo ou barulhento, num escritório ou na rua (...)” (1995:70), o ambiente ao redor da entrevista também vai influenciar e até possivelmente condicionar as respostas do entrevistado, assim é importante “ (...) procurar que a entrevista se desenrole num ambiente e num contexto adequados” (Quivy e Campanhoudt, 1998:76). É fundamental, que antes da entrevista o entrevistador se prepare e reúna toda a informação possível sobre o assunto que pretende investigar.

Para que a entrevista seja bem sucedida, é importante que exista uma empatia entre os intervenientes da mesma para que a informação flua e seja proveitosa. Bogdan e Biklen referem que os “sujeitos devem estar à vontade e falarem livremente sobre os seus pontos de vista. As boas entrevistas produzem uma riqueza de dados, recheados de palavras que revelam a perspectivas dos respondentes.” (1994: p.136). posto isto, é necessário ter em atenção a maneira como coloca as questões, pois “A forma como se fizer as perguntas será certamente muito importante. (...) pôr à vontade o entrevistado permite-lhe registar as respostas de forma a saber quando a entrevista chegou ao fim” (Bell, 2008:138).

A entrevista tem a vantagem de se poder ver a expressão facial, e segundo Bell, “a forma como determinada resposta é dada (tom de voz, a expressão facial, a hesitação, etc.) pode transmitir informações que uma resposta escrita nunca revelaria” (2008:137), isto é, é importante ter atenção ao roteiro pré concebido, mas também às manifestações não-verbais. Para que a informação recolhida seja fidedigna, Bogdan e Biklen, sugerem o uso de um gravador porque, “a utilização de um gravador durante a entrevista levanta algumas considerações especiais, em termos de relações de investigação” (1994:139) e também porque, como referem Quivy e Campanhoudt, “ (...) do ponto de vista técnico é indispensável gravar a entrevista” (1998:76).

O tipo de entrevista levada a cabo para o presente estudo foi a entrevista semidirecta, que segundo Ketele e Roegiers“(...)quando o entrevistador tem previstas algumas perguntas para lançar a título de ponto de referência” (1999:21). A escolha do método da entrevista é essencial, assim como, a sua correta aplicação, pois, deverá permitir ao investigador retirar das informações recolhidas elementos de reflexão importantes.

Foram feitas cinco entrevistas, quatro individuais (anexos I,II,III,IV) e uma conjunta (anexo V). Para que estas estivessem devidamente organizadas foi elaborado o guião de entrevista, como refere Afonso, as entrevistas “em geral são conduzidas a partir de um guião que constitui o instrumento de gestão da entrevista (...)”(2005:99). Deste guião (Anexo VI), constam anotações que serviram para ajudar a condução da entrevista, como alguns aspetos a ter em atenção durante a mesma. Foi elaborado um texto inicial que dá a conhecer os motivos e os objetivos da entrevista. Posteriormente foi construído um enunciado, com um conjunto de questões propostas.

No momento da entrevista, deu-se início à mesma com um breve esclarecimento do que se pretende do entrevistado e do objetivo da entrevista, garantindo-se a confidencialidade do entrevistado assim como das suas respostas. Tal como foi referido

anteriormente, local de realização da entrevista é muito importante. Portanto, tentou-se levar os entrevistados para um ambiente agradável com condições de privacidade e verificar se o espaço da entrevista favorece a descontração do entrevistado, com preocupação em manter uma distância audível entre o entrevistado e o entrevistador. No decorrer da entrevista, houve um esforço por mostrar compreensão e simpatia pelo entrevistado, através do uso de um tom amistoso de conversa. No que diz respeito à apresentação oral das questões, foi evitado influenciar as respostas pela entoação. Durante a entrevista procedeu-se ao registo de tudo o que o entrevistado disse através de gravação, com a prévia autorização do entrevistado, sendo este, também informado do tempo previsto de duração da entrevista. Posteriormente, na análise da entrevista (Anexo VII), foram registadas exatamente as mesmas palavras do entrevistado, fazendo-se resumos só posteriormente. Verificou-se a importância do material recolhido em relação aos objetivos do estudo, a especificidade e clareza e a extensão das respostas. Foi construída uma tabela de registo das categorias apontadas em cada entrevistado, com a descrição da recolha e o tratamento de dados (anexo VII).

Nos entrevistados, incluem-se os intervenientes diretos na educação do aluno em estudo e os técnicos. Considerou-se necessário entrevistar a educadora do aluno, para se melhorarem algumas informações que não estivessem clarificadas na análise documental. Também foi feita uma entrevista aos encarregados de educação no sentido de melhor se compreender a sua problemática e as suas dificuldades em contexto familiar. Na perspetiva de se obter informações no âmbito científico, procurou-se recolher informações junto à psicóloga, terapeuta da fala e terapeuta ocupacional.

### **1.5.3-Observação Participante**

Posteriormente à pesquisa documental é pertinente afirmar, e segundo Estrela que, “Fala-se de observação participante quando, de algum modo, o observador participa na

vida do grupo estudado” (1994:31). Assim este tipo de investigação comporta um grau de envolvimento elevado pois, “ (...) é de fundamental importância o envolvimento dos pesquisadores (as) nas comunidades em que se realiza o processo de estudo e pesquisa” (Oliveira, 2010:75), para que os resultados sejam o mais confiáveis possível. Desta forma, compreende-se que este tipo de investigação seja considerada uma “Técnica de investigação (...) cujo objectivo é integrar o investigador no fenómeno e estudar, de modo a conseguir uma análise muito profunda e exhaustiva” (Marques, 2000: 142). Em jeito de síntese, Afonso afirma que observação participativa é “uma técnica de recolha de dados particularmente útil e fidedigna, na medida em que a informação obtida não se encontra condicionada pelas opiniões e pontos de vista dos sujeitos, como acontece nas entrevistas e nos questionários” (2005:91).

É também importante reter que, “O planeamento e a condução cuidadosa deste tipo de estudo são essenciais e é necessária alguma prática para tirar o máximo partido desta técnica” (Bell, 2008:161). Desta forma, antes de cada sessão requer sempre que haja uma preparação da atividade com objetivos bem delineados.

Tendo em consideração que “a observação permite o conhecimento directo dos fenómenos, tal como eles acontecem num determinado contexto.” (Máximo-Esteves, 2008: 87), é importante que os registos sejam feitos durante a observação ou no tempo imediatamente a seguir à mesma. Este tipo de investigação, segundo Borba e Reason cit. in. Oliveira et al, “pretende desenvolver nos indivíduos, de uma forma mais profunda e permanente, a sua capacidade de reflexão (...) para que possam criar o seu próprio conhecimento.” (2004:63).

A observação participante é feita em contacto direto e frequente do investigador, com os atores sociais, nos seus contextos. Assim, recorreu-se à observação participante para se poder satisfazer os critérios desta investigação que requer forçosamente o estudo do caso



do Eduardo [nome fictício] durante um período de tempo, com interação de ambas as partes, obtendo resultados com base nesta colaboração e seguindo a consideração de Tandon cit. in. Oliveira et al, ao dizer-nos que “A investigação participativa propõe-se, assim, apresentar os indivíduos como seus próprios investigadores” (2004: 64). No decorrer da investigação procurou-se adotar uma atitude de proximidade com o aluno, construindo uma relação e obtendo assim um conhecimento melhor do observado.

Foram utilizadas como base de registo as observações que constam no registo de sessões e algumas fotografias (anexo VIII) que foram tiradas no decorrer das sessões.

## **Parte III**

---

### **Estudo Realizado**

## 1. Caraterização da Criança

As características que irão ser apresentadas foram retiradas a partir de informações fornecidas através das entrevistas aos pais, à psicóloga, à terapeuta da fala, à terapeuta ocupacional, à educadora e também através de observação direta e da informação constante no processo do Eduardo.

No que concerne ao perfil da criança intervencionada, trata-se de um menino, nascido a 26 de Dezembro de 2007, tendo atualmente 5 anos. De acordo com o processo do Eduardo, a gravidez foi desejada e sem problemas, o parto correu bem, sem complicações.

Desde o nascimento, o seu desenvolvimento foi normal, “aos seis meses disse a palavra «pai» ” (Anexo V) olhando para o pai. Para além dessa palavra emitia sons. Aos “18 meses parou de emitir qualquer som, só chorava” (Anexo V). Esse facto e embora não tivesse nenhum comportamento estranho, já começou a preocupar os pais.

Aos dois anos entrou para uma instituição privada, que por falta de uma pessoa que o apoiasse o colocaram junto aos bebés. Aos dois anos e três meses começou a ter apoio educativo na APEXA, beneficiando de terapia ocupacional, terapia da fala e a família beneficiava das sessões com a psicóloga. Aos 29 meses foi-lhe realizado o teste de Avaliação do Desenvolvimento dos 0 aos 5 anos- “the Schedule of Growing Skills” na consulta de psicomotricidade.

No relatório médico aos dois anos e três meses, os médicos suspeitavam de autismo.

Aos dois anos e quatro meses, o Eduardo para além da ausência da linguagem, mostrava um comportamento agitado, não parava numa atividade, não tinha noção do perigo, subia tudo e saltava sem medo, não se relacionava com as outras crianças e revelava comportamentos agressivos. Era carinhoso com os pais, gostava de estar sozinho, não fixava o olhar, adorava televisão, ouvir música e tinha uma fixação por abrir e fechar portas, gavetas e interruptores e por rodas de bicicletas. Rangia os dentes, rasgava tudo, livros e revistas.

Aos 3 anos o Eduardo entrou para o pré-escola, uma instituição pública, onde a adaptação não foi fácil, ele continuava a ter comportamentos agressivos com as crianças.

Atualmente e segundo a psicóloga, o Eduardo tem “uma perturbação do Espectro de Autismo grave” (Anexo II), patologia essa que acarreta graves dificuldades ao nível da comunicação, da socialização, a nível cognitivo e da concentração.

As maiores dificuldades do Eduardo atualmente são ao nível da comunicação, ele não fala apenas imite sons, ao nível da concentração, não permanece sentado a fazer uma atividade, não olha para o que está a fazer, e quando olha é uma questão de segundos. “Tem dificuldades em agir positivamente às mudanças” (Anexo II), ficando muitas vezes frustrado.

De acordo com a terapeuta ocupacional, o Eduardo ainda tem” uma noção muito básica da rotina diária” (anexo IV), apenas antecipa alguns acontecimentos.

Apesar das dificuldades de comunicação o Eduardo ainda não tem uma tabela de comunicação, segundo a terapeuta da fala, é devido à “falta de interesse pela simbologia” (Anexo III).

De acordo com os pais o Eduardo “adora brincar com água, fazer bolos, gosta de fazer comida, limpar a casa e dançar” (Anexo V).

De acordo com a observação direta o Eduardo é uma criança meiga, que cria facilmente laços, gosta de contacto físico, procura o adulto muitas vezes só para dar a mão ou para receber mimos. Dentro da sala de atividades, juntamente com as outras crianças, ele está no «mundinho dele», não há uma relação com nenhum dos colegas, ele vagueia pela sala e fixa muitas vezes um ponto, olha para o adulto causalmente e de relance. Olha quando ouve o seu nome e obedece às pessoas que lhe são familiares. Adora mexer nas orelhas das outras pessoas, não com intenção de magoar, mas só por mexer. Costuma pegar nos dedos, um de cada mão de outra pessoa e «enfiar» uma unha dentro da outra. Anda sempre a roer as suas próprias unhas e durante uma atividade tem tendência para levar tudo à boca. Ele por vezes distrai-se a abotoar e a desabotoar os botões do próprio bibe. Quando quer alguma coisa pega na mão do adulto e leva-a ao que quer. No espaço exterior comporta-se como na sala, anda à volta do recinto, se for chamado responde ao chamamento com um olhar. Costuma apanhar alfarrobas e comer, põe na boca come o interior e cospe a casca, ou então parte ao meio, come o que está dentro e joga a casca fora. Tem muita tendência em fugir para a zona do refeitório.

## 2. Apoios Educativos

*“A delineação do contrato terapêutico parece ser fundamental para as formas básicas de cura, comunicação e relação que se desenvolvem entre paciente e terapeuta. É nessa última área, definida em termos de formas maturacionais de relacionamento (autismo, simbiose, parasitismo e comensalismo) que muitos novos conceitos clínicos adicionais têm sido formados. Os fatores que determinam a forma de relacionamento entre os dois participantes do tratamento e as implicações dessa dimensão para a experiência terapêutica e para a natureza do trabalho terapêutico são esclarecidos a partir de muitos pontos de observação.” (Langs, 1984:12)*

É normal aparecerem nas escolas alunos com dificuldades de aprendizagem, quer a nível cognitivo quer a nível motor. Para as crianças com dificuldades a nível motor é necessário que a escola possua material especializado ou adaptado às suas dificuldades. Quanto à dificuldade ao nível cognitivo o plano deve ser outro, é preciso diversificar e criar atividades que despertem o interesse da criança e ao mesmo tempo sejam geradoras de situações de aprendizagem. É necessário proporcionar “um plano de apoio educativo com actividades variadas e que despertem o interesse da criança.” (Felizardo, 1999:10)

Nem sempre as atividades desenvolvidas na sala de atividades são interessantes para a criança com problemas de desenvolvimento, esta nem sempre consegue visualizar a sua utilização o que a leva à desmotivação. É importante que nos apoios sejam criadas “(...) situações educativas que promovam o desenvolvimento de capacidades, destrezas, atitudes e comportamentos que contribuam não só para o sucesso escolar do aluno como para a sua formação pessoal e social.” (Kirkby e Alaiz, 1995:62)

Falar de apoios educativos na educação de infância é falar de intervenção precoce. Já muito se falou sobre o assunto e de uma forma sucinta pode-se dizer que a intervenção precoce é, o conjunto de serviços, apoios e recursos necessários para responder quer às necessidades específicas de uma criança, quer às necessidades que as suas famílias

poderão ter no que respeita à promoção do desenvolvimento da criança. Desta forma, a intervenção precoce “é um processo sistemático de planeamento e fornecimento de serviços terapêuticos e educacionais a famílias que necessitam de apoio para dar resposta às necessidades desenvolvimentais das crianças desde o nascimento até ao período pré-escolar” (Papalia et al.2001:195) e nela estão inseridas todo o tipo de atividades e procedimentos destinados a promover o desenvolvimento e a aprendizagem da criança, assim como o conjunto de oportunidades para que as famílias possam promover esse mesmo desenvolvimento e aprendizagem.

De acordo com Myers “ são preconizadas acções que visem, não só a sobrevivência da criança, mas o seu crescimento e desenvolvimento, que sejam aplicadas na primeira infância e atinjam todos e tudo o que rodeia a criança nos seus primeiros tempos de vida.” (1990: 10) Assim, a intervenção precoce é constituída por uma equipa de profissionais de várias áreas. Da equipa da APEXA fazem parte a fisioterapia, a psicologia, a terapia da fala, a terapia ocupacional, apoio educativo e o serviço social. O Eduardo (nome fictício) beneficia das sessões de terapia ocupacional, terapia da fala e psicologia.

## **2.1- Terapia Ocupacional**

A terapia ocupacional é uma ciência de ordem psicologia que prepara o individuo para as atividades do dia-a-dia, para que este possa ter uma vida funcional. Desta forma pode se dizer que a terapia ocupacional ajuda o individuo a construir ou reorganizar o seu quotidiano, pois melhora a coordenação e o planeamento dos movimentos, melhorando aspetos sociais e ambientais, permitindo ao individuo participar nas atividades sociais. De acordo com Takatori “na terapia ocupacional está implícito o desenvolvimento de ações que privilegiam sempre a história social do sujeito.” (2003:7)

Ao recorrer à terapia ocupacional é necessário ter em atenção às características individuais de cada um e à disfunção apresentada.

Segundo a autora Marisa Takatori (2003), existe a necessidade de estabelecer objetivos que deem prioridade à compreensão da singularidade do sujeito, isto é, à forma como este é e faz, e das características do seu quotidiano.

A terapia ocupacional é diferente da fisioterapia, pois esta última é direcionada para o corpo, são exercícios dirigidos para reativar certas funções musculares, recuperando movimentos. Pode-se dizer que a fisioterapia trabalha o corpo, prepara-o para o movimento enquanto a terapia ocupacional trabalha o movimento. Estas são duas profissões complementares, e ambas zelam pela saúde, com o objetivo de dar ao paciente um melhor desempenho funcional e por conseguinte melhorando qualidade de vida. O terapeuta ocupacional trabalha com atividades, planeia e organiza o quotidiano, dando a possibilidade ao paciente de ter uma melhor qualidade de vida, tendo o maior grau de independência e autonomia possível.

A terapia ocupacional trabalha a reabilitação de atividades desde as mais simples, como levar alimentos à boca, às mais complexas, como conduzir um automóvel. Esta “visa buscar a independência funcional e a autonomia do indivíduo, considerando suas necessidades e seu cotidiano como fenómenos singulares.” (Takatori, 2003:7), prevenindo, desenvolvendo, tratando e recuperando movimentos nas pessoas que apresentem quaisquer alterações na realização de atividades de autocuidado ou de interação social, melhorando o desempenho funcional e reduzindo desvantagens. Como refere Takatori” no processo terapêutico o paciente, ao realizar as atividades, faz uso de diversos aspetos sensoriais, motores, cognitivos e perceptuais e desenvolve habilidades” (2003:7) Seja qual for o diagnóstico o principal objetivo da intervenção da terapia ocupacional é melhorar o desempenho do indivíduo nas atividades.

A terapia ocupacional nas crianças com autismo ajuda a desenvolver a sua recetividade. É possível dizer que “ (...) a terapia ocupacional se afigura como uma forma de conhecimento mais integral do homem, de uma abordagem holística, tanto dando importância à área física como à mental, indissociando-as” (Pádua e Magalhães, 2003: 27).

É importante realizar todo o tipo de atividades, pois “a prática dessas atividades pode produzir tanto respostas afetivas, cognitivas como sensoriais e motoras.” (Pádua e Magalhães) Todas as atividades realizadas na prática da terapia ocupacional promovem a aprendizagem e a superação dos limites bem como a perceção das dificuldades do paciente. Quando o estudo foi iniciado o Eduardo beneficiava de uma sessão por semana com a Terapeuta ocupacional, entretanto passou a ter duas, segundo a terapeuta ocupacional, verificou-se a necessidade de aumentar o número de sessões devido ao atraso verificado no desenvolvimento do Eduardo.

## **2.2-Terapia da Fala**

A linguagem e a comunicação são de extrema importância para o ser humano, pois é o recurso pelo qual vive em sociedade. Como referem Costa e Santos, “ a linguagem é um conjunto de hábitos verbais desenvolvidos através de interações sociais do tipo estímulo-resposta.” (2003:18)

Qualquer alteração no seu desenvolvimento implica perturbações noutras áreas. A intervenção precoce deve ser eficaz na deteção de qualquer perturbação no desenvolvimento da linguagem e intervir sempre que necessário.

O terapeuta da fala é o profissional responsável pela prevenção, avaliação, intervenção, gestão e estudo científico das perturbações da comunicação humana. O trabalho deste abrange todas as funções relacionadas à compreensão e expressão da linguagem oral e escrita e também outras formas de comunicação não-verbal. Mas o trabalho do terapeuta



não se restringe somente às formas de comunicação, este intervém também ao nível da deglutição (passagem segura de alimentos e bebidas através da orofaringe de forma a garantir uma nutrição adequada).

O terapeuta da fala não tem um público-alvo específico, este avalia e intervém em indivíduos de todas as idades, indo do recém-nascido ao idoso, tendo como grande objetivo, a otimização das capacidades de comunicação e/ou deglutição do indivíduo, melhorando, assim, a sua qualidade de vida.

Quando o paciente se trata de uma criança é necessário ter em atenção que a linguagem afeta várias áreas, como referem Angéle e Rigolet, “quanto mais se estuda o desenvolvimento psicológico, socioafetivo, cognitivo, psicomotor das crianças, descobrimos que a comunicação e a linguagem têm uma importância marcante a cada um destes níveis”( 1998:19).

A terapia para crianças deve ter em atenção a sua problemática e o seu nível de desenvolvimento. Esta resulta melhor quando, “é elaborada para se adaptar ao nível individual de desenvolvimento, necessidades e estilo de vida da criança.” (Freeman e Fawcus, 2004: 102). É importante que uma intervenção precoce seja bem efetuada para que os resultados futuros sejam os esperados. O Eduardo beneficia de uma sessão por semana com a terapeuta da fala.

### **2.3-Psicologia**

A complexidade de um diagnóstico de autismo é muita e as dificuldades encontradas para conseguir superar alguns obstáculos, são inúmeras que, cada vez mais há necessidade de existir uma equipa multidisciplinar para todos juntos conseguirem atingir um objetivo comum. Assim, e sendo este um profissional com conhecimento do desenvolvimento humano faz todo o sentido a existência de um psicólogo nesse contexto.

Um psicólogo deve conseguir ter uma relação de proximidade com o seu paciente, pois esta terá como função ajudá-lo a resolver problemas no seu interior para que o paciente consiga superar as dificuldades diárias. Assim, como refere Lang “ A psicoterapia é um relacionamento e uma interação entre um indivíduo com um problema emocional que procura ajuda e um técnico que seja capaz de ajudá-lo a efetuar a sua resolução.” (1984:17). A qualidade desse relacionamento vai ditar o sucesso ou não do tratamento do paciente.

É importante que este tenha sensibilidade de perceber a crianças para que ele saiba adequar proposta terapêuticas que realmente a beneficiem.

É relevante ressaltar que a profissão do psicólogo apresenta muitos desafios profissionais e pessoais perante os portadores de deficiência e as suas famílias, pois o psicólogo pode desenvolver emoções e sentimentos e esses sentimentos influenciam no diagnóstico. Um psicólogo deve conhecer-se muito bem, “deve envolver-se continuamente em esforços auto-analíticos, tanto de natureza imediata como através de tentativas mais duradouras, sérias e continuas.” (Langs, 1984:286)

Um Psicólogo pode ter vários papéis, pode ser investigador e pesquisador numa equipa diagnóstica e de avaliação, psicoterapeuta numa intervenção individual e institucional e ainda orientador familiar.

Relativamente ao Eduardo, tem uma sessão com a psicóloga uma vez por semana.

## **2.4- Sala TEACCH**

A sala TEACCH é uma sala de ensino estruturado que inclui a utilização de uma rotina de trabalho reservada às crianças com autismo e dificuldades de comunicação. Assenta na sua capacidade e estilo único de aprendizagem, utilizando o programa TEACCH.

De acordo com o Ministério da educação (2008), o programa TEACCH (treatment and Education of Autistic and related Communication handicapped CHildren) foi criado na

década de 70 por Eric Schopler e é um programa de tratamento e educação que abrange as crianças de todas as idades com autismo e problemas relacionados com a comunicação. Em Portugal só em 1996 é que o ensino estruturado que é praticado através do modelo TEACCH, tem vindo a ser utilizado como no ensino regular.

O programa TEACCH segue linhas orientadoras que têm como objetivo principal “ajudar a criança com autismo a crescer da melhor maneira possível, de modo a atingir o máximo de autonomia na idade adulta.” (Ministério da Educação, 2008: 17)

TEACCH é um modelo de intervenção que melhora a capacidade adaptativa das crianças, tem uma linguagem que se “apoia na simplificação da complexidade clínica” (Vidigal e Guapo, 2003:228) e através de uma «estrutura externa» como a organização de espaço, dos materiais e das atividades, que permite criar mentalmente «estruturas internas» que a própria criança deve transformar em estratégias que mais tarde permitam à criança ser autónoma também fora da sala de aula, em ambientes menos estruturados. Os defensores deste modelo têm “a convicção que nunca é demasiado tarde para melhorar a qualidade de vida destas pessoas” (Vidigal e Guapo, 2003:229)

No que diz respeito ao Eduardo, o agrupamento tem uma sala TEACCH, que não fica no Jardim-de-Infância, mas na EB1, que fica relativamente perto. Segundo indicações das técnicas, este deveria frequentar esta sala pelo menos uma vez por semana, o que não se tem vindo a verificar.

### 3. Entrevistas

#### 3.1- Educadora de Infância

A educadora refere que o Eduardo “faz parte do grupo” (Anexo I), que os colegas percebem que ele “tem regras diferentes “ (Anexo I) e que o protegem. Contudo menciona também que “não há bem uma relação” (Anexo I) por parte dele com os colegas, que “ele não brinca com os colegas, o Eduardo praticamente não brinca” (Anexo I), que “não se fixa muito tempo numa atividade” (Anexo I). Que “gosta de ouvir musica”, de “dançar”, e “expressão plástica que é talvez o que ele mais goste”, “gosta muito de sentir o pincel na mão” (Anexo I).

A educadora declara que “nem sempre” (Anexo I) faz uma planificação específica para o aluno, que trabalha “dentro do mesmo conteúdo mas de maneira diferente” (Anexo I) e que é importante realizar “todo o tipo de atividades” (Anexo I) com o aluno. Que “ ele realmente não se interessa muito” (Anexo I) por materiais manipuláveis, “a plasticina, ele não se interessa muito, tem realmente uma boa relação com a tinta.” (Anexo I)

No que diz respeito à evolução do aluno a educadora menciona que “ele não tinha autonomia” (Anexo I), e que agora “é até bastante autónomo”, que “ já vai à casa de banho”, que “já olha para o trabalho”, mas que “não faz nada com o objetivo de estar a fazer, faz por fazer” (Anexo I). Na sua perspetiva “é muito complicado definir objetivos que ele consiga atingir a qualquer nível das outras áreas” (Anexo I), e existe uma disparidade “muito grande mesmo” (Anexo I) entre o nível cognitivo do Eduardo e os colegas.

De acordo com a educadora, “ele percebe a mensagem. Ele só não quer falar.” (Anexo I). Refere também que, “tirando a formação pessoal e social que está mais desenvolvido” (Anexo I), “a matemática e as outras, tem muitas dificuldades em todas.”

(Anexo I), que o Eduardo “não tem noção das suas dificuldades.”, “não faz nada para as ultrapassar” (Anexo I).

### **3.2-Psicóloga**

Para a psicóloga o autismo “é uma disfunção global do desenvolvimento” (Anexo II), que “afeta três áreas essencialmente, a capacidade de comunicação do indivíduo, a interação e a socialização” (Anexo II). As características mais habituais são “o défice na comunicação e interação social, o défice cognitivo, padrões de comportamentos, interesses e atividades restritivas e estereotipadas” (Anexo II). “Têm tiques e movimentos repetitivos e atraso ou ausência de jogo simbólico” (Anexo II). A psicóloga refere que “preferem atividades mais mecânicas, mais solitárias, muito direto, causa-efeito” (Anexo II). Esta refere ainda que são crianças “impulsivas, têm agitação psicomotora, dificuldade de concentração e comportamentos assertivos”, “ausência de contacto visual” (Anexo II).

De acordo com a psicóloga as crianças com autismo têm “mais dificuldades ao nível verbal do que não-verbal”, “pois têm dificuldades em comunicar e em falar”(Anexo II). Refere também que são crianças com “muitas dificuldades de manter a atenção e a concentração” (Anexo II).

Relativamente ao aluno em questão, a psicóloga afirma que o Eduardo tem uma “perturbação do espectro de autismo grave”, que tem “muitas dificuldades cognitivas”, que tem “imensas dificuldades em aprender o conteúdo programático” (Anexo II). A Psicóloga refere ainda que o Eduardo tem “muitas dificuldades de concentração” e de “imitação “e que demonstra ter “um défice elevado” (Anexo II). A psicóloga afirma que as maiores dificuldades do aluno passam por “estabelecer relação com o outro, em comunicar, em se concentrar” e “em se adaptar a novas situações” (Anexo II).

No que se refere às capacidades de compreensão do Eduardo, a psicóloga menciona que “se as indicações forem simples, diretas e se já não forem desconhecidas ele é capaz de respeitar e perceber”, “se a indicação for mais complexa, se a indicação for nova, normalmente ele não consegue perceber aquilo que lhe está a ser pedido”. “É necessário exemplificar várias vezes, incentivá-lo à imitação e esperar que ele adquira a informação” (Anexo II).

Na sua intervenção pedagógica a psicóloga (Anexo II) tem como objetivo dar apoio na área da linguagem e da autorregulação, “ajudar os outros técnicos” (Anexo II) ao mesmo tempo “trabalhar os padrões de imitação”, “melhorar o tempo de concentração e de atenção “ e “diminuir os comportamentos disfuncionais” (Anexo II) do Eduardo. A entrevistada refere que usa como estratégias “uma componente mais sensorial”, que “a música também uma boa estratégia” e que as atividades vão “do mais fácil para o mais difícil” (Anexo II). Refere ainda que o Eduardo gosta” materiais mais sensoriais”, como “as tintas, a plasticina a espuma de barbear”, “a água e instrumentos musicais” (Anexo II).

No que diz respeito à reação do aluno, a psicóloga refere que “sempre que a estratégia é nova, normalmente é sempre rejeitada”, mas se a estratégia ou o material utilizado “já não é desconhecido para ele, o tempo de concentração e de atenção com aquele instrumento já é maior” (Anexo II).

No que concerne aos apoios, a psicóloga refere que “de uma forma teórica, o Eduardo está a receber todo o tipo de apoio que é exigido”, “está numa sala TEACCH e está na intervenção precoce” (Anexo II). No entanto, na prática “não está a ter o apoio da sala TEACCH” (Anexo II) e na sua opinião deveria ter mais vezes por semana “terapia ocupacional”, porque é “algo mais que abrange a rotina, é algo que ele adere mais

facilmente. Porque os instrumentos utilizados são outros e ele deveria ter mais vezes por semana algo mais estruturado” (Anexo II).

### **3.3-Terapeuta da Fala**

No que diz respeito ao autismo, as características gerais são “as alterações da comunicação, da interação e da relação com os outros” (Anexo III). Enquanto terapeuta da fala refere que pode existir “um atraso no desenvolvimento da linguagem” (Anexo III), sendo o seu discurso marcado por “ecolalia”, “ou uma ausência total da linguagem oral” (Anexo III). A terapeuta da fala refere ainda que o “contacto ocular pode ser muito fugaz”, que “a expressão das emoções é desadequada”, existindo um “isolamento ou desinteresse na comunicação e na socialização” (Anexo III).

Em termos de dificuldades escolares a entrevistada refere que deve “existir um ambiente escolar organizado e com regras” para que a “aquisição de competências académicas” (Anexo III) seja mais fácil. Esta refere ainda que “a aquisição da leitura e da escrita está diretamente ligada ao desenvolvimento da linguagem” e em crianças com este tipo de problema,” embora aprendam o processo de descodificação da escrita”, “não conseguem interpretar e quando interpretam, as interpretações são muito literais” (Anexo III).

No que se refere ao aluno em questão a terapeuta da fala refere que a sua “problemática é grave” (Anexo III), que o aluno apresenta “um défice cognitivo grave” (Anexo III), que as suas dificuldades são “ao nível da comunicação, da concentração e da agitação psicomotora”, que está “num nível muito baixo” no que se refere à simbologia, “não é capaz de «emparejar» imagens iguais” e por isso não existe “uma tabela de comunicação” (Anexo III). Ainda assim, a terapeuta da fala refere que se forem pedidos frequentes o Eduardo “compreende claramente as instruções”, mas “se a instrução lhe

for dada pela primeira vez é importante reforçar a intenção do pedido usando a imitação e o suporte visual” (Anexo III).

Relativamente à intervenção terapêutica, tem como objetivo atuar ao nível da “comunicação e da interação”, “do comportamento, atenção e persistência” (Anexo III). Segundo a entrevistada o Eduardo gosta de “tudo o que lhe proporcione experiências tácteis”, “a massa, o arroz, a espuma de barbear” e os “instrumentos musicais” (Anexo III). A terapeuta da fala refere que usa como estratégias atividades que “não tenham períodos alargados de execução”, “a imitação”, “a repetição de sílabas” e a associação de “sons”, “imagens”, “objetos”, “cores e símbolos” (Anexo III). Esta refere também que o Eduardo “até reage bem na maioria das vezes” (Anexo III) às atividades.

No que diz respeito aos apoios, a Terapeuta da fala refere que o que o Eduardo necessita, não é “necessariamente mais algum tipo de apoio” mas antes que deveria beneficiar de “mais sessões de terapia ocupacional” e que também deveria ir “à unidade para ter o apoio da educação especial” (Anexo III).

### **3.4- Terapeuta Ocupacional**

Para a terapeuta ocupacional os autistas “não têm dificuldades académicas” (Anexo IV), assim pode-se afirmar que a grande dificuldade deles não é a aprendizagem, mas sim “a pré-competência para a aprendizagem que é a atenção” (Anexo IV) A terapeuta afirma que a grande dificuldade dos autistas “é a modelação sensorial e a interação social” (Anexo IV).

Relativamente ao aluno em questão, a terapeuta ocupacional afirma que o Eduardo “tem um autismo muito profundo”, e acrescenta que “é um menino muito complexo” (Anexo IV). Em termos cognitivos o Eduardo “está muito desconectado da realidade”, a



entrevistada afirma que ele “tem um grande déficit cognitivo”, que em relação às “crianças da idade dele com autismo” (Anexo IV) se verifica uma grande desigualdade cognitiva. Esta técnica menciona ainda que o Eduardo “tem uma capacidade de atenção muito baixinha” e que ainda não está preparado para a estimulação da atenção porque ainda “não tem uma boa modelação sensorial”. A criança “tem agitação psicomotora” e para a terapeuta, ele “não está pronto para se sentar na mesa” a fazer atividades (Anexo IV).

No diz respeito ao sistema neurológico, esta profissional refere que o Eduardo é uma criança “neurologicamente desorganizada, não está pronta para fazer qualquer tipo de treino de atenção” o que ele pode fazer é “um treino comportamental” (Anexo IV). Ele tem grandes dificuldades no “processamento neurológico”, o que provoca uma disfunção “tanto na receção da informação como depois na decodificação” desencadeando respostas “completamente desajustadas” (Anexo IV). A profissional refere ainda que a criança tem um “comportamento atípico, muito patológico”. (Anexo IV). Segundo a terapeuta ocupacional, o Eduardo “tem um nível de autonomia para o qual não tem capacidade de gestão”. O Eduardo mostra “uma noção muito básica da rotina diária, muito rudimentar” revelando grandes dificuldades “na parte comportamental e na parte da interação social”, mais propriamente na relação com os outros. (Anexo IV).

O Eduardo é uma criança que “não manifesta agressividade”, apesar de não ter “um comportamento funcional” (Anexo IV).

Relativamente à comunicação, a terapeuta ocupacional, diz que o Eduardo não comunica e que “tem que haver uma relação para haver uma necessidade de

comunicar”. Ou seja, é necessário existir uma empatia entre a criança e outra pessoa para que a criança tenha vontade de comunicar.

De acordo com a terapeuta ocupacional, o Eduardo evoluiu, “ já não tem comportamentos perigosos, já não é um perigo para si, nem para os outros” (Anexo IV).

No que se refere a materiais, a entrevistada refere que embora ele tenha “ um evitamento sensorial a certas texturas”, isto é, a criança recusa certas texturas, ele gosta de “materiais que ele possa tocar, mexer”, que sejam “ táteis, às cores, às texturas” (Anexo IV). No entanto, segundo esta profissional, “ele não chega a explorar as coisas, toca, interage com aquilo mas não é uma exploração” (Anexo IV).

De acordo com a terapeuta ocupacional, para o Eduardo a atividade tem ser feita gradualmente, deve ser “muito bem estruturada, muito breve, com intervalos”, usando “muita repetição” porque “explicar não vale a pena” (Anexo IV). Acrescentando ainda que devem existir “atividades preparatórias” e deve ser trabalhada “uma metodologia cognitivo-comportamental, mais comportamental que cognitivo.” (Anexo IV)

A terapeuta ocupacional tem como objetivos trabalhar a “interação social”, “ a modelação neurológica”, tornado o Eduardo “funcional”, de maneira a este “conseguir acompanhar o grupo nas diferentes atividades e na rotina.” (Anexo IV). Geralmente o Eduardo nas suas sessões “ frustra-se, faz birras, chora e fica inquieto” (Anexo IV).

No que se refere aos apoios, a terapeuta refere que “não tem o apoio que tinha que ter”, pois “não está a ser acompanhado pela educação especial”. Segundo a terapeuta ocupacional (Anexo IV) o Eduardo deveria o “ ter um apoio especializado” da sala TEACCH que existe no agrupamento. Contudo a entrevistada refere que este menino

tem uma mais-valia, “o pai é bastante participativo, compreende bastante o que se passa na sessão.” (Anexo IV)

### **3.5- Pais**

No que se refere à problemática do Eduardo, segundo os pais, os médicos dizem que ele tem “um transtorno de desenvolvimento”, “não disseram que é autismo, mas disseram que tinha «indícios» que levavam ao autismo” (Anexo V). De acordo com os pais, “até aos dois anos era uma criança normal”, a única preocupação era que o Eduardo “não falava nada” (Anexo V).

Os pais mencionam que o Eduardo tem um “fascínio pela água”, “tudo o que envolva água ele gosta”, também “gosta de fazer bolos”, “fazer comida e limpar a casa” e ainda de “dançar” (Anexo V). Referem ainda que o Eduardo tem “dificuldade em obedecer às regras” e que “tudo o que exija concentração” não faz, ou então fica “dois ou três minutos e depois muda o foco para outra coisa” (Anexo V). Em termos sociais os pais referem que “é difícil sair” com o Eduardo, que “quando ele sai do seu ambiente” fica muito agitado, “chora”, tornando-se numa “criança difícil” (Anexo V).

No que diz respeito ao percurso escolar, o Eduardo entrou para a primeira instituição que era “privada” “com dois anos”, (Anexo V) aos três foi para o ensino público e segundo os entrevistados “progrediu muito”, e a maior dificuldade é “a concentração” (Anexo V). O Eduardo não consegue permanecer numa atividade. Os pais (Anexo V) referem ainda que existe um espírito protetor em relação ao Eduardo por parte das outras crianças.

Relativamente a materiais manipuláveis, disseram que o Eduardo “gosta” deles, mas que “perde o interesse depois de algum tempo” (Anexo V).

No que concerne ao apoio educativo, o Eduardo começou a beneficiar do apoio” por volta dos dois anos e três meses”. Foi iniciativa dos pais, mas a APEXA foi-lhes “indicada” na consulta de psicomotricidade. Consideram que o apoio tem sido” muito importante e tem ajudado bastante”, dizem-se “satisfeitos” (Anexo V).

#### 4. Intervenção com a Criança

Na metodologia usada com a criança, houve um trabalho no sentido de colmatar as suas dificuldades. A abordagem teórica global e genérica serviu de ponto de partida para iniciar o trabalho com a criança. Desta forma, obteve-se uma visão da situação e verificou-se de facto quais eram os problemas e até que ponto a metodologia utilizada com a criança ia produzindo os resultados que eram esperados. Assim, de acordo com a situação de contacto directo com a criança iam-se procedendo aos registos escritos, em baixo apresentados e fotográficos (anexo VIII) que posteriormente foram trabalhados e analisados em síntese de acordo com os parâmetros identificados na investigação-ação. É de referir que antes da minha intervenção foram feitas sessões de observação. Assim as seis primeiras sessões são de observação e só a partir da sétima sessão é que procedi à minha intervenção.

#### Registo de sessão

Número da sessão: 1

Tempo da sessão: 1 hora

Objetivo geral: Conhecer a criança.

Objetivos específicos	Atividades	Materiais	Intervenientes	Observações
-Ser capaz de criar laços afetivos com a investigadora; -Ser capaz de relacionar tamanhos; -Ser capaz de identificar as cores.	-Grande ou pequeno: levar a criança a tirar figuras geométricas da caixa da massa e colocar na imagem correspondente; -Jogo de encaixe: levar a criança a colocar peças da mesma cor nos pinos.	-1 folha A4 com o desenho de um círculo grande e um pequeno; -1 folha A4 com o desenho de um quadrado grande e um pequeno; -1 folha A4 com o desenho de um triângulo	-Criança em estudo; -A Psicóloga; -A Terapeuta da Fala; -A investigadora.	Quando entramos na sala o Eduardo (nome fictício), que estava perto da porta, olhou para nós e não teve reação. Estava com uma cara seria e assim ficou. As técnicas aproximaram-se dele, disseram-lhe “olá” e deram-lhe um beijinho. Disseram-lhe, “vamos buscar o nosso jogo” e levaram-no até ao móvel dos jogos. Ele pegou na caixa de tamanho grande e com a ajuda da psicóloga trouxe-a para a outra sala a sorrir. Elas foram com ele até à casa de banho e ele fez xixi sozinho. Sorrindo de vez em quando e “fechando” os olhos por frações de segundos. Lavou as mãos com ajuda, elas ligaram a torneira, ele colocou as mãos na água, elas deitaram o detergente e esfregaram as mãos uma na outra, ele limpou as mãos e deitou o papel para o lixo. Continuando a sorrir de vez em quando e a “fechar” os olhos. Saiu da casa de banho e ia em direção à sala de atividades, a psicóloga chamou-o e ele tomou a direção da sala de sessões. Não se quis sentar na cadeira, foi sentar-se no chão, num espaço já conhecido dele (pareceu-me que já era conhecido e as técnicas confirmaram-me). Primeiro brincou com uma casinha que segundo as técnicas ele gosta muito, pegou na casinha, colocou-a no chão e abriu as portas. De seguida pegou num carro e levou-o à boca, colocou a roda da frente na boca. Sempre agitado, olhando tudo à sua volta. De seguida

		<p>grande e um pequeno; -Caixa de massa; -Blocos lógicos; -Jogo de encaixe.</p>	<p>andou de gatas até ao armário dos livros e andou a escolher uma história. Depois elas perguntaram-lhe se ele se queria sentar, primeiro resistiu e depois levantou-se com a ajuda da psicóloga e sentou-se.</p> <p>Elas tinham uma grande caixa cheia de massa cotovelo, primeiro colocaram-lhe a mão na massa e sempre com a mão delas junto a dele, ele brincou um pouco, sorrindo e “fechando” os olhos de vez em quando, virando-se para traz a querer sair. Foi difícil mantê-lo sentado. Colocaram as peças que eram figuras geométricas, que pertencem ao jogo dos blocos lógicos, dentro da massa para ele as tirar. O Eduardo (nome fictício) tinha que tirar as peças do jogo de dentro da caixa da massa e colocar numa folha que elas tinham ao lado da caixa na imagem correspondente (grande ou pequena). Primeiro disseram-lhe grande e pequeno, apontando para a imagem correspondente na folha. Começaram com o círculo, elas fizeram um para exemplificar. Ele foi buscar as peças, sempre vocalizando sons, as técnicas diziam “grande ou pequeno” e ele colocava no lugar, nem sempre acertava à primeira.</p> <p>Depois deste primeiro exercício jogou-se ao chão e foi para o espaço onde estava a tal casinha de que ele gosta. Segundo as técnicas, ele depois de cada atividade tem que ir dar uma volta para se estruturar e conseguir continuar. Elas foram busca-lo, ele veio com resistência sempre olhando para traz e a tentar soltar-se delas. A segunda parte da atividade foi com os quadrados. O processo foi o mesmo. Nesta segunda parte, ele “choramingou” o tempo todo, sempre muito agitado e tentando soltar-se, afastando a psicóloga, de vez em quando voltava-se e numa fração de segundos dava atenção à atividade. Elas davam-lhe as peças e ele colocava no local correto, mas entre uma peça e outra “choramingava” e tentava soltar-se. Quando este exercício acabou “fechou” os olhos novamente. Quando “fechava” os olhos parecia calmo e relaxado.</p> <p>Levantou-se novamente e desta vez foi mexer no armário dos jogos, mexeu no jogo do Noddy. De acordo com as técnicas ele gosta muito do Noddy. Na terceira fase da atividade, elas chamaram-no e ele veio sozinho. Desta vez e agora com o triângulo, tentaram sem exemplo, ele não acertou. Então elas fizeram o primeiro e ele fez os seguintes. Sempre a imitar sons com a boca, sons que pareciam de aflição e fez rapidamente a atividade, parecendo querer despachar, mas sempre segurado pela psicóloga. Elas davam sempre um estímulo positivo. Cada vez que acabava um exercício, ajudavam-no a bater palmas. Ele arrumou as peças, colocou-as dentro da caixa, sempre olhando para as peças e encaixou a tampa, fez isso com muita atenção e rapidamente, muito agitado, como se o facto de ele estar a arrumar o material significasse que já tinha acabado. Não quis estar sentado, levantou-se e foi para a área da casinha pegou numa pá pequena e colocou-a dentro do tacho e depois voltou a colocá-la onde estava, sempre muito agitado e emitindo sons.</p> <p>Elas chamaram-no para a próxima atividade ele não veio e elas foram busca-lo. Enquanto elas colocavam o material fora da caixa, ele voltava a coloca-lo dentro da caixa, muito agitado e a imitar sons de desagrado. Ele teria que encaixar peças da mesma cor nos pinos. Ele encaixava consoante a forma. Associava a forma e não a cor. Nesta parte da atividade</p>
--	--	---	---

				<p>esteve sempre emitindo sons com a boca. Acabou a primeira parte e enquanto elas mudavam as cores das peças, ele vagueou pela sala mexendo nos jogos e abriu o armário. Segundo as técnicas ele sabe que há comida das empregadas no armário. Pegou num copo e beber água. Quando a psicóloga o trouxe para a cadeira, não quis e jogou-se ao chão e emitiu sons, “choramingou”. Quando ela o voltou a sentar esteve sempre muito agitado. A atividade era a mesma mas com cores diferentes. Ele continuou a associar à forma e não à cor. Mas quando lhe dão peças seguidas da mesma cor ele acerta. Esteve mais uns segundos atento. Quando terminou “fechou” os olhos e colocou a língua de fora. Foi ele que arrumou as peças dentro da caixa com muito entusiasmo. Pegou num boneco e levou-o à boca. Andou pela sala emitindo sons e aflição para sair. Pegou no jogo que trouxe da sala e queria levá-la para a sala. Elas queriam fazer jogos com ele, mas ele empurrava e recusava todos os jogos.</p> <p>Deram-lhe uma folha branca e foram buscar os lápis com ele. Ele não se sentou, então de pé, agarrou no lápis que a terapeuta da fala lhe deu, com a mão toda e com um lápis em cada mão riscou para cima e para baixo olhando para a folha. Esteve poucos segundos e desinteressou-se logo, fez o movimento seis ou sete vezes trocou de lápis 3 vezes, a terapeuta ia-lhe dando as cores e dizendo o nome delas, ele olhou para a janela (estavam meninos lá fora) a terapeuta mostrou-lhe o jogo do Noddy mas ele recusou, queria arrumar. Deu uma volta à sala, parou, esteve dez segundos a mexer nas revistas e veio fazer o jogo de encaixe do Noddy. Elas iam dizendo o nome dos bonecos e ele ia encaixando corretamente, rapidamente fez o jogo e arrumou. Pegou no jogo com a ajuda da psicóloga e fômos para a sala.</p> <p>Na sala despediu-se das técnicas e de mim, ele não dá beijinhos, mas dá a cara e faz adeus.</p>
--	--	--	--	---



## Registro de sessão

Número da sessão: 2

Tempo da sessão: 60 minutos

**Objetivo geral:** Conhecer a criança.

Objetivos específicos	Atividades	Materiais	Intervenientes	Observações
<p>-Ser capaz de identificar a imagem igual;</p> <p>-Saber fazer bolas de sabão;</p> <p>-Ser capaz de criar laços afetivos com a investigadora.</p>	<p>-Jogo do Noddy: levar a criança a colocar a peça do jogo na imagem idêntica;</p> <p>-Bolas de sabão: levar a criança a soprar de forma a fazer bolas de sabão.</p>	<p>-Jogo do Noddy;</p> <p>- 1 frasco de bolas de sabão.</p>	<p>-Criança em estudo;</p> <p>-A psicóloga;</p> <p>-A terapeuta da fala;</p> <p>-A investigadora.</p>	<p>O Eduardo estava a chorar e muito agitado, a torcer-se todo como se tivesse dores, de acordo com as técnicas, a mãe já foi com ele à médica e disseram que não tinha nada. Ele abraçou-se à educadora. A educadora tinha acabado de ir passear com ele pelo espaço exterior da escola antes de o levar para a sala de sessões. Segundo as técnicas em casa ele anda numa fase complicada de jogar-se ao chão e fazer birras. O Eduardo parrou um pouco de chorar, mas continuou com as mãos na boca. De acordo com a educadora, o Eduardo tem levado os dias assim. As técnicas ofereceram-lhe água, ele recusou e foi brincar com os copos que estavam em cima da bancada, sempre com o olhar muito vago. Segundo a educadora a medicação foi alterada, o Eduardo toma mais um comprimido. O Eduardo pegou no copo, bebeu água e voltou a chorar. A terapeuta da fala tentou acalmá-lo, levou-o à casinha que ele gosta muito, ele tocou-lhe sem interesse e voltou a chorar.</p> <p>A psicóloga levou o jogo do Noddy, que segundo as técnicas ele gosta muito, ele abriu a caixa e voltou a fechá-la, sempre a chorar. O Eduardo pegou numa toalhita, limpou a cara, acalmou um pouco. Brincou um pouco com a toalhita. As técnicas quiseram levá-lo lá para fora e ele recusou. Algum tempo depois foi, subiu os degraus do escorrega com o olhar muito vago. As técnicas chamaram-no ele sorriu e desceu o escorrega, já estava mais calmo. Repetiu o processo de subir os degraus e escorregar pelo escorrega algumas vezes, com uma carra sorridente e “fechando” de vez em quando os olhos. As técnicas quiseram leva-lo para outro escorrega e ele não quis. Tentaram levá-lo para a sala, mas ele não quis, e estava sempre a roer as unhas. Então a psicóloga foi buscar o jogo do Noddy lá dentro e tentaram que ele fosse fazer, mas o Eduardo não se mostrou muito interessado. A terapeuta da fala foi busca-lo e como ela não se quis sentar ao seu lado, sentou-o ao colo. Mesmo assim, o Eduardo não ficou e levantou-se.</p> <p>Então levaram-no para a sala, ele foi sem protestar, sentou-se na cadeira e explicaram-lhe a atividade, colocaram uma peça com uma imagem sobre a imagem igual. A seguir disseram para o Eduardo fazer. Ele pegou na peça e colocou em qualquer lado só para se despachar, elas disseram que não estava certo e ajudaram-no a colocar no local certo. No decorrer da atividade foi sempre assim. O Eduardo esteve muito desatento à atividade, só queria ver o que se passava lá fora e a roer as unhas, segundo a psicóloga é uma forma de se autorregular.</p> <p>O Eduardo tentou sair da cadeira, mas a psicóloga sentou-o no colo para que ele acabasse a atividade, segundo as técnicas é importante que ele acabe sempre a atividade.</p>



					Quando acabou a atividade elas deram reforço positivo e tiraram o frasco das bolinhas de sabão do saco. O Eduardo ficou muito feliz. A terapeuta fez bolinhas e ele tentou que elas pousassem na sua mão, não tentou agarrá-las. Depois a terapeuta tentou que o Eduardo soprasse para ser ele a fazer as bolinhas, mas ele não conseguiu. O Eduardo estava mesmo muito feliz e satisfeito a tentar que as bolinhas de sabão pousassem na sua mão.
--	--	--	--	--	--

## Registro de sessão

Número da sessão: 3

Tempo da sessão: 3 horas

**Objetivo geral:** Conhecer a criança.

Objetivos específicos	Atividades	Materiais	Intervenientes	Observações
-Ser capaz de criar laços afetivos com a investigadora.	-Não teve atividades.	-Não foram utilizados materiais.	-Criança em estudo; -A turma; -A animadora; -A investigadora.	<p>Hoje a educadora não estava na sala, estava em reuniões. O Eduardo vagueava pela sala, rodava sobre ele, isolava-se, às vezes sentava-se e muitas vezes ia para perto do aquecedor. Fui ter com ele, dei-lhe afetos e levei-o para a mesa da área da casinha, fizemos um jogo de encaixe, ele conseguiu encaixar as peças, conhecia o jogo, mas não estava atento, estava sempre a rodar a cabeça de um lado para o outro. Esteve pouco tempo a fazer o jogo, abraçou-me e levantou-se. Foi agarrar na máquina fotográfica, deixou-a cair, apanhou-a e colocou-a no mesmo lugar. Foi à casa de banho e fez as suas necessidades sozinho. Lavou as mãos e foi para a sala. Chegou à sala e deitou-se no chão. Deixou-se estar durante algum tempo. Depois vagueou pela sala a roer as unhas com olhar vago, de vez em quando fixava-se em algum ponto da sala.</p> <p>Veio ter comigo e mexeu-me na barriga. Foi dar mais uma volta e veio ter comigo, sentei-me e coloquei-o ao meu colo, começou a brincar com as minhas mãos, a tentar enfiar as unhas de uma mão nas unhas da outra, esteve durante algum tempo assim, depois agarrou-me na mão levantou-se e eu levantei-me com ele, ele correu para a casa de banho a querer brincar à apanhada comigo, enquanto corria, olhava para traz a sorrir para ver se eu atrás dele. Brinquei um pouco com ele e quando o apanhei olhámos para o espelho e ele estava muito sorridente e muito bem-disposto. Fomos para a sala e na sala brincámos às coceguinhas, ele abraçou-me, andámos à roda. Ele estava satisfeito e emitia sons. E como estava na hora da bolacha a animadora mandou sentar os meninos e deu-lhes bolacha. O Eduardo foi ter com ela e ela deu-lhe duas bolachas. Ele foi sentar-se na mesa da área da casinha, pousou uma bolacha na mesa e comeu a outra. Depois comeu a que estava em cima da mesa. De seguida foi beber água sozinha e veio ter comigo novamente. Começou a abraçar e a agarrar-se ao meu pescoço, peguei-o ao colo e fomos ver os trabalhos expostos na parede. Depois sentei-me numa cadeira com ele ao meu colo, ele esteve algum tempo a mexer nas minhas orelhas, depois quis ir para o chão e começou a brincar com as minhas mãos, a tentar enviar as unhas de uma mão dentro das unhas da outra. Esteve sempre muito calmo e tranquilo. Depois foi dar uma volta à sala e parou junto do aquecedor, e começou a brincar com a bata dele, a abotoar e a desabotoar um botão, sempre o mesmo. Continuava a circular pela sala, a olhar para os amigos e a fixar de vez em quando o olhar, colocando por vezes os dedos na boca.</p> <p>A animadora mandou arrumar a sala para irem para a rua, os amigos arrumaram e ficaram todos contentes, aos saltos. O Eduardo sentou-se num colchão que existe na sala, os colegas</p>

				<p>saíram todos e ele ficou na sala. Fui ter com ele, dei-lhe a mão e fomos para a rua. No espaço exterior o Eduardo continua a isolar-se e a dar voltas ao espaço. Ele percorre todo o espaço a olhar para o chão, segundo a animadora anda à procura de alfiaroba.</p> <p>No espaço exterior comporta-se da mesma maneira que na sala. Por vezes vinha ter comigo, dava-me a mão e fica ali.</p> <p>Deu para perceber que os amigos não o procuram e ele não procura os amigos, de facto não existe uma relação.</p>
--	--	--	--	--

## Registro de sessão

Número da sessão: 4

Tempo da sessão: 1h:30 m

**Objetivo geral:** Conhecer a criança.

Objetivos específicos	Atividades	Materiais	Intervenientes	Observações
-Sabe ouvir uma história; -Ser capaz de criar laços afetivos com a investigadora.	-História: leitura e reconto.	-livro de história.	-Criança em estudo; -A turma; -A educadora; -A auxiliar; -A investigadora.	<p>-Quando cheguei à sala, a educadora estava a contar uma história. O Eduardo estava sentado numa cadeira, enquanto os amigos estavam sentados num colchão à frente da educadora. Fui ter com o Eduardo, que me recebeu muito bem, com um grande sorriso. Quando a história acabou, a educadora perguntou o que é que cada um queria fazer e consoante eles iam dizendo, “quero fazer um desenho” ou “quero ir para a área da casinha” ou “fazer um jogo”, iam indo para os locais pedidos.</p> <p>Eu estava sentada e o Eduardo estava sentado ao meu lado, levantou-se e veio colocar-se no meio das minhas pernas. Começou a abotoar e a desabotoar o meu casaco, sempre sorridente. O botão do meu casaco era grande, do tamanho de uma moeda de dois euros, mas mais grosso. O Eduardo enquanto abotoava e desabotoava olha para o botão, emitia sons, como se estivesse a cantar, mas de vez em quando o olhar dele vagueava pela sala. Levou algum tempo assim. Depois foi dar uma volta à sala parou perto do aquecedor fixou o olhar e começou a brincar com o botão da bata dele, a desabotoar e a abotoar, olhando de vez em quando para o botão.</p> <p>O Eduardo dirigiu-se à porta da rua, abriu-a e correu para a casa de banho a sorrir e a olhar para traz. Fui atrás dele e brincámos um pouco ao apanha, ele sempre a rir. Apanhei-o e fiz-lhe cocegas. Ele parou frente ao espelho e abriu a torneira e tentou beber. Não deixei, voltámos para a sala e o Eduardo foi para a área da casinha e começou a brincar com uma caixa de pintarolas que lá estava.</p> <p>Ele anda a vaguear pela sala a olhar para tudo, depois deu-me a mão e levou-me até aos copos de água. Pegou na minha mão e levou até aos copos, a auxiliar deu-lhe água, ele pegou no copo com as duas mãos e bebeu. Voltou a pegar na minha mão e colocou-a dentro de um saco de papel que estava em cima dos copos. Segundo a auxiliar queria bolachas. A auxiliar disse-lhe que já iam almoçar. Ele vagueou, encostou-se a uma parede que estava perto de um aquecedor, e ali ficou um bom tempo, com olhar fixo. Depois de algum tempo deslocou-se até ao armário dos jogos, mexeu numa peça de madeira que lá estava, rodou-a com o olhar vago, não olhou para a peça. Parou de mexer na peça e dirigiu-se ao adulto, pegou na mão e meteu a outra mão dele na boca, olhando para os amigos e para a sala. Eu olhei para ele, ele olhou para mim, eu sorri e ele sorriu para mim.</p>

## Registro de sessão

Número da sessão: 5

Tempo da sessão: 1 hora

**Objetivo geral:** Conhecer a criança.

Objetivos específicos	Atividades	Materiais	Intervenientes	Observações
<p>- Ser capaz de emparceirar imagens;</p> <p>- Ser capaz de enfiar peças num cordão;</p> <p>- Ser capaz de criar laços afetivos com a investigadora.</p>	<p>-Jogo do Noddy: levar a criança a encontrar a peça na caixa de grão e achar a imagem correspondente no tabuleiro do jogo;</p> <p>-Jogo de enfiamentos: Levar a criança a enfiar as peças num cordão.</p>	<p>-Jogo do Noddy;</p> <p>-Caixa de grão;</p> <p>-Jogo de enfiamentos.</p>	<p>-Criança em estudo;</p> <p>-A psicóloga;</p> <p>- A terapeuta da fala;</p> <p>-A investigadora.</p>	<p>Quando as terapeutas chegaram à sala, o Eduardo ficou muito satisfeito. Veio feliz para a sessão. Entrou na sala e andou a vaguear, dirigiu-se ao armário da televisão, abriu a gaveta de baixo tirou uma cassete de vídeo e queria coloca-la. A psicóloga foi busca-lo e ele veio sentar-se. A terapeuta colocou as peças numa caixa com grão. O Eduardo mexeu e fez sons de agrado. O Eduardo abre muito a boca com sono. Elas fizeram o primeiro exemplo, explicando-lhe como era, de seguida ele mexeu na caixa do grão durante algum tempo. Depois elas ajudaram-no a tirar uma peça e a colocar no sítio correto do tabuleiro. Depois tirou ele uma peça e fez sozinho. Ele está satisfeito a fazer a atividade, mas por vezes quer sair da cadeira. Passado algum tempo começou a ficar mais irrequieto. Sempre que ele faz alguma atividade, que leve algum tempo e que exija concentração, ele fica mais agitado e não quer fazer. Quando acabou atividade, as técnicas deram reforço positivo, e bateram palmas. Ele sorriu e ficou satisfeito. De seguida passaram ao segundo tabuleiro do jogo. O Eduardo não queria fazer e fazia sons de recusa, elas ajudaram-no a tirar uma peça e a coloca-la no local correto do tabuleiro. A segunda peça, ele tirou sozinho e colocou num sítio qualquer, elas disseram que não estava certo e ele voltou a pegar na peça e colocou no sítio certo. Sempre a “choramingar”. Repetiu esta ação várias vezes até acabar as peças. Quando acabou a segunda parte do jogo elas voltaram a dar reforço positivo e bateram palmas. O Eduardo saio da cadeira a “choramingar”. Elas sentaram-no e disseram para ele arrumar o jogo. Ele colocou as peças dentro da caixa e tapou-a. Passaram ao jogo dos enfiamentos. Colocaram peças de duas cores, vermelhas e azuis, em cima da mesa e iam pedindo as azuis. O Eduardo pegava nas peças, uma de cada vez e enfiou-as bem no cordão, é uma atividade que ele gosta. Embora quando se enganava na cor, e elas referiam que não era aquela e ele tinha que mudar, emitia sons de desagrado. Terminou a primeira parte conseguiu enfiar 12 peças. De seguida elas colocaram somente as peças amarelas em cima da mesa. Ele levantou-se e foi ver livros, a psicóloga foi busca-lo e disse-lhe que ele tinha que acabar a tarefa. Ele voltou para a mesa e rapidamente enfiou todas as peças, sempre a emitir sons de desagrado. Quando acabou a tarefa queria sair da mesa, mas elas disseram que ele tinha que arrumar. Ele pegou nas peças todas e arrumou impaciente. Saiu da mesa e foi para o sofá.</p> <p>O Eduardo fica muito perturbado quando tem que fazer alguma coisa que o obrigue a estar concentrado. No fim da sessão as técnicas fizeram bolinhas de sabão e ele pulava de alegria.</p>

## Registro de sessão

Número da sessão: 6

Tempo da sessão: 20 minutos

**Objetivo geral:** Estimular a concentração.

Objetivos específicos	Atividades	Materiais	Intervenientes	Observações
<p>-Ser capaz de permanecer sentado;</p> <p>-Ser capaz de olhar com intenção para a atividade enquanto a executa;</p> <p>-Ser capaz de identificar a cor verde e a cor vermelha;</p> <p>-Ser capaz de estabelecer laços de afetividade com a investigadora.</p>	<p>-Rasgar uma folha vermelha e uma folha verde: levar a criança a pegar na folha com as duas mãos e rasgar;</p> <p>-Colar os pedaços de papel verde num círculo verde e pedaços de papel vermelhos num quadrado vermelho.</p>	<p>-Folha A4 com um círculo verde e um quadrado vermelho;</p> <p>-1 folha verde;</p> <p>-1 folha vermelha;</p> <p>-Cola batom.</p>	<p>-Criança em estudo;</p> <p>-As técnicas;</p> <p>-A investigadora.</p>	<p>O Eduardo hoje estava muito calmo, ontem foi à praia com o pai e segundo consta ele adora praia e vem sempre mais estável depois de lá ir. Sentou-se na cadeira sem problemas, foi-lhe explicada a atividade exemplificando, e ele foi realizando a atividade. De início rasgava a folha em pedaços muito grandes e depois as rasgaram mais pequenos e ele começou a rasgar mais pequenos. Quando chegou a vez de colar deram-lhe a cola para a mão e a reação dele foi leva-la à boca. Ajudaram-no a colocar a cola. A primeira opção foi colocar cola nos pedacinhos de papel e colar no círculo, mas ele tinha dificuldade em colar o papel com a cola para baixo e o papel fica nas mãos dele, então a opção foi colocar cola na imagem do círculo e colar os pedacinhos diretamente, o Eduardo não colou o pedaços de papel um a um, ele apanhou muitos e depois elevou a mão e deixou-os cair para cima do círculo. Depois colocou a cola no quadrado vermelho, As técnicas colaram alguns os pedacinhos de papel um a um, mas ele voltou a apanhar muitos papéis e a elevar a mão e a deixá-los cair para cima do quadrado. No fim da sessão foi brincar com a casinha de animais que ele tanto gosta.</p> <p>Esta sessão correu muito bem, ele manteve-se sentado a fazer a atividade, olhava para o que estava a fazer embora fosse por segundos. Olhava muitas vezes fixamente lá para fora.</p>

## Registro de sessão

Número da sessão: 7

Tempo da sessão: 20 minutos

**Objetivo geral:** Estimular a concentração.

Objetivos específicos	Atividades	Materiais	Intervenientes	Observações
<p>-Ser capaz de permanecer sentado;</p> <p>- Ser capaz de olhar para a plasticina e para massa de cores enquanto brinca com as mesmas;</p> <p>-Ser capaz de manipular objetos de forma precisa;</p> <p>-Ser capaz de criar laços afetivos com a investigadora.</p>	<p>-Modelar a plasticina: levar a criança a mexer, a sentir a textura e criar objetos através de estímulos positivos e referência visuais;</p> <p>-Modelar a massa de cores: levar a criança a mexer, a sentir a textura, a cheirar e a criar objetos, através de estímulos positivos e referência visuais.</p>	<p>-Plasticina;</p> <p>-Massa de cores.</p>	<p>-Criança em estudo;</p> <p>-A investigadora.</p>	<p>O Eduardo recebeu-me muito bem, veio logo ter comigo assim que chegou e abraçou-me. Fomos para a sala de sessões. Só queria estar no meu colo, imitia sons como se tivesse a chorar. Sentei-o ao meu colo e mesmo assim não estava calmo, mostrei-lhe a plasticina e ele recusou. Mostrei-lhe a massa de cores que estava dentro de um saco, primeiro mexeu na massa por cima do saco, depois abriu-o e mexeu na massa, mas rapidamente se desinteressou voltou a agarrar-se a mim e a fazer sons de choro. Tirei um pouco da massa e fiz uma bola, ele colocou a mão dele sobre a minha e fez e mesmo movimento que eu estava a fazer. Desinteressou-se e voltou a agarrar-se a mim, mexendo-me nas orelhas e emitindo sons de choro, corria o olhar pela sala e de vez em quando fixava um ponto e nesse momento ficava calmo e parava de emitir sons.</p> <p>O Eduardo hoje estava muito agitado e a pedir afetos.</p>



## Registro de sessão

Número da sessão: 8

Tempo da sessão: 20 minutos

**Objetivo geral:** Estimular a concentração

Objetivos específicos	Atividades	Materiais	Intervenientes	Observações
<p>-Ser capaz de permanecer sentado;</p> <p>-Ser capaz de olhar com intenção para a atividade enquanto a executa;</p> <p>- Ser capaz de utilizar corretamente os materiais;</p> <p>-Ser capaz de manter laços de afetividade com a investigadora.</p>	<p>-Pintar com caneta de feltro numa folha branca;</p> <p>-Pintar com tinta e pincel uma folha branca;</p> <p>-Pintar a mão da criança e carimbar numa folha branca.</p>	<p>-3 Folha A4;</p> <p>-Canetas de feltro;</p> <p>-Pinceis;</p> <p>-Tintas.</p>	<p>-Criança em estudo;</p> <p>-A investigadora.</p>	<p>O Eduardo hoje estava um pouco mais agitado. Antes de entrar na sala quis ir à casa de banho. Depois entrou e foi a correr deitar-se num sofá de criança que a sala tem. Chamei-o mas ele não veio. Fui até ele, dei-lhe uns miminhos e trouxe-o até à cadeira. Ele sentou-se mostrei-lhe as canetas de feltro e ele não revelou muito interesse, virou a cara e fixou o olhar lá fora. De seguida chamei-o para captar a sua atenção, ele olhou para mim e para a caneta que eu tinha na mão, eu disse-lhe que íamos desenhar a mãe. O Eduardo pegou na caneta cor-de-rosa escura e guardou-a, eu voltei a tira-la e a dar-lha. Ele pegou na caneta de feltro destapou-a e agarrando nela na parte superior com todos os dedos começou a riscar a folha, com a outra mão segurava a folha. Rapidamente, depois de fazer alguns riscos, tapou a caneta e guardou-a. De seguida dei-lhe a caneta azul e disse-lhe que íamos desenhar o pai. Ele pegou na caneta destapou-a e agarrou-a a meio com os dedos todos e voltou a riscar a folha sempre a segurá-la com a outra mão. De seguida tapou a novamente a caneta com rapidez, colocou-a dentro do estojo e fechou o fecho. Levantou-se da cadeira e foi para perto do móvel dos livros tirou um e começou a folheá-lo. O Eduardo realizou esta atividade olhando para a mesma, mas com uma certa rapidez.</p> <p>Fui ter com ele disse-lhe que tínhamos mais um trabalho e sentei-o na cadeira. De seguida coloquei outra folha branca à frente do Eduardo, mostrei-lhe as tintas cor-de-rosa e verde, dei-lhe um pincel grande e disse-lhe que íamos fazer uma pintura. Ele colocou o pincel no copo cor-de-rosa, agarrou-o a meio com as duas mãos e começou a pincelar a folha, à medida que ele ia mexendo o pincel a folha ia escorregando para junto dele. Depois deixou de pincelar e começou a bater com o pincel na folha. Nesta atividade o Eduardo manteve o olhar na folha durante algum tempo, mas de vez em quando olhava à sua volta. Tentei que ele trocasse de cor, mas ele não largou o pincel.</p> <p>Por fim disse-lhe que íamos pintar a mão, ele sorriu, troquei a folha e pinte-lhe a mão. Ele começou a carimbar a folha com a mão fazendo movimentos rápidos, juntou a outra mão sujando-a também. Depois de carimbar a folha passou para a mesa. Quando lhe limpei as mãos e a mesa, ficou algum tempo sentado com os cotovelos na mesa e as mãos na cara a olhar para o trabalho.</p>



## Registro de sessão

Número da sessão: 9

Tempo da sessão: 20 minutos

**Objetivo geral:** Estimular a concentração.

Objetivos específicos	Atividades	Materiais	Intervenientes	Observações
<p>-Ser capaz de permanecer sentado;</p> <p>-Ser capaz de olhar com intenção para a atividade enquanto a executa.</p>	<p>-Caça à tampa: levar a criança a achar tampas de plástico verdes e azuis dentro de uma caixa com massa “sopa de letras” , ”Stelline” e “Risoni”;</p> <p>-Colar as tampas azuis num quadro azul e as tampas verdes num quadro verde: levar a criança a pegar no tubo da cola, colocar cola nos quadros e colar as tampas.</p>	<p>-Folha A4 com um quadro azul e um verde;</p> <p>-Folha A4 com quadros pequenos, vermelhos, brancos, azuis, amarelos e verdes</p> <p>-Tampinhas de plástico;</p> <p>-Uma caixa com massa;</p> <p>-Cola batom.</p>	<p>-Criança em estudo;</p> <p>-A investigadora.</p>	<p>Quando entrei na sala para ir buscar o Eduardo ele veio ter comigo e agarrou-me na mão. Fomos para a sala de sessões sem problemas. O Eduardo entrou e correu para o canto da sala onde estava a casinha que ele tanto gosta. Fui ter com ele, brincámos um pouco com a casinha e depois levei-o até à cadeira. O Eduardo não mostrou muito interesse em sentar-se, mas quando lhe mostrei a caixa da massa acalmou e começou a enfiar as mãos na massa. E a brincar com a massa. Chamei-o para captar a sua atenção e exemplifiquei ao mesmo tempo que ia explicando o que ele tinha que fazer. O Eduardo adorou passar as massas de uma tampa para a outra, ficou bastante tempo assim, somente a passar a massa de uma tampa para a outra. Durante esse processo ele olhava bastante para o que estava a fazer. Depois de algum tempo disse-lhe para ele colocar cola no quadro verde, ele agarrou no tubo da cola e tentou coloca-lo na boca, eu não deixei e ajudei-o a colocar cola no quadro verde.</p> <p>Voltei a dizer-lhe que tinha que colar as tampas verdes, e exemplifiquei, então ele tirou uma tampa verde e colou no quadro verde. Voltou à caixa das massas brincou mais um pouco passando as massas de uma tampa para a outra, eu voltei a dizer-lhe que era para colar no quadro verde, ele colou onde eu lhe disse. O processo repetiu-se até acabarem as tampas verdes. Quando acabaram as tampas verdes o Eduardo começou a tirar as azuis. Eu disse-lhe que aquelas já não eram para aquele quadro e que primeiro tínhamos que colocar a cola. Dei-lhe a cola e ele tentou levar à boca novamente. Não deixei, mas desta vez foi ele a colocar a cola, pegou com as duas mãos na cola e começou a esfrega-la no quadro. Para as tampas azuis o processo foi igual, o Eduardo brincava um pouco com as tampas e a massa e quando eu lhe dizia para colar a tampa ele colava.</p> <p>De seguida passamos para uma atividade mais complexa. Coloquei uma folha A4 com quadros pequenos vermelhos, azuis, amarelos, brancos e verdes e coloquei as tampas correspondentes escondidas na caixa da massa. Expliquei a atividade ao Eduardo e exemplifiquei. Esta era uma atividade parecida à anterior sendo que nesta, a cola era colocada nas tampas. O Eduardo voltou a brincar com a massa e com as tampas, sempre a passar a massa de uma tampa para a outra. Deixei-o durante algum tempo. E depois disse-lhe que íamos colar as tampas nas cores certas. Fiz a primeira, e dei-lhe a cola, desta vez o</p>

				<p>Eduardo não levou a cola à boca, pegava nas tampas e começava a rodar a cola nas tampas, colocando excesso de cola. Depois colava-as, nem sempre na cor correta.</p> <p>Na execução destas atividades o Eduardo esteve sentado, calmo, olhando para o que estava a fazer, embora por vezes levantasse a cabeça e fixasse o olhar em algo à sua volta.</p> <p>Atividade improvisada</p> <p>Como o Eduardo estava tão interessado na caixa da massa, resolvi fazer uma atividade com a massa. Peguei numa folha verde e disse dei-lhe o tubo da cola, e ajudei-o a colocar a cola. E enquanto exemplificava expliquei-lhe que era para colar a massa na folha. O Eduardo primeiro brincou com a massa passando-a de uma mão para a outra. Eu voltei a exemplificar mas desta vez com a mão dele, peguei na mão dele, tirei um pouco de massa e levei a mão dele com massa até à folha. Primeiro ele sentiu a cola nas mãos, esfregou os dedos, olhou para mim e esboçou um sorriso e depois repetiu o movimento que eu tinha feito com a mão dele. Colocou a mão na caixa da massa apanhou algumas massas e trouxe até à folha, batendo de seguida para ficarem coladas.</p>
--	--	--	--	---

## Registro de sessão

Número da sessão: 10

Tempo da sessão: 20 minutos

**Objetivo geral:** Estimular a concentração

Objetivos específicos	Atividades	Materiais	Intervenientes	Observações
<p>-Ser capaz de manter laços de afetividade com a investigadora;</p> <p>-Ser capaz de permanecer sentado;</p> <p>-Ser capaz de olhar com intenção para a atividade enquanto a executa;</p> <p>-Ser capaz de comparar cores e formas;</p> <p>-Ser capaz de utilizar corretamente o material.</p>	<p>-Colar figuras geométricas na imagem do gato: levar a criança a fazer como no exemplo, fazer corresponder a cor e a forma;</p> <p>- Recorte de imagens de revista.</p>	<p>-1 folha A4 com dois gatos desenhados com figuras geométricas, um pintado e outro em branco;</p> <p>-Cola batom;</p> <p>-Figuras geométricas feitas em moosgummi;</p> <p>-1 revista;</p> <p>-1 tesoura;</p>	<p>-Criança em estudo;</p> <p>-A investigadora.</p>	<p>Quando entrei na sala de atividades, os colegas do Eduardo estavam todos sentados a realizar uma ficha de trabalho e o Eduardo estava a brincar com uma cadeira. Quando me viu sorriu. Fui ter com ele, dei-lhe beijinhos ele deu-me a mão e fomos em direção à sala de sessões. Hoje o Eduardo estava muito virado para a brincadeira, começou a fugir olhando pra traz a sorrir para ver se eu ia atrás dele. Brinquei um pouco com ele, correndo atrás dele e fingido que não o apanhava. Quando o “apanhei” entrámos na sala de sessões e ele queria continuar a brincadeira., disse-lhe que estava na hora de trabalhar, fui ter com ele e trouxe-o para a cadeira. Sentou-se sem problemas. Tirei a folha com as imagens do gato e disse-lhe o nome das cores e o nome das figuras geométricas (exemplo: “Quadrado azul”). Depois repeti o mesmo processo com as figuras geométricas feitas em moosgummi. Primeiro coloquei eu as peças nos locais corretos ao mesmo tempo que ia dizendo as cores e as figuras geométricas correspondentes. De seguida pedi-lhe para ele fazer. Primeiro ele colocou todas as peças de moosgummi e o envelope onde as transporte em cima da folha. Retirei o envelope, disse-lhe que não era assim, que era uma de cada vez e ele ficou algum tempo a olhar para as peças e a mexer-lhes, eu estava à espera que o Eduardo as colocasse na boca, mas ele não o fez. Depois de algum tempo desviei as peças da imagem, dei-lhe a cola e disse-lhe que íamos colocar cola no gatinho. Ele pegou na cola com as duas mãos, escorregou a cola por toda a folha, inclusive na imagem de exemplo. Quando quis retirar a cola a folha veio atrás e ele com a ajuda da outra mão descolou a folha da cola e continuou a colocar cola, segurando a mesma com uma mão e com a outra mão segurou a folha. Eu disse-lhe que já chegava de cola, ajudei-o a colocar a cola na mesa e cheguei as peças em moosgummi para perto dele. Peguei no quadrado com a mão dele, disse vamos colar o quadrado azul e colei. De seguida dei-lhe o retângulo e disse-lhe para ele fazer sozinho. Ele pegou no retângulo deixou-o cair para cima da folha e começou a bater com a mão, como se estivesse a colá-lo. Eu disse-lhe que o retângulo não era ali e com a mão dele coloquei-o no lugar certo. Ele começou a passar a mão como se estivesse a sentir a textura. De seguida passou a mão pelo desenho pintado e fixou o olhar, deixei-o estar algum tempo e depois chamei-o e disse-lhe que íamos acabar de colocar as peças no gatinho, ele quis colocar mais cola, agarrou e queria passar na folha toda, eu disse-lhe que era só nas patinhas do gatinho para colocarmos os retângulos cor-de-laranja. Ele pegou na parte superior da cola com os dedos das duas mãos, foi a primeira vez que vi pegar assim na cola, e começou a bater com</p>

				<p>a cola nas pernas da imagem do gato, eu disse-lhe que se pegava na cola com uma mão e na folha com outra e corrigi-o. Nesse momento ele começou-se a rir e levantou-se da cadeira e começou a correr na sala à espera que eu fosse ter com ele. Eu fui, apanhei-o fiz-lhe umas coegas, ele conforceu-se a rir e depois voltámos para a mesa. Sentei-o disse-lhe que íamos acabar o gatinho ele foi buscar o resto das peças, eu retirei os triângulos cor-de-rosa e dei-lhe os retângulos cor-de-laranja. Ele andou com eles pela folha enquanto eu lhe dizia que não era o local certo, que era mais para baixo. Depois colocou-os no local certo, mas na posição errada, ajudei-o a colocar na posição certa, voltei a repetir que eram retângulos cor-de-laranja, depois ele bateu com as mãos como se quisesse colar melhor. De seguida dei-lhe os triângulos cor-de-rosa, nesta fase ele já se distraiu mais. Fixou mais vezes o olhar. Colei o primeiro triângulo. Ele começou a passar as mãos pela folha e a sentir a cola com uma mão e a textura do moosgumi com a outra. Ajudei-o a colar os outros dois triângulos e dei esta atividade como acabada. Bati-lhe palmas, disse muito bem. Ele levantou-se da cadeira e foi deitar-se no sofá que a sala tem. Mostrei-lhe tesoura e chamei-o. Ele olhou para a tesoura, levantou-se e veio sentar-se. Exemplifiquei e explique-lhe que se agarrava no papel e se cortava a imagem. Ele não sabia agarrar na tesoura, eu ajudei-o e dei-lhe a folha e ele cortou. Não cortou a imagem como lhe pedi, mas cortou pecadinhos da folha.</p> <p>Na primeira atividade o Eduardo necessitou de ajuda, ele gostou de mexer no moosgumi, notei que não é um material com o qual esteja habituado. Nesta atividade o Eduardo já teve noção de que se segurasse na folha ela não viria atrás da cola. Apesar da dificuldade da atividade, ele manteve-se calmo.</p> <p>A segunda atividade o Eduardo gostou muito de fazer conseguindo agarrar corretamente na folha embora tivesse cortado com a posição da mão invertida e não tivesse cortado com um objetivo.</p>
--	--	--	--	---

## Registro de sessão

Número da sessão: 11

Tempo da sessão: 20 minutos

**Objetivo geral:** Estimular a concentração.

Objetivos específicos	Atividades	Materiais	Intervenientes	Observações
<p>-Ser capaz de permanecer sentado;</p> <p>- Ser capaz de pintar dentro do quadrado;</p> <p>-Ser capaz de manipular objetos de forma precisa;</p> <p>-Ser capaz de moldar a plasticina;</p> <p>-Ser capaz de criar laços afetivos com a investigadora.</p>	<p>-Modelar a plasticina: levar a criança a mexer, a sentir a textura e criar objetos através de estímulos positivos e referência visuais;</p> <p>-Pintura com pincel médio;</p>	<p>-Plasticina;</p> <p>- 1 folha branca com um quadrado;</p> <p>- 1 copo com tinta verde;</p> <p>-1 pincel;</p>	<p>-Criança em estudo;</p> <p>-A investigadora.</p>	<p>O Eduardo hoje está muito calmo. Levei-o para a sala de sessões e ele sentou-se na cadeira. Dei-lhe os copos da plasticina abertos, ele brincou algum tempo com eles e com as tampas. Depois de algum tempo, enfiou a mão no copo com a plasticina azul e tirou um bocado de plasticina, eu disse-lhe para ele fazer uma bola e ele começou a rolar a plasticina na mesa com uma mão e com a outra continuava a brincar com os copos. Por vezes olhava fixamente para fora da janela. Depois tirou mais plasticina azul e eu disse-lhe para juntá-las e tentar fazer uma cobra. O Eduardo pegou nos dois pedaços de plasticina e tentou juntá-los. De seguida primeiro com uma mão e depois com as duas, o Eduardo fez rolar a plasticina na mesa. Depois disse-lhe para fazer uma bola, e agarrei num pouco de plasticina e fiz uma bola com as minhas mãos. De seguida agarrei nas mãos dele e fiz com as dele, depois disse-lhe para fazer sozinho, ele tentou mas não conseguiu e então voltou a fazer rolar a plasticina na mesa. Depois disse-lhe que íamos brincar com a plasticina cor-de-rosa e entreguei-lha. Ele agarrou-a com uma mão levou-a à mesa e fê-la rolar com as duas mãos. Depois furou-a com os dedos a sorrir e enquanto isso fechava os olhos. Depois tentou achata-la colocando as duas mãos sobre a plasticina. De seguida pegou na tampa do copo da plasticina, emitiu um som de satisfação e colocou-a sobre a plasticina. Voltou a pegar na plasticina azul, ficando com a cor-de-rosa numa mão e a azul na outra. Disse-lhe para me dar uma, deu-me a cor-de-rosa e ficou com a azul. Primeiro começou a tirar pedacinhos e depois misturou-a toda nas mãos. Colocou a plasticina na mesa achatou-a com as duas mãos, uma sobre a outra, pegou num molde e começou a bater com ele na plasticina, eu exemplifiquei como se usava e ele tentou imitar-me. Depois de algum tempo eu dei-lhe indicações para fazer uma cobra e exemplifiquei com a plasticina cor-de-rosa. Ele juntou a plasticina e rolou-a na mesa. Mas deixou-a e começou a brincar com a minha cobra. Depois coloquei-me atrás dele e com as mãos dele fiz uma cobra da plasticina azul. Quando larguei as mãos dele ele continuou a fazer a cobra sozinho. De seguida pegou noutra molde colocou em cima da plasticina, carregou e tirou-o. Viu a marca que tinha deixado e voltou a colocá-lo novamente em cima da plasticina, e voltou a carregar as mãos sobre a forma.</p> <p>O Eduardo esteve muito calmo nesta atividade e atento ao que eu lhe dizia. A plasticina era mole e de tato suave. O Eduardo gostou muito de fazer esta atividade, conseguindo mais ou menos moldar a plasticina. O Eduardo conseguiu estar 20 minutos a explorar a plasticina sem nunca se ter tentado levantar.</p> <p>A segunda atividade não foi realizada por falta de tempo.</p>



## Registro de sessão

Número da sessão: 12

Tempo da sessão: 20 minutos

**Objetivo geral:** Estimular a concentração

Objetivos específicos	Atividades	Materiais	Intervenientes	Observações
<p>-Ser capaz de permanecer sentado;</p> <p>-Ser capaz de desenhar com intencionalidade;</p> <p>- Ser capaz de explorar o espaço da folha-dentro e fora;</p> <p>-Ser capaz de manter laços de afetividade com a investigadora.</p>	<p>-Técnica do lápis de cera com guache aguado: levar a criança a fazer um desenho e passar o guache com um pincel por cima do desenho;</p> <p>- Colar confetes dentro do quadrado.</p>	<p>-lápis de cera;</p> <p>-Copo com tinta;</p> <p>-Pincel;</p> <p>-1 folha A4 com um a imagem de um quadrado;</p> <p>-1 folha A3 branca;</p> <p>-confetes azuis;</p>	<p>-Criança em estudo;</p> <p>-A investigadora.</p>	<p>Quando cheguei o Eduardo estava a lanchar. Fui ter com ele, dei-lhe um beijinho e esperei que acabasse de comer. Quando acabou o seu lanche veio ter comigo e deu-me a mão, fomos para a sala de sessões, ele sentou-se na cadeira, estava calmo. Coloquei o copo dos lápis de cera em cima da mesa e disse-lhe que íamos desenhar árvores e flores, ele tirou dois lápis de cera, com a mão direita pegou corretamente com a esquerda não. E eu disse-lhe que era só com um lápis. Ele deu-me um e ficou com o outro. Pegou no lápis com os dedos todos da mão direita, com a mão direita segurava o lápis com a esquerda a folha e começou a fazer riscos. Eu disse-lhe para fazer uma bola, que íamos fazer uma flor, ele apenas riscou a folha. Mostrei-lhe o copo e perguntei-lhe se queria mudar de cor, ele desviou o copo e continuou a riscar. Depois dei-lhe o copo com o pincel, e ele agarrou no meio do pincel com a mão toda e começou a pincelar. Dei-lhe indicações e mostrei-lhe como se segurava no pincel. Depois voltou a molhar o pincel no copo e pincelou a folha quase toda segurando o pincel corretamente. Depois mexeu no pincel com os dedos passou o pincel para a mão esquerda e com a direita mexei no pincel. Por fim pousou o pincel em cima do trabalho e esfregou a mão suja na mesa. Eu disse que o trabalho estava lindo e limpei-lhe as mãos. Enquanto eu limpei a mesa o Eduardo foi espreitar a janela.</p> <p>Fui ter com ele, dei-lhe beijinhos e levei-o para a cadeira. Passei para a outra atividade, coloquei a folha com o quadrado, dei-lhe a cola ele agarrou a cola por cima e tentou leva-la à boca eu não deixei e ele passou a cola dentro do quadrado. De seguida coloquei a caixa dos confetes em cima da mesa, ele primeiro joga a mão aos confetes e coloca sobre a folha, depois chega a caixa para perto dele e começa a tirar confetes de dentro da caixa para o quadrado, embora deixe cair muitos fora do quadrado.</p> <p>Quando acabei a atividade o Eduardo mostrou-se interessado no pincel e no copo da tinta, eu estava a arrumar o material e ele pegou no copo, disse-lhe se queria pintar que se fosse sentar, e para meu espanto, ele foi e eu dei-lhe uma folha branca para ele pintar. Ele agarrou a meio do pincel com a mão toda, dessa vez com a esquerda e começou a bater com o pincel na folha. Depois agarrou o pincel com a mão direita e o copo com a mão esquerda enfiou o pincel no copo e andou à volta com o pincel dentro do copo. Voltou a tirar e a bater com o pincel na folha branca, repetiu este processo algumas vezes.</p> <p>Nesta última atividade o Eduardo não jogou a mão ao pincel. E quando colocou os confetes dentro do quadrado foi intencionalmente, embora houvesse muitos fora do quadrado.</p>

## Registro de sessão

Número da sessão: 13

Tempo da sessão: 20 minutos

**Objetivo geral:** Estimular a concentração

Objetivos específicos	Atividades	Materiais	Intervenientes	Observações
<p>-Ser capaz de permanecer sentado;</p> <p>-Ser capaz de olhar com intenção para a atividade enquanto a executa;</p> <p>- Ser capaz de utilizar corretamente os materiais;</p> <p>-Ser capaz de perceber as características das plantas-flor, folha e caule;</p> <p>-Ser capaz de manter laços de afetividade com a investigadora.</p>	<p>-Carimbar com a rolinha e a tinta amarela as pétalas do malmequer;</p> <p>-Colar papel de cozinha no centro do malmequer;</p> <p>- Pintar o pé e as folhas do malmequer com o rolo e a tinta verde;</p>	<p>--1 folha A3 com a imagem de uma malmequer;</p> <p>-Tinta amarela e verde;</p> <p>-1 rolo-esponja;</p> <p>-1 prato de plástico;</p> <p>-1 rolinha.</p> <p>-1 tubo de cola batom;</p> <p>-1 rolo de cozinha.</p>	<p>-Criança em estudo;</p> <p>-A investigadora.</p>	<p>Quando cheguei o Eduardo ainda não tinha chegado à escola. Hoje chegou mais tarde porque teve terapia ocupacional de manhã. Quando chegou fui ter com ele e ele deu-me a mão. Fomos para a sala de sessões, ele sentou-se e olhou a sala toda, fixou o olhar lá fora e tive que o chamar para captar a sua atenção. Coloquei a folha com a malmequer o prato com a tinta amarela com a rolinha. Disse-lhe que na primavera há flores e que íamos pintar a malmequer da primavera. Primeiro começámos pela flor, pedi-lhe para carimbar as pétalas de amarelo. A primeira reação foi jogar a mão à tinta, depois eu disse-lhe que era com a rolinha. Então ele deitou a rolinha e começou a rodá-la sobre a folha, deixei-o assim algum tempo e depois disse-lhe e exemplifiquei com a mão dele, que era com a rolinha para cima, ele agarrou com alguns dedos e começou a bater a rolinha com força na folha. Tentei ajudá-lo agarrando a mão dele, mas ele recusou e não quis agarrar mais na rolinha. Queria levantar-se da cadeira, mostrei-lhe o rolo-esponja, coloquei tinta verde no prato, ajudei-o a molhar o rolo na tinta e disse para ele pintar o caule e as folhas da flor, a primeira reação dele foi espremer o rolo com a outra mão e esfregar na mesa. Enquanto rolava o rolo no prato da esfregava os dedos na mesa. Depois de algum tempo voltou a colocar o rolo no prato da tinta e colocou o rolo na folha da flor e rolou o rolo com uma mão enquanto segurava a folha com a outra. Voltou com o rolo ao prato e passou o rolo pelo caule da flor, enquanto segurava a folha com a outra mão. Tentei desviar-lhe a mão para ele pintar a outra folha mas não deixou e fez um som com a boca como se tivesse chorando. Depois disse-lhe que íamos colar papel no meio do malmequer, dei-lhe a cola, ele agarrou a cola com as duas mãos e colocou cola dentro do círculo, foi também para as pétalas, mas pouco. Ao retirar a cola da folha a folha veio atrás e o Eduardo puxou-a com a outra mão. Dei-lhe folhas de papel de cozinha e mostrei-lhe que eram para rasgar. O Eduardo agarrou nelas e colou-as ao monte, retirei-as e disse-lhe que as tínhamos que rasgar. Ajudei-o a rasgar e ele colou no centro do malmequer. Levou algum tempo a colar, primeiro colou um bocadinho, eu disse-lhe que tinha que colar todo e depois colocou o resto, quando o círculo já estava preenchido bateu com uma mão e depois com as duas, uma em cima da outra. No fim da atividade colocou as mãos na cara e sorriu.</p> <p>Achei o Eduardo um pouco cansado. Já conseguiu colocar a cola e retirar a cola do papel sem ajuda. O Eduardo, desta vez não correu a folha toda com a cola. Já conseguiu colocar a cola só no local que lhe indiquei.</p>

## Registro de sessão

Número da sessão: 14

Tempo da sessão: 20 minutos

**Objetivo geral:** Estimular a concentração.

Objetivos específicos	Atividades	Materiais	Intervenientes	Observações
<p>-Ser capaz de permanecer sentado;</p> <p>-Ser capaz de agarrar na rolha e carimbar objetivamente a folha;</p> <p>- Ser capaz de colocar o grão em cima dos traços</p> <p>-Ser capaz de criar laços afetivos com a investigadora.</p>	<p>-Carimbar o sol de amarelo com a rolha;</p> <p>-colar grão-de-bico nos raios de sol;</p>	<p>-1 folha A3 com a imagem de um sol;</p> <p>-Tinta amarela;</p> <p>- 1 caixa com Grão-de-bico;</p> <p>-1prato de plástico;</p> <p>-1 rolha.</p> <p>-1 tubo de cola líquida;</p>	<p>-Criança em estudo;</p> <p>-A investigadora.</p>	<p>Hoje quando cheguei o Eduardo estava na rua com os outros meninos, fui ter com ele e ele deu-me a mão como faz sempre. Fomos para a sala de sessões. O Eduardo sentou-se na cadeira, de seguida levantou-se e foi espreitar para a janela, emitindo sons, dei-lhe abraços e voltei a sentá-lo. Coloquei em cima da mesa um livro das estações do ano, feito em moogummi, com peças soltas, em que o objetivo era o Eduardo colocar as peças no local certo. O livro era simples mas colorido. Primeiro estive a explorar as características de cada estação, ele ia mudando a página e eu ia falando, o Eduardo tentou rasgar o livro, mas como era de moogummi não conseguiu. De seguida dei-lhe as peças, o Eduardo pegava nas peças ao calha e eu ia dando-lhe a indicação se era a correta ou não, O Eduardo teve alguma dificuldade em colocar algumas peças, necessitando de ajuda. Depois, coloquei a folha com o sol à sua frente, peguei na rolha e exemplifiquei o que era para fazer, dizendo que o sol é amarelo, esta técnica já era conhecida do Eduardo, eu usei na sessão anterior. O Eduardo pegou na rolha e começou a carimbar, levou a rolha ao prato da tinta, esfregou-a e voltou a carimbar, mas desta vez fora do sol. Eu disse-lhe que era dentro do sol, ele levou a rolha novamente ao prato, deitou a rolha e começou a esfrega-la pelo prato da tinta, depois colocou a rolha na folha e carimbou novamente o sol. Depois limpei-lhe a mão, ele está sempre muito quieto quando lhe limpo as mãos. Acabei de limpar a mão e ele levantou-se novamente e foi para a fazer ruídos. Brinquei um bocadinho às cocegas com ele, dei-lhe afetos e disse-lhe que tínhamos que acabar o trabalho. Voltei a sentá-lo. De seguida peguei na mão dele, coloquei a cola líquida, nos raios do sol. Coloquei a caixa do grão perto dele e exemplifiquei que era para tirar e colar nos raios de sol. Ele colocou a mão dentro da caixa e esteve algum tempo a brincar com o grão, depois encheu a mão de grãos e despejou em cima da folha. Eu disse-lhe que não era assim, que eram pouco de cada vez e voltei a colocar os grãos dentro da caixa. Então ele começou a colocar poucos de cada vez em cima da folha. Eu disse-lhe que tinha que os colar no raio de sol. De seguida ele começou a agarrar no grão e a coloca-los dentro do sol. Então peguei na mão dele e ajudei-o a colar o grão nos raios de sol.</p> <p>O Eduardo conseguiu pegar com os dedos na rolha e carimbar o sol. O facto de os colegas estarem na rua não ajudou pois era um motivo de distração.</p>



## Registro de sessão

Número da sessão: 15

Tempo da sessão: 20 minutos

**Objetivo geral:** Estimular a concentração

Objetivos específicos	Atividades	Materiais	Intervenientes	Observações
<p>-Ser capaz de permanecer sentado;</p> <p>-Ser capaz de olhar com intenção para a atividade enquanto a executa;</p> <p>- Ser capaz de utilizar corretamente os materiais;</p> <p>-Ser capaz de desenhar corretamente o círculo;</p> <p>-Ser capaz de manter laços de afetividade com a investigadora.</p>	<p>- Desenhar círculos com giz, colar material à volta dos círculos de forma a obter flores;</p> <p>-Carimbar várias formas de folhas de árvores numa folha branca;</p> <p>-Pintar as folhas de verde;</p>	<p>-1 folha verde A3;</p> <p>-1 folha branca A3;</p> <p>-Carimbos de folhas de árvores;</p> <p>-Esponja com tinta azul;</p> <p>-Giz branco;</p>	<p>-Criança em estudo;</p> <p>-A investigadora.</p>	<p>Quando cheguei à sala o Eduardo estava sentado na área da casinha, fui ter com ele e dei-lhe afetos, ele abraçou-me muito feliz e mexeu-me nas orelhas. Fomos para a sala de sessões. Ele correu a sala toda a mexer em tudo, mexeu nas canetas, no armário, nos livros, na televisão, nos brinquedos, fui ter com ele fiz-lhe cocegas, brinquei um pouco com ele e levei-o até à cadeira. Sentou-se mas quis logo levantar-se. Mostrei-lhe o giz, o que lhe despertou interesse. Tirei uma folha verde e pedi-lhe para desenhar círculos. De início não sabia agarrar corretamente no giz, exemplifiquei como se agarrava no giz e fiz um círculo. A folha era A3 estava a incomodá-lo, dobrei-a ao meio, ele riscou a folha, desta vez pegando corretamente no giz com a mão direita e segurando a folha com a mão esquerda, fez riscos horizontais e verticais, riscou para um lado e para outro, quase fez um círculo, mas não foi intencional. Depois de riscar a folha toda sem qualquer intenção de fazer círculos dei a atividade como terminada. Ele queria ir lá para fora, abriu a porta e fugiu à minha frente a sorrir, queria que eu o fosse apanhar. Fui ter com ele e disse-lhe que brincávamos mais tarde. Trouxe-o para a cadeira, tirei os carimbos a esponja com tinta azul e a folha branca, exemplifiquei uma vez, ele mexeu no carimbo, levantou-se, guardou o carimbo e foi deitar-se no sofá, a fazer sons como se estivesse a chorar. Fui ter com ele, dei-lhe afetos e disse que íamos só acabar as folhinhas. O Eduardo sentou-se na cadeira, ajudou-o a passar o carimbo na esponja azul, ele carimbou duas vezes sempre a imitar sons, e dei a atividade como concluída.</p> <p>A sessão de hoje correu mais ou menos, o Eduardo estava muito agitado, aparentava estar feliz mas muito irrequieto. Não conseguiu desenhar os círculos, embora tivesse gostado de trabalhar com giz.</p> <p>Não gostou de fazer a carimbagem.</p>

## Registro de sessão

Número da sessão: 16

Tempo da sessão: 20 minutos

**Objetivo geral:** Estimular a concentração.

Objetivos específicos	Atividades	Materiais	Intervenientes	Observações
<p>-Ser capaz de permanecer sentado;</p> <p>- Ser capaz de colar dentro do quadrado;</p> <p>-Ser capaz de colocar a cola;</p> <p>-Ser capaz de rasgar folhas de revista;</p> <p>-Ser capaz de amarratar folhas;</p> <p>-Ser capaz de criar laços afetivos com a investigadora.</p>	<p>-Amarrotar folhas de revista;</p> <p>-Rasgar folha de revista;</p> <p>-Colar pedaços de folhas de revista dentro do quadrado</p> <p>-desenhado numa folha branca;</p> <p>-Colar tiras de folhas de revista numa folha verde sem limitação;</p>	<p>- 1 folha branca com um quadrado desenhado;</p> <p>-1 folha verde sem limitações;</p> <p>-1 revista;</p> <p>-1 tubo de cola;</p>	<p>-Criança em estudo;</p> <p>-A investigadora.</p>	<p>Quando entrei na sala o Eduardo sorriu e veio dar-me a mão. Fomos para a sala de atividades, sentei-o na cadeira habitual e eu sentei-me na cadeira em frente, cantei uma canção do bom dia para ele e bati palmas com as mãos dele enquanto cantava. Dei-lhe afetos e disse-lhe que iam trabalhar. Peguei numa folha e amarratei-a toda, dei uma folha ao Eduardo e pedi para ele fazer o mesmo. Ele começou a rasga-la. Então peguei nas mãos dele e disse que iam amarratar a folha. Depois de estar amarratada, deixei-a à frente dele e disse-lhe para ele amarratar mais, e ele começou a abri-la. Tentei mais uma vez que ele a amarratasse, mas ele voltou a abri-la. Então passei para atividade seguinte, rasgar pedacinhos de folha. Dei-lhe outra folha e ele começou a rasgar pedaços grandes, agarrou com as pontas dos dedos e puxou uma mão para cada lado, pedi-lhe para rasgar pedaços mais pequenos e ele rasgou. De seguida dei-lhe a folha branca com o quadrado e dei-lhe o tubo da cola, e o Eduardo pegou com uma mão no tubo da cola e com outra na folha e esfregou a cola para um lado e para outro. Disse-lhe que já chegava e pedi-lhe para colocar o tubo da cola na mesa. Depois começou a colar pedacinhos de folha dentro do quadrado, alguns ainda estavam grandes e eu disse-lhe e exemplifiquei, para rasgar mais pequenos e ele rasgou.</p> <p>De seguida dei-lhe outra folha de revista e exemplifiquei rasgando esta às tirinhas, ele agarrou na folha e rasgo-a bem, às tiras. Dei-lhe o tubo da cola e coloquei a folha verde à sua frente e disse-lhe para colocar cola em toda a folha, primeiro ele começou a rasgar também a folha verde, voltei a dizer que aquela não era para rasgar e disse-lhe para colocar cola, ele colocou e depois eu disse-lhe para colar tiras de revistas, uma a uma, pela folha, e exemplifiquei. Ele agarrou em todas as tiras e deixou-as cair para cima da folha. Eu voltei a dizer que era uma a uma e ele começou a fazer roídos de quem já está cansado e colocou todos os pedaços de revista em cima da folha verde, inclusive os que estavam no chão. Já estava cansado e dei a sessão por acabada.</p> <p>O Eduardo não conseguiu amarratar a folha. Colou alguns pedaços de papel fora do quadrado mas a maioria foi dentro, conseguindo assim atingir o objetivo.</p> <p>Eu estava à espera que o Eduardo levasse o tubo da cola à boca, mas ele não levou e também não passou a cola pela folha toda.</p>

## Registro de sessão

Número da sessão: 17

Tempo da sessão: 20 minutos

**Objetivo geral:** Estimular a concentração.

Objetivos específicos	Atividades	Materiais	Intervenientes	Observações
<p>-Ser capaz de permanecer sentado;</p> <p>- Ser capaz de olhar para a atividade intencionalmente;</p> <p>-Ser capaz de manipular objetos de forma precisa;</p> <p>-</p> <p>-Ser capaz de criar laços afetivos com a investigadora.</p>	<p>-Grafismo: levar a criança a segurar corretamente na caneta e passar com a caneta por cima do tracejado;</p> <p>- O Labirinto: levar a criança a fazer o labirinto;</p>	<p>-1Folha A4 com grafismo;</p> <p>-1Folha A4 com um labirinto</p> <p>-Canetas de feltro;</p> <p>-1 pincel fino;</p> <p>-1 copo com tinta;</p>	<p>-Criança em estudo;</p> <p>-A investigadora.</p>	<p>Hoje quando cheguei o Eduardo estava deitado no tapete da área da garagem enquanto os seus colegas estavam todos sentados a trabalhar. Fui ter com ele e ele abriu-me um grande sorriso, levantou-se e deu-me a mão, ficou mesmo muito feliz quando me viu. Depois fomos para a sala de sessões. Ele sentou-se sem problemas. Coloquei o estojo das canetas em cima da mesa e uma ficha de grafismo. Pedi-lhe para ele tirar do estojo uma caneta, o Eduardo abriu o estojo mexeu nas canetas todas e tirou-as para fora. Eu disse-lhe que era só uma, ele pegou numa caneta e eu guardei as outras. Dei as indicações ao Eduardo e exemplifiquei, coloquei a caneta que ele escolheu corretamente na mão dele e com a caneta tapada passei por cima do tracejado. Depois disse-lhe que agora era a vez dele. Ele destapou a caneta e agarrou no meio da caneta com uma mão toda e com a outra segurou a folha e começou a riscar sem intenção de seguir os traços. Depois trocou de mão agarrou igualmente a caneta no meio e com a mão toda e com a outra mão segurou na folha, riscou mais um pouco, mas muito menos que com a direita. Voltou a trocar de mão e eu expliquei-lhe como se segurava na caneta e ajudei-o a colocar a caneta corretamente, ao contrário do que eu esperava o Eduardo não mudou a posição da mão na caneta, continuou a riscar a folha com menos intensidade, mas segurando na caneta corretamente, riscou mais um pouco, tapou a caneta colocou-a dentro do estojo e fechou o estojo. Levantou-se e foi deitar-se no sofá. Fui ter com ele e brinquei às coceguinhas, ele fartou-se de ri e jogou a mão à barriga onde eu lhe estava a fazer coegas.</p> <p>De seguida fui sentar-me na minha cadeira, chamei-o e ele foi sentar-se na cadeira dele a sorrir. Coloquei a folha com um labirinto simples, com o objetivo de ele preencher o caminho com um pincel fino. Primeiro expliquei-lhe que a menina queria chegar ao seu anel e que ele ia ajudá-la, peguei no pincel seco e fiz o caminho. Coloquei o pincel no copo da tinta e o Eduardo pegou no pincel fino com a mão toda e começou a bater com ele na folha, depois pegou no copo com a mão esquerda, colocou o pincel dentro do copo e rodou o pincel por todo o copo, neste momento o Eduardo pegou corretamente no pincel. De seguida voltou a bater com o pincel na mesa. Repetiu este processo algumas vezes. Acabámos a nossa sessão com muitos mininhos. O Eduardo gosta muito de abraços e de beijinhos A criança continua a ter noção que tem que segurar na folha para que esta não "fuja" quando está a trabalhar. A criança conseguiu segurar corretamente na caneta.</p>

				O Eduardo hoje não fixou o olhar vez nenhuma lá fora, olhando constantemente para o material, para a folha e para mim.
--	--	--	--	--

## Registro de sessão

Número da sessão: 18

Tempo da sessão: 20 minutos

**Objetivo geral:** Estimular a concentração.

Objetivos específicos	Atividades	Materiais	Intervenientes	Observações
<p>-Ser capaz de permanecer sentado;</p> <p>- Ser capaz de olhar para a atividade intencionalmente;</p> <p>-Ser capaz de manipular objetos de forma precisa;</p> <p>-Ser capaz de distinguir as diferentes partes do corpo;</p> <p>-Ser capaz de criar laços afetivos com a investigadora.</p>	<p>-Colagem de lã: levar a criança a pintar uma imagem de uma cara e de seguida colar lã no lugar do cabelo;</p> <p>- Colagem de objetos brilhantes: levar a criança a associar a cor ao objeto e à parte do corpo.</p> <p>-Pintura do rosto do boneco. Levar a criança a pintar o rosto do boneco.</p>	<p>-1Folha A4 com uma cara desenhada.</p> <p>-1 folha A3 com a imagem pintada de um menino;</p> <p>-Lã;</p> <p>-Objetos brilhantes;</p> <p>-Lápis de cor;</p> <p>-Tubo de cola batom.</p>	<p>-Criança em estudo;</p> <p>-A investigadora.</p>	<p>Quando cheguei à sala o Eduardo estava sentado na área da casinha. Sorriu eu fui ter com ele, baixei-me junto dele, dei-lhe beijinhos e um abraço. Ele abraçou-me e mexeu-me nas orelhas. Perguntei-lhe se estava bem, ele começou a sorrir e a brincar com as minhas mãos. Disse-lhe que íamos para outra sala trabalhar e levei-o. Ele entrou na sala e foi deitar-se no sofá. Fui ter com ele, dei-lhe beijinhos e fiz-lhe cocas, o Eduardo fartou-se de rir. Fui sentar-me na cadeira e chamei-o, ele veio. Disse-lhe que íamos pintar a cara de um menino, coloquei a folha à frente dele e o lápis. O Eduardo já não pegou no lápis com a mão toda, mas apenas com 3 dedos. Fez riscos pela folha sem intenção de pintar somente a cara e colocou o lápis em cima da mesa, quis levantar-se mas não deixei e disse-lhe que tínhamos que acabar o trabalho e que brincaríamos depois. Ele ficou sentado, dei-lhe o lápis vermelho e disse-lhe para agarrar como eu o ensinei e pintar a boca. Desta vez o Eduardo pegou corretamente no lápis, embora tivesse feito riscos em toda a folha e não somente pintado a boca do boneco. Dei-lhe o lápis castanho, o qual ele pegou da mesma forma como pegou no primeiro, mas não agarrou com a mão toda como fazia sempre. Depois de também desta vez ter feito riscos sem uma intenção, disse-lhe que íamos colar a lã. Dei-lhe a cola, ele agarrou na cola com uma mão e passou-a na outra mão a sorrir, disse-lhe que era na folha e ele olhou para mim, eu apontei com o meu dedo onde era e ele passou a cola no local indicado. Eu coleí os primeiros bocadinhos de lã para exemplificar e disse-lhe para ele fazer o mesmo. Ele olhou para mim a sorrir e começou a brincar com a lã, agarrou bocados de lã com as duas mãos e começou a deitá-los para o chão. De seguida, fui ter com ele e disse-lhe que brincávamos depois e que tínhamos que trabalhar. Voltei a explicar-lhe o que era para fazer e ele começou a colar muitos pedaços de lã ao mesmo tempo na cabeça do boneco. O Eduardo gostou muito de brincar com os pedaços de lã. De seguida levantou-se e foi para o sofá. Fui ter com ele dei-lhe miminhos e trouxe-o de volta à cadeira.</p> <p>Na atividade seguinte os objetos brilhantes chamaram muito a atenção do Eduardo. Este levou muito tempo a explorá-los. Tive que estar sempre atenta pois algumas vezes o Eduardo tentou levá-los à boca. Depois de algum tempo pedi ao Eduardo para este colocar</p>

				<p>cola nas pernas do boneco, as que estavam pintadas de amarelo e aponteí. O Eduardo agarrou corretamente na cola e passou nas pernas do boneco, onde eu tinha apontado depois começou a escorregar a cola na folha e colocando cola também na mesa. Eu disse-lhe que na mesa não e que já chegava de cola. Peguei nas peças e coloquei uma de cada cor no lugar onde queria que ele as colocasse e deixei as restantes perto dele. O Eduardo agarrou em todas as peças e deixou-as cair para cima da folha. Depois voltou a agramar nelas e voltou a deixá-las cair e repetiu esta ação algumas vezes. Por fim agarrei na mão dele e fui colando os objetos brilhantes nas cores indicadas referenciando a que partes do corpo correspondiam e dei por terminada a atividade.</p> <p>O Eduardo gosto muito de brincar com a lã, continua a agarrar bem na cola e na folha para colocar a cola e já agarrou corretamente no lápis. E mesmo quando não agarrou corretamente esteve próximo. Já não agarrou o lápis com a mão toda e a meio, mas sim apenas com os dedos e na ponta.</p>
--	--	--	--	---



## Registro de sessão

Número da sessão: 19

Tempo da sessão: 20 minutos

**Objetivo geral:** Estimular a concentração.

Objetivos específicos	Atividades	Materiais	Intervenientes	Observações
<p>-Ser capaz de permanecer sentado;</p> <p>- Ser capaz de olhar para a plasticina e para massa de cores enquanto brinca com as mesmas;</p> <p>-Ser capaz de manipular objetos de forma correta;</p> <p>-Conhecer alguns aspectos do ambiente natural;</p> <p>-Ser capaz de criar laços afetivos com a investigadora.</p>	<p>- Pintar a flor: levar a criança a pintar o interior das “cuvetes”;</p> <p>-Desenhar o pé das flores.</p>	<p>-1 folha A3 branca com “cuvetes” de maçã coladas;</p> <p>-Copo com tinta vermelha;</p> <p>-Copo com tinta Verde;</p> <p>-2 pinceis;</p> <p>-1 tubo de cola batom;</p>	<p>-Criança em estudo;</p> <p>-A investigadora.</p>	<p>Quando cheguei o Eduardo tinha acabado de lanchar. Os colegas ainda estavam todos sentados nas mesas e o Eduardo andava pela sala. Fui ter com ele. Ele sorriu quando me viu e agarrou-me a mão, disse-lhe que íamos para a outra sala e levei-o. Quando entrámos na sala o Eduardo não correu até ao sofá, foi comigo até à mesa de trabalho, eu disse-lhe para ele se sentar e ele sentou-se. Eu sentei-me em frente a ele, coloquei a folha branca com as “cuvetes” coladas em cima da mesa, e coloquei o copo com a tinta vermelha e o pincel. Disse ao Eduardo para pintar a parte de dentro da flor e apontei com o dedo. O Eduardo pegou na ponta do pincel com os dedos da mão esquerda e começou a pintar dentro e fora da “cuvete”. Trocou o pincel de mão, foi com o pincel ao copo e voltou a pintar. Bateu com o pincel dentro das “cuvetes”, deixou o copo da tinta que estava a agarrar com a mão esquerda e começou a agarrar nas “cuvetes” enquanto pintava, pintando também os dedos da mão. Começou a bater com muita força numa só “cuvete” e eu disse que já chegava, que íamos passar para o pé da flor. Troquei o copo e o pincel, limpei a mesa e entretanto o Eduardo levantou-se da cadeira e foi em direção à porta de saída. Fui rapidamente ter com ele e disse-lhe que já íamos brincar na rua com os amigos, que primeiro tínhamos que acabar as nossas flores. Sentei-o na cadeira, peguei no pincel com a mão dele e pinte (coloquei o pincel perto da flor e deslizei-o para baixo) o pé duma flor. Depois disse-lhe para ele desenhar o pé das outras. Eu estava à espera que o Eduardo começasse a bater com o pincel na folha, mas este deslizou o pincel para cima e para baixo com força, mas não bateu. Depois de terminar a atividade, limpei-lhe as mãos e fui entregá-lo à responsável.</p>

## Registro de sessão

Número da sessão: 20

Tempo da sessão: 20 minutos

**Objetivo geral:** Estimular a concentração.

Objetivos específicos	Atividades	Materiais	Intervenientes	Observações
<p>-Ser capaz de permanecer sentado;</p> <p>-Ser capaz de manipular objetos de forma precisa;</p> <p>-Saber fazer a figura humana;</p> <p>-Ser capaz de criar laços afetivos com a investigadora.</p>	<p>-Modelar a massa: levar a criança a mexer, a sentir a textura e criar a figura humana através de estímulos positivos e referência visuais;</p>	<p>-Massa de modelar;</p> <p>-Grão de bico.</p>	<p>-Criança em estudo;</p> <p>-A investigadora.</p>	<p>Cheguei à sala e o Eduardo estava muito bem-disposto, veio ter comigo a sorrir, agarrou-me na mão e fomos para a sala de sessões. Era a nossa última sessão e queria que ele conseguisse ter noção da figura humana. Sentou na cadeira a emitir sons de agrado e a sorrir. Dei-lhe um bocado da massa de modelar e tirei um pouco para mim. E disse-lhe que íamos fazer a cabeça da mãe. Comecei a fazer a bola e disse-lhe para ele fazer como eu. Ele começou a rodar a massa na mesa, depois de algum tempo estava parecida com uma bola. Tirei o copo do grão e disse-lhe que íamos fazer os olhos o nariz e a cabeça, e exemplifiquei na minha bola de massa de modelar. O Eduardo colocou a bola dele de lado pegou na minha e retirou o grão que eu lá tinha colocado.</p> <p>O Eduardo percebeu que era para fazer a bola, mas não percebeu que estávamos a fazer a cabeça. De seguida disse-lhe que íamos fazer o corpo da mão e exemplifiquei na minha massa. Ajudei-o a fazer uma cobra com a massa dela para colocarmos junto à cabeça a fazer de corpo. Quando coloquei a tira da massa junto ao corpo o Eduardo pegou na tira e começou a brincar com ela.</p> <p>O Eduardo ainda não tem a noção do “todo”, ele percebe o individual, mas não consegue ligar a um conjunto. Não percebeu que a bola e a tira serviam para fazer um todo. Mas penso que com a continuidade da atividade ele fosse perceber.</p>

## **5. Discussão dos Resultados**

Tendo explicado e descrito os instrumentos e procedimentos metodológicos utilizados para a realização deste estudo, passar-se-á à interpretação e análise dos dados obtidos. Os objetivos e as questões de pesquisa que deram orientação ao longo do estudo estiveram sempre presentes. Após ter concluído as etapas de investigação, é possível ser feito um balanço dos resultados obtidos.

Para se dar início à investigação, foi necessário conhecer o aluno em estudo e criar uma relação com o mesmo. Como referem Gloton e Clero (1997), a relação que se estabelece entre o adulto e a criança é fundamental. Desta forma, antes da intervenção foram feitas sessões de observação. De modo a completar as informações obtidas nas sessões foram feitas entrevistas.

No que diz respeito ao autismo em geral a psicóloga e a terapeuta da fala referem que esta problemática é uma disfunção que afeta essencialmente a capacidade de comunicação, a interação e a socialização. A terapeuta ocupacional refere como grande dificuldade a modelação sensorial e a interação social. Mello (2003) caracteriza o autismo como sendo constituído por desvios qualitativos na comunicação, na interação social e no uso da imaginação. O Eduardo, de acordo com a psicóloga, padece de uma perturbação do espectro de autismo grave. A terapeuta ocupacional concorda dizendo que ele tem um autismo mesmo muito profundo, que é um menino muito complexo. Esta profissional refere que é uma problemática grave. A educadora acredita que o Eduardo tem uma grande diferença dos colegas a nível do desenvolvimento cognitivo. Os pais baseiam-se na opinião dos médicos para dizerem que o Eduardo tem uma transtorno de desenvolvimento e alguns sintomas que os fazem suspeitar de autismo.



Relativamente à comunicação tanto os pais como as técnicas referem que o Eduardo tem muitas dificuldades na comunicação. Para Jordan (2000) isso acontece porque a criança com autismo não tem intenção de comunicar. No decorrer das observações pôde constatar-se que o Eduardo tem dificuldade em fazer-se entender, uma vez que não fala. Segundo Ferrel (2008) a comunicação pode ser conseguida utilizando outros métodos que não a fala. Assim, e de acordo com a terapeuta da fala, seria muito vantajoso para o Eduardo o uso de uma tabela de comunicação. Segundo as informações da entrevistada, esta ainda não foi introduzida devido ao facto de o Eduardo ainda se encontrar num nível muito baixo da simbologia. Na observação constatou-se a necessidade da existência de uma tabela de comunicação para entender algumas reações do aluno, pois como refere Nunes (2001) a tabela de comunicação tem como objetivo servir de meio para partilhar informação, para interagir com os outros e expressar as suas necessidades e vontades. Ainda durante a observação pôde-se verificar que o Eduardo usa aquilo que Siegel (2008) designa como «conduzir pela mão» para comunicar. A terapeuta ocupacional relaciona a falta de comunicação do Eduardo com a falta de relacionamento, segundo ela, se não existir um relacionamento, não há necessidade de comunicar.

No que diz respeito à concentração a opinião dos seis entrevistados é comum: o Eduardo tem muitas dificuldades ao nível da concentração, e que ele recusa fazer tudo o que exija concentração, a terapeuta ocupacional explica que é porque o sistema neurológico dele ainda não está preparado para fazer “treinos” de concentração, que está na fase dos “treinos” comportamentais. De acordo com o que foi observado, é difícil para o Eduardo permanecer durante algum tempo numa atividade sem que este seja constantemente incentivado para tal. No sentido de motivar o Eduardo na realização das atividades a psicóloga e a terapeuta da fala usam algumas estratégias. A terapeuta da

fala faz referência à imitação à repetição e à identificação de objetos, bem como o recurso a atividades de curta duração. A psicóloga menciona estratégias com uma componente mais sensorial, partindo do conceito mais fácil para o conceito mais difícil. Já a terapeuta ocupacional, explica que a atividade tem que ser muito bem estruturada, curta e com pausas, recorrendo à imitação e não há explicação, trabalhando em termos cognitivo-comportamentais, de momento insistindo mais na área comportamental. Schopler (1997) cit in Vidigal e Guapo (2003) diz que os exercícios devem ser repetitivos, numa sequência organizada e num espaço rigorosamente delineado para tal. No decorrer da intervenção foi possível observar que o Eduardo se desinteressava se a atividade fosse longa ou se tivesse muitas atividades para realizar, acabando por fazer tudo rapidamente para se “despachar”.

Relativamente à turma, tanto a educadora como os pais referem que todos gostam do Eduardo e que existe um espírito protetor em relação a ele por parte da turma. Embora a educadora considere que não existe uma relação entre o Eduardo e os colegas, pois ele não brinca com eles. A terapeuta da fala, a terapeuta ocupacional e a psicóloga referem que o Eduardo tem dificuldades na relação com os outros. Segundo o que foi observado, não existe de facto uma interação do Eduardo com os colegas nem destes com o mesmo. Como refere Siegel (2008) no autismo a criança não revela o habitual interesse na interação social. Ferrel (2008) acrescenta que as crianças com autismo têm dificuldades de relacionamento porque têm dificuldades em perceber os comportamentos sociais e isso afeta a sua capacidade de relacionar-se.

A educadora está mais sensível à área da formação pessoal e social e refere que tirando essa, o Eduardo tem dificuldades em todas as outras. No entanto os pais acham que ele tem muitas dificuldades em obedecer às regras. Para Pierre e Serra (2006) pode existir um defeito congénito no sistema nervoso central que provoca alterações do

comportamento. A terapeuta ocupacional refere que uma das grandes dificuldades do Eduardo é a área comportamental, mas que este evoluiu positivamente deixando de representar um perigo para si e para os outros.

Relativamente às aprendizagens a psicóloga refere que o Eduardo tem dificuldades em aprender o currículo praticado na escola. Na compreensão das instruções, segundo a terapeuta da fala e a psicóloga, se forem instruções simples e que o Eduardo já esteja habituado ele é capaz de perceber e respeitar. Se as instruções forem novas ou complexas ele não consegue perceber o que lhe é pedido, sendo necessário explicar várias vezes, recorrendo à imitação e dando-lhe tempo para que ele adquira a informação. Do ponto de vista da educadora o Eduardo percebe a mensagem. A terapeuta ocupacional menciona que o Eduardo tem uma disfunção tanto na receção da informação como na descodificação.

No que se refere a materiais manipuláveis em geral, existe uma divergência de opinião entre a educadora e os restantes entrevistados. Na opinião da educadora o Eduardo não se interessa muito por materiais manipuláveis, enquanto que os pais dizem que ele gosta, embora se farte rapidamente. A terapeuta da fala e a psicóloga referem que ele gosta materiais mais sensoriais, que lhe proporcionem experiências táteis, a terapeuta ocupacional concorda, embora mencione que o Eduardo recusa sensorialmente certas texturas. Através da observação pode-se constatar que o Eduardo gosta de materiais que possa manipular, que possa mexer e sentir a textura. Como referem Gloton e Clero (1997), a diversidade dos materiais, a forma, a cor e a textura irão permitir à criança desenvolver capacidades que esta utilizará no desempenho de tarefas do seu dia-a-dia.

No que se refere ainda aos materiais os pais e a psicóloga mencionam que o Eduardo gosta muito de brincar com água. A terapeuta da fala e a psicóloga indicam que o Eduardo gosta de brincar com instrumentos musicais e espuma de barbear. Os pais

referem que em casa o Eduardo gosta muito de mexer na massa do bolo e de fazer comida. A educadora e a psicóloga estão de acordo no que se refere à música e às tintas, ambas dizem que ele gosta, mas no que se refere à plasticina a educadora diz que ele não se interessa muito, enquanto a psicóloga é de opinião contrária. A educadora e os pais dizem ainda que o Eduardo gosta muito de dançar. A terapeuta ocupacional diz que, embora ele toque e interaja com os materiais, não existe uma exploração. No que se refere à observação efetuada durante o estudo, o Eduardo gosta de materiais manipuláveis, de trabalhar com tintas e de mexer no pincel com a mão. Relativamente à plasticina, o Eduardo gosta muito de mexer na plasticina, embora não consiga compor um objeto. De acordo com Sousa (2003), a expressão plástica não está centrada na realização de obras de arte, mas na criança e no desenvolvimento das suas capacidades com vista à satisfação das suas necessidades. Nesta perspetiva são as artes plásticas ao serviço da criança e não o contrário. É importante ter em vista todo o processo de realização e não somente o resultado, pois é através do processo que a criança adquire competências úteis capazes de lhe proporcionar mais autonomia e melhorar a sua qualidade de vida.

No que diz respeito aos apoios, os pais estão satisfeitos dizendo que têm sido uma grande ajuda. Do ponto de vista da terapeuta da fala e da psicóloga, ambas são da opinião que o Eduardo deveria ter mais sessões de terapia ocupacional, e que deveria beneficiar efetivamente do apoio da sala TEACCH. A terapeuta ocupacional acrescenta ainda que a criança beneficia de um apoio organizado em casa, pois o pai é muito atento e tem uma boa perceção da patologia do Eduardo, procurando sempre que necessário soluções. Segundo Vidigal e Guapo (2003) a colaboração dos pais é muito importante, pois o sucesso da intervenção depende muito do suporte familiar da criança.

## **Conclusão**

Sou educadora de infância, trabalho com crianças de idades em que tudo na criança ainda está indefinido, ainda se está a construir. Numa sala de creche ou jardim-de-infância pode surgir a oportunidade de trabalhar com crianças com necessidades educativas especiais e é importante, na minha perspetiva, saber identificar os sinais transmitidos pelas crianças e saber dar respostas às suas necessidades, por este motivo decidi fazer um mestrado em Educação Especial- Domínio Cognitivo e Motor. Escolhi a área das artes plásticas por causa da sua variedade de materiais, das suas possibilidades de trabalhá-los, de transformá-los e usá-los como uma linguagem expressiva e ao mesmo tempo uma forma de conhecimento.

Optei pela problemática do autismo porque sempre foi uma problemática pela qual me interessei e porque na minha prática já me deparei com essa problemática.

Relativamente à criança em questão estava curiosa e ao mesmo tempo reticente quanto à sua reação perante uma pessoa desconhecida, que era o meu caso. Tinha como perspetiva conseguir verificar se as artes plásticas contribuiriam para a estimulação da concentração do Eduardo.

Tomei conhecimento da APEXA através de uma amiga. Contactei-os, indicando-lhes as características da problemática que procurava e estes indicaram-me o Eduardo. Obtive a autorização dos pais e comecei o estudo. Em termos teórico estudei alguns autores, ligados ao autismo como Mello e Siegel e ligados às artes como Sousa, utilizando suporte escrito, os livros. Procurei informar-me em que consistiam os apoios a que o Eduardo tinha acesso. Embora tenha tido muita facilidade em consultar o processo do Eduardo, foi difícil ter a certeza de qual era a sua problemática, pois no processo, os relatórios médicos não são conclusivos. Existiu uma certa incompatibilidade horaria em

relação aos horários da criança proporcionando assim uma certa dificuldade na observação e na intervenção.

Tive em atenção o estudo do caso de uma criança de cinco anos, à qual chamei de Eduardo como nome fictício. As principais características do seu problema assentam na comunicação, o Eduardo não fala, na concentração, o Eduardo não se concentra em nenhuma atividade e na socialização, o Eduardo não se relacionar com ninguém. De acordo com os especialistas entrevistados e com os pais pude concluir que o Eduardo tem uma perturbação do espectro de autismo grave, um autismo muito profundo. Posto isto, passei a uma outra fase, não só de estudo do Eduardo a partir de terceiros, mas também do meu próprio contacto imediato com a criança. Assim foi necessário fazer uma aproximação à criança, tendo em conta a problemática e as características do Eduardo. Comecei a minha aproximação através das observações das sessões com a terapeuta da fala e com a psicóloga, usando estas como elo de ligação. Através do carinho e da compreensão fui ganhando a sua confiança. Desta forma o Eduardo foi tendo a segurança necessária para mostrar as suas dificuldades e as suas capacidades. De uma sessão para a outra ia ganhando cada vez mais a confiança dele e isso ia-se revelando pelo facto de que a cada sessão que passava este mostrava-se menos agitado na minha presença.

Na minha intervenção com o Eduardo utilizei atividades com material plástico para observar qual a sua reação ao material. Apercebi-me que quando levava material para que o Eduardo modelasse este, embora não fizesse nada de concreto, reagia muito bem, explorando o material com as mãos, rodando na mesa para um lado e para o outro. Também me apercebi que o Eduardo gostava de brincar com os objetos que eu fazia com este material.

Com este estudo não consegui comprovar se as artes plásticas beneficiam diretamente a criança com autismo no que diz respeito à concentração, sendo que o motivo verificado, e segundo a terapeuta ocupacional, o Eduardo ainda não está preparado para fazer treinos de concentração, mas do meu ponto de vista, através da metodologia de atividades que usei com o Eduardo pude observar a sua evolução em pequenos gestos funcionais do dia-a-dia como por exemplo, não levar a cola à boca, segurar a folha para colocar a cola ou para pintar, segurar corretamente no lápis. Desta forma posso dizer, apesar da breve duração da intervenção tive indícios que as atividades de artes plásticas sendo sistemáticas e contínuas beneficiam a criança na sua organização e aprendizagem e, futuramente, quando o Eduardo estiver preparado em termos do seu desenvolvimento neurológico, certamente que atividades de artes plásticas ajudarão na estimulação da sua concentração, pois pude verificar que os materiais que fazem parte das artes plástica despertaram o interesse e atenção do Eduardo e que ao longo das sessões o seu interesse ia crescendo, fazendo com que este permanecesse mais tempo na atividade.

O Eduardo necessitava de um apoio com este tipo de metodologia com mais frequência, necessitava que houvesse um trabalho diário, que fosse concertado e estruturado, articulado entre as técnicas de intervenção precoce, a professora de educação especial, a educadora de infância e os pais, existindo se necessário uma formação a estes últimos para saberem posicionar-se melhor em relação ao processo de desenvolvimento do seu filho.

## Bibliografia

- Afonso, N. (2005). *Investigação naturalista em educação*. (1ª Edição). Porto: Edições Asa.
- Alami, S., Desjeu, D. e Moussaoui, I. (2010). *Os Métodos Qualitativos*. Brasil: Editora Vozes.
- Angéle, S. e Rigolet, N. (1998) *Para uma aquisição precoce e otimizada da linguagem*. Porto: Porto Editora.
- Baptista, C. e Bosa, C. (2002) *Autismo e Educação: Reflexão e Propostas de intervenção*. Porto Alegre: Artmed.
- Barroso, A. et al (1999) *Os dias da Escola*. Porto: Edições Afrontamento/ Camara Municipal do Porto.
- Bell, J. (2008). *Como realizar um projecto de investigação*. Lisboa: Gradiva.
- Bogdan, R. e Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação*. Porto: Porto Editora.
- Borges, M. (2000). *Autismo- Um silêncio ruidoso. Perspetiva Empírica sobre o autismo no sistema regular de ensino*. Dissertação de mestrado não publicada, Escola Superior de Educação Jean Piaget, Almada, Portugal.
- Estrela, A. (1994). *Teoria e prática de observação de classes: uma estratégia de formação de professores*. (4ª edição). Porto: Porto Editora.
- Costa, J. e Santos, A. (2003) *A falar com bebés- o Desenvolvimento linguístico das crianças*. Lisboa: Editorial Caminho, SA.
- Felizardo, D. (1999) *Combater as dificuldades de aprendizagem- actividades de apoio educativo*. Lisboa: Texto Editora.
- Farrell, M. (2008). *Dificuldades de Comunicação e Autismo*. Porto Alegre (Brasil): Artmed Editora.
- Flick, U. (2005). *Métodos Qualitativos na Investigação científica*. Lisboa: Monitor.
- Freemam, M. e Fawcus, M. (2004) *Distúrbios da voz e seu tratamento*. São Paulo: Livraria Santos Editora.
- Garcia, T. e Rodríguez, C. (1997) *A criança Autista*. In Cuberos, M. et al. *Necessidades Educativas Especiais*. Lisboa: Dinalivro.
- Ghiglione, R. e Matalon, B. (1995). *O inquérito: teoria e prática*. (2ªEdição). Oeiras: Celta Editora.
- Gloton R. e Clero C. (1997) *A actividade criadora na criança*. Lisboa: Editorial



Estampa.

- Jordan, R. (2000) *Educação de Crianças e Jovens com Autismo*. Instituto de Inovação Educacional.
- Ketele, J. e Roegiers, X. (1999). *Metodologia da recolha de dados- fundamentos dos métodos de observação, de questionários, de entrevistas e de estudo de documentos*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Kirkby, C. e Alaiz, V. (1995) *Apoios e complementos educativos- Teoria e Prática*. Lisboa: Texto Editora.
- Langs, R. (1984) *As bases da psicoterapia*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Landivar, J. (1990) *Como programar em educação especial*. S. Paulo: Editora Manole Dois.
- Marques, C. (2000). *Perturbações do Espectro do Autismo – Ensaio de uma Intervenção Construtiva Desenvolvimentista com Mães*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Marques, R. (2000). *Dicionário breve de pedagogia*. Lisboa: Editorial Presença.
- Máximo-Esteves, L. (2008). *Visão panorâmica da investigação-acção*. Porto: Porto Editora.
- Mello, A. (2003). *Autismo: guia prático*. 2ª ed. São Paulo: AMA.
- Ministério da Educação (2008) *Unidade de ensino estruturado para alunos com perturbações do espectro do autismo- Normas orientadoras*. Lisboa: Direcção -Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.
- Nunes, C. (2001). *Aprendizagem activa na criança com Multidificiencia- guia para educadores*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Nielsen, L.B. (1999). *Necessidades Educativas Especiais na Sala de Aula*. Porto: Porto Editora.
- Oliveira, L., Pereira, A. e Santiago, R. (2004). *Investigação em educação: abordagens conceptuais e práticas*. Porto: Porto Editora.
- Pádua, E. e Magalhães, L. (2003) *Teoria Ocupacional: Teoria e Prática*. Campinas: Papirus Editora.
- Pereira, E. (1996). *Autismo: do conceito à pessoa*. Lisboa: Graforim Artes Gráficas Lda.
- Pereira, M. e Serra H. (2006). *Autismo – Uma perturbação pervasiva do desenvolvimento*. Vila Nova de Gaia: Edições Gailivro.
- Quivy, R. e Campenhoudt, L. (1998). *Manual de investigação em ciências sociais*.

*Trajectos* (4ª Edição). Lisboa: Gradiva.

- Rodrigues, D. (1995). *O Conceito De Necessidades Educativas Especiais E As Novas Metodologias Em Educação*. In: Adalberto Carvalho (Org.) *Novas Metodologias Em Educação*, Pp. 529 – 548. Porto: Porto Editora.
- Santos, S. (1999) *Brinquedo e Infância: um guia para pais e educadores. (org.)*. Rio de Janeiro: Vozes.
- Siegel, B. (2008) *O Mundo da Criança com Autismo- Compreender e tratar perturbações do espectro do autismo*. Porto: Porto Editora.
- Sousa A. (2003) *Educação pela Arte e Artes na Educação- 3º Volume*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Takatari, M. (2003) *O brincar no cotidiano da criança com deficiência física: reflexões sobre a clinica da Terapia ocupacional*. São Paulo: Editora Atheneu.
- Telmo, I. (2008). *Formautismo: Manual de formação em autismo para professores e famílias*. Lisboa: APPDA.
- Vidigal, M. e Guapo, M. (2003) *Eu sinto um tormento com a ideia do fim definitivo*. Lisboa: Trilhos Editora.

## **LEGISLAÇÃO**

Decreto-Lei nº3, de 7 de Janeiro de 2008 (*Educação Especial – Manual de Apoio à Prática*. Direção Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular).

# Anexos

# **Anexo I**

## **Protocolo de entrevista à Educadora**

## ➤ **Protocolo da entrevista à Educadora**

Ano letivo: 2012/2013

Entrevistadora: E

Educadora de Infância: EI

**Temática:** As artes plásticas na promoção da concentração da criança com autismo.

### **Objetivos da entrevista:**

- Recolher informação para caracterizar a entrevistada;
- Recolher informação para caracterizar o caso em estudo;
- Compreender a relação do elemento em estudo com os restantes elementos da turma;
- Recolher informação para compreender as dificuldades do elemento em estudo;
- Perceber quais as perspetivas de aprendizagem que a entrevistada têm em relação ao elemento em estudo

**Entrevistados:** Educadora

**Entrevistadora (E):** Sou educadora de infância, trabalho na área à quatro anos e meio. Numa sala de jardim-de-infância pode surgir a oportunidade de trabalhar com crianças com necessidades educativas especiais e é importante saber dar respostas às suas necessidades, por este motivo decidi fazer um mestrado em Educação Especial-Domínio Cognitivo e Motor e estou agora a iniciar o projeto final de Tese.

Gostaria que me concedesse esta entrevista, pois sendo uma das técnicas que trabalha diretamente com o aluno em estudo, a sua prestação pareceu-me muito importante. Espero não demorar mais de 30 minutos. O meu objetivo é recolher informação sobre o aluno de forma a poder conhecê-lo para melhor fazer uma caracterização do mesmo e desta forma melhor direcionar as sessões práticas.

Importam-se que grave esta entrevista?

**Educadora de Infância (EI):** Não me incomodo, pode gravar.

**E-** Então vamos começar. Diga-me por favor a sua idade?

**EI-**48 anos.

**E-**Quais são as suas habilitações literárias?

**EI-** Licenciatura na educação para a infância.

**E-** Há quanto tempo trabalha na área da educação?

**EI-** Mesmo com o curso de educadora...porque eu fiz outras coisas, fiz prevenção rodoviária com o ministério da educação e com a Volkswagen, mas diretamente com crianças há 18.

**E-** Quais são as suas funções em relação ao Eduardo (nome fictício)?

**EI-** Sou Educadora, e sou responsável por todo o tempo que o Eduardo cá está.

**E-**Caracterize o grupo em termos socio-escolares?

**EI-** eles são muito brincalhões mas sabem se sentar e fazer um trabalho e estarem portanto tranquilos a trabalhar. São barulhentos quando estão nas áreas e gostam muito de fazer puzzles, fazem com muita facilidade, eu penso que é um grupo bom, entre o médio e o médio bom.

**E-** Quantos elementos tem o grupo?

**EI-**19 elementos.

**E-**Por causa do Eduardo?

**EI-**Sim, exato.

**E-** Quantos elementos são do sexo feminino e quantos são do sexo masculino?

**EI-**9 do sexo feminino e 10 do sexo masculino.

**E-**Quais são as perspectivas de aprendizagem e desenvolvimento em relação ao grupo em geral?

**EI-** É uma turma boa, mas eu tenho meninos de 4 e meninos de 5 anos, e são condicionantes, portanto ao mesmo tempo tenho que lhes dar uma noção de preparação para a escola, porque eles vão entrar todos muito pequenos na escola, portanto tenho uma fase que é adiantada, já há um trabalho mais inserido na escrita e outro tipo de

atividades. E depois tenho uma faixa etária mais pequena que vão aprendendo porque vão vendo os outros a fazer, mas que vai mais tranquila.

E- Defina a relação social que existe entre os elementos da turma.

EI- são muito unidos, é um grupo que se formou o ano passado e este é o segundo ano que estão juntos. E estão todos, é um grupo muito unido, brincam muitas vezes todos juntos mesmo, mesmo no recreio, às vezes dividem-se por temas de brincadeiras conforme as idades, ou conforme o nível de brincadeira, ou então mesmo até o tipo de brincadeira, por exemplo se estão a brincar a pintar os olhos ficam as meninas.

E- Como se relacionam os elementos da turma com o aluno em estudo?

EI- É assim, eles aceitam-no bem, **o Eduardo faz parte do grupo**, eles aceitam que há regras diferentes para o Eduardo, que o Eduardo pode fazer coisas que eles não podem. O Eduardo não é obrigado a estar uma história inteira, porque ele não aguenta, sentado no tapete, e eles não estão obrigados, estão porque têm vontade, mas não podem andar a passear enquanto que o Eduardo pode. Portanto **eles aceitam que o Eduardo tem regras diferentes adequadas a ele**, e percebem e não contestam. E depois **têm uma fase protetora em relação ao Eduardo**, que é, por exemplo quando ele sai da sala, dizem logo "O Eduardo saiu, eu vou busca-lo" e vão busca-lo e o Eduardo vem com eles de mão dada, às vezes leva aquilo para a brincadeira, é uma forma de brincar, de fazer uma certa resistência, mas aceita-os bem também.

E- Como se relaciona o aluno em estudo com os seus pares?

EI- Portanto **não há bem uma relação**, **ele não brinca com eles**, aliás o **Eduardo praticamente não brinca**, ele pode agarrar num carrinho e estar ali um bocadinho, agora vai estando mais tempo. Ou com as pistas, com um jogo e estar um bocadinho de tempo, mas para largar imediatamente de seguida. Portanto **não se fixa muito tempo numa atividade**, para fazer um desenho, eu dou-lhe uma folha e, agora já muda de cor, porque antes nem isso, mas passado um bocadinho aquilo ficou.

E- Quais as perspetivas de aprendizagem e desenvolvimento em relação ao aluno em estudo.

EI- Eu acho que é assim, o Eduardo, no primeiro ano eu investi muito na autonomia dele. Ele usava fraldas, ele não comia sozinho, pronto **ele não tinha autonomia**, não ia à

casa de banho lavar as mãos, pronto, hoje em dia ele faz essas coisas todas, já come sozinho, já vai à casa de banho, portanto é autónomo, é até bastante autónomo. Mas essa é a área forte dele, a partir daí é muito complicado definir objetivos que ele consiga atingir a qualquer nível das outras áreas, portanto na expressão plástica que é talvez a que ele mais goste. O Eduardo gosta muito de sentir o pincel na mão, isto foi a primeira atividade que eu fiz. Então a primeira coisa que ele faz quando vê um copo com tinta, pinta a mão e depois vai pintar tudo ao seu redor, resultado isto acaba por ser complicado, porque eu deveria ter as tintas todas prontas para as outras crianças usarem e acabo por ter uma sala em que eles me têm que pedir quase tudo, porque eu não posso ter tesouras, não posso ter tintas, não posso ter nada ao alcance. Mas eles compreendem isso, já sabem que o Eduardo pinta tudo e não fazem nada no sentido de denegrir, não, não. Pronto é assim, o Eduardo é assim.

E- Nota que existe grande disparidade entre o nível cognitivo do aluno relativamente aos restantes elementos?

EI- Há, muito grande mesmo.

E- Como reage o aluno às indicações fornecidas por si, compreende facilmente ou é necessário repetir e explicar de outras formas?

EI- É assim, ele compreende, porque se eu disser “Eduardo arruma os brinquedos” ele arruma. Se eu disser “vai à casa de banho” ele vai. Mas se eu disser “Eduardo vai brincar para a área dos jogos” ele vai, mas não quer dizer que vá para o sítio onde eu o mandei, ele percebe a mensagem. Ele só não quer falar.

E- Na sua opinião em que áreas incidem mais as dificuldades cognitivas do aluno?

EI- Tem dificuldades em todas as áreas, tirando a formação pessoa e social que está mais desenvolvido, é muito autónomo, é bom. Mas a área da matemática e as outras tem muitas dificuldades em todas.

E- Sente que se utilizar materiais palpáveis o aluno compreende melhor os conteúdos?

EI- Ele realmente não se interessa muito. Por exemplo a plasticina, ele não se interessa muito, ele tem realmente uma boa relação com a tinta, ele gosta de deixar a marca dele.



E- Na sua opinião que tipo de atividades devem ser promovidas para que o aluno desenvolva as capacidades cognitivas?

EI- Na minha opinião todo o tipo, o que é muito difícil é estar um a pessoa a fazer isso e ter mais um grupo de 18 pessoas, porque o Eduardo precisa de uma pessoa só para ele. Portanto para eu o puder ajudar realmente, eu precisava de estar mais tempo com o Eduardo, do que o tempo que estou, porque se eu estou com o Eduardo eu tenho que deixar o grupo e se estou com o grupo tenho que deixar o Eduardo se não eu não consigo fazer nada. Era importante desenvolver **todo o tipo de atividades, não assim nenhuma mais específica**, eu é que não tenho condições para tal. Mas estar inserido num grupo é bom, porque eles passam-lhe imensas experiencia e imensas coisas.

E- Na sua atividade docente usa com muita frequência materiais palpáveis para abordar os conteúdos?

EI- **Faço um bocadinho de tudo**, tenho por hábito trabalhar com grupos pequenos para dar mais atenção, materiais palpáveis, por exemplo nas histórias, **utilizo fantoches**, eles gostam muito de brincar com fantoches, **depois utilizo jogos**, por exemplo os palhaços do carnaval foram feitos com peças (geométricas) dos jogos, os triângulos. Vou aproveitando aquilo que tenho na sala para lhes passar os conhecimentos.

E-O Eduardo (Nome fictício) gosta de trabalhar a ouvir música?

EI- Gosta, ele **gosta muito de música**.

E-Que tipo de atividades gosta mais de fazer o aluno?

EI- Ele **gosta de ouvir música e dançar**.

E- Planeia atividades diferentes das do grupo para o aluno?

EI- **Nem sempre**, portanto, eu agora tenho optado, porque acho que não temos evoluído muito neste sistema de o deixar só fazer os riscos, então às vezes **trabalho dentro do mesmo conteúdo, mas de maneira diferente**. Se trago, por exemplo um chapéu-de-chuva para os miúdos pintarem e eles estão a pintar com lápis de cor, Eu dou um pincel ao Eduardo e ajudo-o a pintar, eu acho que ele ainda não tem aquele interesse, **já olha para o trabalho**, coisa que ele no ano passado não fazia, mas **não faz nada com o objetivo de estar a fazer, faz por fazer**.

**E-** O aluno tem noção das dificuldades com as quais se depara durante a atividade?

**EI-** Não tem noção das suas dificuldades.

**E-** Se não tem noção não esforço faz nada para ultrapassar essas dificuldades?

**EI-** Pois. Exatamente, não faz nada para ultrapassar.

O Eduardo é aquela criança que é muito difícil trabalhar com ela.

# **Anexo II-**

**Protocolo de entrevista à**

**Psicóloga**

## ➤ **Protocolo da entrevista à Psicóloga**

Ano letivo: 2012/2013

Entrevistadora: **E**

Psicóloga- **P**

**Tema:** As artes plásticas na promoção da concentração da criança com autismo.

### **Objetivos da entrevista:**

- Recolher informação para caracterizar a entrevistada;
- Recolher informação para caracterizar alunos com autismo;
- Recolher informação para caracterizar o caso em estudo;
- Recolher informação para compreender as dificuldades do elemento em estudo;
- Perceber quais as perspetivas de aprendizagem que a entrevistada têm em relação ao elemento em estudo.

**Entrevistada:** Psicóloga

**Entrevistadora (E):** Sou educadora de infância, trabalho na área há quatro anos e meio. Numa sala de jardim-de-infância pode surgir a oportunidade de trabalhar com crianças com necessidades educativas especiais e é importante saber dar respostas às suas necessidades, por este motivo decidi fazer um mestrado em Educação Especial- Domínio Cognitivo e Motor e estou agora a iniciar o projeto final de Tese.

Gostaria que me concedesse esta entrevista, pois sendo uma das técnicas que trabalha diretamente com o aluno em estudo, a sua prestação pareceu-me muito importante. Espero não demorar mais de 20 minutos. O meu objetivo é recolher informação sobre o aluno de forma a poder conhecê-lo para melhor fazer uma caracterização do mesmo e desta forma melhor direcionar as sessões práticas.

Importam-se que grave esta entrevista?

**Psicóloga (P):** sim, pode gravar.

**E-Vamos então começar. Diga-me a sua Idade?**

**P-** 27 anos.

**E-Qual a é sua formação académica?**

P- Psicóloga da área clínica.

E- Há quanto tempo trabalha na sua área de formação?

P- 4 anos.

E- Há quanto tempo trabalha com o Eduardo (nome fictício)?

P- 4 meses, desde Novembro de 2012.

E- Quais são as suas funções em relação ao Eduardo (nome fictício), no que consiste o seu trabalho com ele?

P- A minha função com o Eduardo, é ajuda-lo a conseguir a obter melhores resultados no seu dia-a-dia, nomeadamente, na sua autonomia e na gestão do próprio comportamento.

E- Quais as características que considera mais relevantes em crianças com autismo?

P- O autismo é uma disfunção global do desenvolvimento. É uma alteração que afeta três áreas essencialmente, a capacidade de comunicação do indivíduo, a interação, a socialização ou seja estabelecer relação e o comportamento ou seja responder apropriadamente ao ambiente que o rodeia.

As características mais presentes e que são mais habituais encontrarmos em crianças com autismo são o défice na comunicação e interação social, o défice cognitivo, padrões de comportamentos, interesses e atividades restritivas e estereotipadas, por exemplo podem ter um interesse exacerbado em números, marcas, em nomes, podem gostar de determinados nomes. Têm tiques e movimentos repetitivos, atraso ou ausência de jogo simbólico, normalmente é mesmo ausência de jogo simbólico, apesar de encontrarmos algumas crianças com autismo que vão desenvolvendo algum faz de conta. Preferem normalmente atividades mais mecânicas, mais solitárias, muito direto, causa-efeito. São impulsivas, têm agitação psicomotora, dificuldade de concentração e comportamentos assertivos e normalmente ausência de contacto visual, têm dificuldade em estabelecer este contacto e reagir positivamente ao toque, quando lhes tocamos neles.

E- Nas crianças com autismos quais são as dificuldades académicas que considera mais evidentes?

P- De uma forma muito geral, normalmente as crianças com autismo são crianças com **défice cognitivo, têm muitas dificuldades nas suas aprendizagens**. Normalmente em termos de aprendizagem eles têm **mais dificuldade do nível verbal do que nível não-verbal**, ou seja, mais com a realização, isto quer dizer o quê, que como eles têm muita **dificuldade em comunicar, em falar**, tudo o que tem a ver com uma aprendizagem verbal, em transmitir conhecimentos, eles têm mais dificuldade, por isso é que normalmente nós apostamos mais em tarefas que sejam de realização, mais de ele fazer de ele brincar, que tenha sempre um apoio físico. Contudo, existem crianças autistas que tem capacidades especiais, e estou a dizer isto porque já tivemos um autista moderado com muitas dificuldades de aprendizagem mas que tinha um cálculo mental excelente. De um modo geral, são crianças com **muitas dificuldades de manter a atenção e a concentração** o que dificulta o processo de aprendizagem que normalmente é bastante lento.

E- Como define a problemática do Eduardo (nome fictício)?

P- O Eduardo tem uma **Perturbação do Espectro do Autismo grave**, onde apresenta muitas dificuldades e um défice acentuado na comunicação, interação social, na relação com o outro e a nível cognitivo, na sua aprendizagem.

E-Como caracteriza o Eduardo (nome fictício) em termos cognitivos?

P- É uma criança que apresenta **muitas dificuldades cognitivas**, o que se manifesta nas suas aprendizagens, ele tem **imensas dificuldades em aprender o que normalmente se dá na escola, o conteúdo programático**. Por isso é que nós trabalhamos mais no sentido da sua autonomia, porque tem **muitas dificuldades de concentração** e na autorregulação em se manter atento. Ele tem **muita dificuldade até na imitação**, que é uma das estratégias que nós usamos para a aprendizagem. E em termos cognitivos ele demonstra realmente **um défice elevado**.

E- Quais são as maiores dificuldades do Eduardo (nome fictício)?

P- As maiores dificuldades dele passa por **estabelecer relação com o outro, em comunicar, em aprender, em se concentrar, em reagir positivamente** ou adequadamente às mudanças, sempre que há alguma coisa nova no seu meio, ele tende a reagir negativamente, a se frustrar, a não tolerar e **em se adaptar a novas situações**.

E- Como reage o Eduardo (nome fictício) às indicações dadas por si, compreende facilmente ou é necessário repetir e explicar de outras formas.

P- Basicamente se as indicações se forem simples, diretas e se já não forem desconhecidas para o Eduardo, ele é capaz de respeitar e de perceber, ou seja, ‘vamos’, ‘dá-me’, ‘não/sim’, ‘sobe/desce’, ‘dá-me um beijo’, ‘vamos sentar’, ‘vai arrumar’, ele já está habituado, todas as pessoas utilizam esta linguagem, ele não tem problemas em aderir facilmente à atividade, ou à indicação que eu lhe estou a dar, agora se a indicação for mais complexa, se a indicação for nova, normalmente ele não consegue perceber aquilo que lhe está a ser pedido. Daí é necessário exemplificar muitas vezes, sempre que lhe peço algo novo, sempre que vou introduzir algo novo, exemplifico várias vezes para que ele perceba, para que comece a ser uma rotina na vida dele e perceba o que lhe estou a dizer. É preciso exemplificar várias vezes, incentiva-lo à imitação e esperar que ele adquira esta informação.

E-Que tipo de materiais prefere o Eduardo (nome fictício) para trabalhar?

P- Para trabalhar normalmente todos os autistas preferem este tipo de materiais e o Eduardo não é exceção, que são materiais mais sensoriais. Utilizar as tintas, plasticina, a espuma de barbear, algo que seja mais tátil para ele, muitas vezes a música também é uma boa estratégia para nós interagirmos e trabalharmos.

E-Que tipo de estratégias/atividades usa com o Eduardo (nome fictício) e quais os seus objetivos?

P- Os meus objetivos passam por ajudar os outros técnicos. Aqui há duas áreas que são importantes trabalhar com ele, a parte da linguagem que é a terapeuta da fala e aparte da autorregulação que é a terapeuta ocupacional, a minha tarefa é apoiar estas duas áreas e ao mesmo tempo trabalhar os padrões de imitação do Eduardo, para que ele imite mais, a melhorar o tempo de concentração e de atenção do Eduardo na tarefa, comigo e com as restantes colegas e diminuir um bocadinho os comportamentos disfuncionais dele, nomeadamente de autoagressividade que ele tem de hétero-agressividade, desde puxar os cabelos, os brincos, tudo isso.

Normalmente para nós atingirmos estes objetivos realizamos em conjunto várias atividades através de uma componente mais sensorial, através de materiais como a plasticina, a água, espuma de barbear, encaixes simples, e instrumentos músicas. E sempre por etapas e em graus de dificuldade, do mais fácil para o mais difícil.

E- Como reage o Eduardo (nome fictício) a essas estratégias/atividades?

P- A novidade, ou seja, sempre que a estratégia é nova, normalmente é sempre rejeitado, o tempo de atenção dele é quase nulo, ele olha é capaz de pegar no instrumento, mas deixar de parte. Se lhe é dado sempre no início da consulta ou sempre ao mesmo tempo, se nós lhe vamos mostrando sempre o mesmo material ele aí já vai começar a perceber e já não é desconhecido para ele, logo o tempo de atenção e concentração com aquele instrumento já é maior. Por exemplo, eu hoje utilizo um material, depois não volto a utilizar utilizo só daqui a um mês, eu não vou obter nenhum resultado positivo com isto, porque ele precisa de ter algo consistente na tarefa dele, daí nós utilizarmos muitas vezes os mesmos materiais com funções diferentes, mas os mesmos materiais para que já sejam conhecidos para ele.

E- Acha que o Eduardo (nome fictício) deveria receber mais algum tipo de apoio?

P- De uma forma teórica o Eduardo está a receber todo tipo de apoio que é exigido. Está numa sala TEACCH, está na intervenção precoce, tem basicamente as terapias. De uma forma prática e do meu ponto de vista é que ele não está a ter tudo aquilo que necessita. Não está a ter o apoio da sala TEACCH efetivamente, eu acho que ele deveria ter mais terapia ocupacional, que algo mais que abrange a rotina, é algo que ele adere mais facilmente. Porque os instrumentos utilizados são outros e ele deveria ter mais vezes por semana, é algo mais estruturado, tirando isso ele está a ter todo o apoio.



# **Anexo III-**

**Protocolo de entrevista à**

**Terapeuta da Fala**

## ➤ **Protocolo da entrevista à Terapeuta da Fala**

Ano letivo: 2012/2013

Entrevistadora: **E**

Terapeuta da Fala: **TP**

**Tema:** As artes plásticas na promoção da concentração da criança com autismo.

### **Objetivos da entrevista:**

- Recolher informação para caracterizar a entrevistada;
- Recolher informação para caracterizar alunos com autismo;
- Recolher informação para caracterizar o caso em estudo;
- Recolher informação para compreender as dificuldades do elemento em estudo;
- Perceber quais as perspetivas de aprendizagem que a entrevistada têm em relação ao elemento em estudo.

**Entrevistada:** Terapeuta da Fala

**Entrevistadora (E):** Sou educadora de infância, trabalho na área há quatro anos e meio. Numa sala de jardim-de-infância pode surgir a oportunidade de trabalhar com crianças com necessidades educativas especiais e é importante saber dar respostas às suas necessidades, por este motivo decidi fazer um mestrado em Educação Especial-Domínio Cognitivo e Motor e estou agora a iniciar o projeto final de Tese.

Gostaria que me concedesse esta entrevista, pois sendo uma das técnicas que trabalha diretamente com o aluno em estudo, a sua prestação pareceu-me muito importante. Espero não demorar mais de 20 minutos. O meu objetivo é recolher informação sobre o aluno de forma a poder conhecê-lo para melhor fazer uma caracterização do mesmo e desta forma melhor direcionar as sessões práticas.

Importam-se que grave esta entrevista?

**Terapeuta da Fala (TF):** claro, pode gravar.

**E-Vamos então começar. Diga-me a sua Idade?**

**TP-** 27 anos.

**E-Qual a é sua formação académica?**

**TP-** Eu sou licenciada em Terapia da Fala, pela Universidade do Algarve.

**E-** Há quanto tempo trabalha na sua área de formação?

**TF-** Desde 2009, ou seja, há mais ou menos 4 anos.

**E-** Há quanto tempo trabalha com o Eduardo (nome fictício)?

**TF-** Eu comecei a trabalhar com o Eduardo no verão de 2010, ou seja, são mais ou menos dois anos e meio.

**E-** Quais são as suas funções em relação ao Eduardo (nome fictício), no que consiste o seu trabalho com ele?

**TF-** Dado que nas Perturbações do Espectro do Autismo as áreas em que há maior comprometimento são ao nível da interação social e comunicação, estes têm sido os meus principais objetivos gerais com o Eduardo, trabalhar a sua interação social e a sua comunicação. Obviamente que, e inerente a isto há uma serie de objetivos específicos, mas estes têm sido os meus principais objetivos.

**E-** Quais as características que considera mais relevantes em crianças com autismo?

**TF-** Bem, as alterações do comportamento, da comunicação e da interação e relação com os outros. No que diz respeito à minha área, como sou terapeuta da fala, falo dessa área, podem existir casos em que há de facto um atraso no desenvolvimento da linguagem e noutros casos, uma ausência total de linguagem oral. Quando há linguagem oral, muitas vezes os seus discursos são marcados por ecolalia, o conteúdo do seu discurso pode não estar adequado ao contexto ou ser muito pobre. O contacto ocular também pode ser muito fugaz e a expressão das emoções é desadequada. Pode-se mesmo verificar isolamento ou desinteresse na comunicação e na socialização. Muitas vezes as alterações alimentares associadas também comprometem o seu estado nutritivo, bem como as alterações ao nível do sono, também pode alterar.

**E-** Nas crianças com autismos quais são as dificuldades académicas que considera mais evidentes?

**TF-** Bem penso que a questão da organização escolar tem que ser fundamental para eles. Se não existir um ambiente escolar organizado e com regras, a aquisição de competências académicas torna-se mais difícil. Obviamente que se existir um défice

cognitivo associado muito complicado, isso dificulta as coisas. Por exemplo, em crianças com o espectro de autismo, a aquisição da leitura e da escrita são processo que estão diretamente ligados ao desenvolvimento da linguagem, há crianças que embora aprendam o processo de descodificação de escrita não conseguem depois perceber o que estão a ler, ou seja, eles adquirem a competência de ler, mas depois não acedem aquilo que leem, ou sejam eles leem mas não compreendem nada do que estão a ler. O que os limita, eles podem saber fazer contas, mas depois não sabem resolver um simples problema, não conseguem interpretar e quando interpretam, as suas interpretações são muito literais. Se forem coisas concretas eles conseguem perceber, se for por exemplo metáforas, eles não percebem.

E- Como define a problemática do Eduardo (nome fictício)?

TF- Penso que é uma problemática grave na medida em que a comunicação e o nível de interação estão bastante alterados. Considero que, apesar de tudo o comportamento se encontra melhor relativamente às outras áreas.

E-Como caracteriza o Eduardo (nome fictício) em termos cognitivos?

TF- Penso que apresenta um défice cognitivo grave.

E- Quais são as maiores dificuldades do Eduardo (nome fictício)?

TF- Eu acho que são ao nível da comunicação, concentração e agitação psicomotora. Apesar de o Eduardo já mostrar alguma intencionalidade, ele não o faz com muita frequência, continua a não conseguir demonstrar os seus desejos aos outros, não revela interesse por exemplo por símbolos ou imagens, estando a um nível ainda muito básico do concreto. Ainda não foi introduzida uma tabela de comunicação porque o Eduardo ao nível da simbologia ainda está num nível muito baixo, ele neste momento ainda não é capaz de emparecear imagens iguais ou símbolos iguais, por isso avançar para uma tabela de comunicação, eu acredito que seria bom para ele se estruturar, para ele se organizar nas tarefas do dia-a-dia, para ele poder antever qual é a próxima atividade e não fazer uma grande birra quando se confronta com essa atividade que não estava à espera. Fazia todo o sentido e eu acho que ajudaria bastante o Eduardo. Neste momento ainda não há uma tabela de comunicação, porque neste momento o Eduardo em relação aos símbolos ainda não mostra qualquer interesse, quando eu tento que ele emparece dois símbolos iguais o objetivo dele é uni-los como se fossem peças de um puzzle, ou

então simplesmente tira os símbolos da mesa, deita-os ao chão, coloca-os no balde do lixo. Esta é a reação do Eduardo neste momento à simbologia. Por isso eu tenho optado muito por trabalhar ao nível do concreto, objetos reais, e tenho insistido nas imagens, sei que a parte visual para ele é muito importante e o futuro dele vai passar por aí.

E- Como reage o Eduardo (nome fictício) às indicações dadas por si, compreende facilmente ou é necessário repetir e explicar de outras formas.

TF- Na minha perspetiva eu acho que o Eduardo **compreende claramente as instruções**. No entanto isto também acontece porque há alguma repetição dos pedidos e exigências que lhe são feitos. Se for a compreensão de pedidos frequentes, o Eduardo compreende à primeira, sim, **se a instrução lhe for dada pela primeira vez, é importante reforçar a intenção do pedido usando por exemplo a imitação e o suporte visual**, que eu acho que é muito importante para ele.

E-Que tipo de materiais prefere o Eduardo (nome fictício) para trabalhar?

TF- Eu acho que **tudo o que lhe proporcione experiências táteis** funciona bem com ele, por exemplo **a massa, o arroz, a espuma de barbear**, tudo isso o ajuda muito, Também objetos que lhe proporcionem um estímulo auditivo também são apelativos para ele, como por exemplo, os **instrumentos musicais**. Quando incluíamos instrumentos musicais ele gostava muito, penso que a parte auditiva também é importante para ele.

E-Que tipo de estratégias/atividades usa com o Eduardo (nome fictício) e quais os seus objetivos?

TF- Apesar de me eu me **centrar nos objetivos mais ligados à comunicação e interação**, acabo por indiretamente também **atuar ao nível do comportamento, atenção e persistência**. O Eduardo já permanece mais tempo numa atividade, no entanto os seus períodos de atenção ainda são reduzidos e neste momento eu tento que **as atividades não tenham períodos alargados de execução**, porque senão ele fica frustrado logo nos primeiros cinco minutos. Tento proporcionar-lhe tarefas que estimulem **a imitação, de gestos, de sons ou sílabas** e de comportamentos, a compreensão da linguagem, no que diz respeito **identificação de objetos**, compreensão de pedidos simples, trabalho também a expressão da linguagem oral, apesar de ele não usar uma linguagem funcional para comunicar, **tento que ele aponte**, tento a **repetição de sons de sílabas**, uso de símbolos

com intenção. E tento a questão das **associações**, por exemplo, sons aos animais, objetos iguais, objetos às imagens, objetos às cores, símbolo à atividade.

E- Como reage o Eduardo (nome fictício) a essas estratégias/atividades?

TF- **Depende dos dias**. Quando ele por vezes vê algum **jogo que não aprecia ou que não lhe apeteça pode iniciar o choro ou “fugir”** do espaço em que a mesma será executada. Mas eu acho que o Eduardo **até reage bem na maioria das vezes**, a não ser que seja uma coisa que ele ou não está à espera e não lhes suscite interesse ou uma coisa que ele não goste mesmo.

E- Acha que o Eduardo (nome fictício) deveria receber mais algum tipo de apoio?

TF- **Não necessariamente mais algum tipo de apoio**, acho que podia beneficiar de **mais sessões de terapia ocupacional**, e acho que a **ida à unidade para ter o apoio da educação especial**, acho que seria benéfico para ele, uma vez que ele no ano passado já teve esse apoio e este ano deixou de ter e não faz sentido porque cada vez mais ele está próximo de ir para o primeiro ciclo. Não sei até que ponto ele não deveria ter primeiro terapia ocupacional e depois ter-me a mim, porque enquanto ele não estiver regularizado e estabilizado o meu trabalho não é tão direcionado porque o Eduardo não está tanto ali como poderia estar.

# **Anexo IV-**

## **Protocolo de entrevista à Terapeuta Ocupacional**

➤ **Protocolo da entrevista à Terapeuta Ocupacional**

**Tema:** As artes plásticas na promoção da concentração da criança com autismo.

**Objetivos da entrevista:**

- Recolher informação para caracterizar a entrevistada;
- Recolher informação para caracterizar alunos com autismo;
- Recolher informação para caracterizar o caso em estudo;
- Recolher informação para compreender as dificuldades do elemento em estudo;
- Perceber quais as perspetivas de aprendizagem que a entrevistada têm em relação ao elemento em estudo.

**Entrevistada:** Terapeuta Ocupacional

**Entrevistadora (E):** Sou educadora de infância, trabalho na área há quatro anos e meio. Numa sala de jardim-de-infância pode surgir a oportunidade de trabalhar com crianças com necessidades educativas especiais e é importante saber dar respostas às suas necessidades, por este motivo decidi fazer um mestrado em Educação Especial-Domínio Cognitivo e Motor e estou agora a iniciar o projeto final de Tese.

Gostaria que me concedesse esta entrevista, pois sendo uma das técnicas que trabalha diretamente com o aluno em estudo, a sua prestação pareceu-me muito importante. Espero não demorar mais de 20 minutos. O meu objetivo é recolher informação sobre o aluno de forma a poder conhecê-lo para melhor fazer uma caracterização do mesmo.

**Terapeuta Ocupacional (TO)-** Sim.

**E-** Vamos então começar. Diga-me a sua Idade?

**TO-** 35 anos.

**E-**Qual a é sua formação académica?

**TO-** licenciatura em Terapia Ocupacional.

**E-** Há quanto tempo trabalha na sua área de formação?

**TO-** 10 anos.

**E-** Há quanto tempo trabalha com o Eduardo (nome fictício)?



**TO-** 3 meses.

**E-** Quais são as suas funções em relação ao Eduardo (nome fictício), no que consiste o seu trabalho com ele?

**TO-** O plano de intervenção está direcionado primeiro, para a modelação do comportamento, isto é a primeira coisa, se ele não estiver organizado, se não fizer uma boa gestão dos estímulos que entram e dos estímulos que saem não temos terreno fértil para ele aprender, para ele estar aqui disponível, conectado para ele aprender. Em segundo lugar na minha parte como ele supostamente tem educação especial, eu não posso abarcar as áreas todas, nós temos várias áreas de intervenção, mas a áreas na qual eu dirijo as crianças e principalmente agora no primeiro ano, são as atividades básicas da vida diária, o que é que isto quer dizer, que eu vou trabalhar com ele a autonomia pessoal e social que é aquilo que vocês chamam a autonomia pessoal e social. Isto é o quê, o vestir, o despir, o cumprimentar, o lavar-se, o saber estar, portanto eu vou buscar no fundo, muitas competências que sim, correspondem à terapia da fala, que sim correspondem à psicologia e que sim, também correspondem a alguma aprendizagem académica, mesmo esta muito básica, porque o que eu quero é funcionalidade no dia-a-dia, quero que ele seja funcional. Modelar o comportamento para ele saber estar na sala, conseguir estar, acompanhar o grupo, portanto isto depois já começam a ser objetivos mais específicos. Para já é só isto, e a terceira coisa é dar apoio à família e à equipa pedagógica, portanto só trabalhando em equipa é que a gente chega lá.

**E-** Nas crianças com autismos quais são as dificuldades académicas que considera mais evidentes?

**TO-** A meu entender não têm dificuldades académicas, uma das grandes mais-valias do autismo é que a grande dificuldade deles não é a aprendizagem, mas depois também depende do grau de autismo. É a base, a pré-competência para a aprendizagem que é a atenção, é conseguir modelar o comportamento, gerir os estímulos, para ele conseguir ter um grau mínimo de atenção, para conseguir estar disponível para aquilo.

Em termos de dificuldades académicas especificamente, eu sinto que a dificuldade deles não é académica, a grande dificuldade deles é a gestão sensorial, portanto a modelação sensorial e a interação social, são os dois grandes pilares de dificuldades das crianças com autismo.

E- Como define a problemática do Eduardo (nome fictício)?

O Eduardo é uma criança que **tem uma capacidade de atenção muito baixinha** porque ele **não tem uma boa modelação sensorial**. E o que é que isto quer dizer, isto era longo de eu estar agora a explicar, um dos diagnósticos de disfunção sensorial é modelação sensorial é como se nós tivéssemos assim um certo equilíbrio no nosso sistema neurológico entre a informação que recebemos do mundo, a forma como processamos essa informação e uma resposta que damos em função daquilo que recebemos, não é. Uma boa integração sensorial quer dizer que há um fluxo que recebe-se da forma correta, percebe-se de uma forma correta, nas áreas cerebrais certas, e emite-se uma resposta adequada e eficaz ao estímulo que estamos a receber. Todo este processamento o Eduardo não o faz, quando nós dizemos a atenção estamos a falar da entrada da informação, portanto ele não tem nenhuma das fases funcionais ainda, portanto **tem uma disfunção** neste processamento todo, **tanto na receção da informação no sistema neurológico como depois na decodificação, na interpretação daquilo e depois é claro que nem chega a haver uma resposta**. Quanto mais uma resposta adequada e eficaz. Portanto em termos sensoriais, há certas coisas que o limitam, portanto todo este processamento patológico digamos assim. Num estímulo tátil, pode ser a digitinta, misturada com farinha, com massa, com arroz, com areia, com aquilo que for, ele está a receber a informação, mas dentro do sistema neurológico dele, dentro do cérebro dele, nas diferentes áreas do cérebro, por vezes não recebe a informação toda, portanto é como se houvesse um «curto-circuito», para além de não receber a informação toda, há informação que ele recebe que ele rejeita, que ele não gosta, que ele evita. Há informação que ele não quer e rejeita, portanto lá está, não vale a pena estar a trabalhar a atenção e concentração com algo que ele ainda não está preparado porque ele não tolera aquela sensação, como isto está patológico depois **as respostas são completamente desajustadas**. E quais são as respostas que nós vemos, portanto que **tem agitação psicomotora**, nem sequer estamos a falar de atenção e concentração porque não chega lá. Ele não está pronto para fazer um treino desses. **Tem um evitamento sensorial a certas texturas**, a certos estímulos sensoriais, não só os táteis. E depois tem outra coisa que é a maneira como ele está na atividade e falamos de atividades pedagógicas, ele tem um padrão de funcionamento e o padrão de funcionamento dele, que é como é que ele normalmente se comporta nas atividades de aprendizagem, isso é um padrão de funcionamento. E o **padrão de funcionamento que ele tem é muito pobre**, **ele não chega a explorar as coisas, toca, interage com aquilo mas não é uma exploração**. Portanto isto

é o que nós vemos de fora, para nós pensarmos num treino da atenção que sim é fundamental para ele um dia aprender o que quer que seja, considerando que este menino **tem um autismo profundo, está muito desconectado da realidade e tem um grande déficit cognitivo**. Eu acho que ele só adquiriu marcha porque ele tem esta agitação psicomotora, porque senão ficava num comportamento de autoestimulação num canto, se não fosse intervencionado, ficava num canto a autoestimar-se, num comportamento muito imaturo como se fosse um bebé. Ele adquiriu marcha, é verdade, mas **tem um nível de autonomia para o qual não tem capacidade de gestão, porque não tem noção dos perigo**, vai meter tudo na boca. Ao mesmo tempo que ele tem um evitamento sensorial de certos estímulos depois tem uma grande procura de outros estímulos, portanto **é um menino muito complexo**, por um lado ele procura muito determinados estímulos, por outro lado rejeita muito outros, portanto o que nós vemos aqui são respostas comportamentais, o que nós vemos aqui é um menino com **comportamento muito atípico, muito patológico**, porquê? Isto tem uma razão de ser, porque todo o sistema neurológico dele tem disfunções sensoriais. Além de que ele tem um grande déficit cognitivo. Agora o que é que é primeiro, «o ovo ou a galinha» nós não sabemos, o que é que traz este déficit cognitivo, é a falta de disponibilidade da criança para a aprendizagem e depois começa a haver um atraso do desenvolvimento, ou o próprio déficit cognitivo impossibilita qualquer tipo de aprendizagem. Nós não sabemos, temos que apostar em tudo ao mesmo tempo, e depois com a desconexão da realidade que ele tem, pronto, este é o Eduardo. Agora, como é que nós vamos fazer para ele ter um bocadinho mais de atenção para ele aprender qualquer coisa? Temos que considerar isto tudo e a maneira de lhe apresentar **a atividade tem que ser muito graduada**, portanto essa é a nossa especialidade, graduar a atividade de acordo às características da criança para que a atividade seja um benefício e não ao contrário, que prejudique, para a atividade estabilizar a criança e não ao contrário, que aquela atividade desestabilize a criança.

E-Como caracteriza o Eduardo (nome fictício) em termos cognitivos?

TO- Acho que ele tem um déficit cognitivo enorme, muito grande, **ele tem uma noção muito básica da rotina diária, muito rudimentar**. Ele consegue antecipar o que vai acontecer baseando-se na repetição, mas ainda é muito rudimentar, nós conseguimos ler através do comportamento dele quando ele se está a antecipar às coisas, quando ele já

sabe o que é que vai acontecer, portanto em termos cognitivos, acho que ele tem um déficit cognitivo muito grande.

E- Quais são as maiores dificuldades do Eduardo (nome fictício)?

TO- Em termos de **processamento neurológico ele tem grandes dificuldades**. Portanto ele só vai conseguir começar a aprender, porque ele tem um grande atraso, ele já deveria estar muito melhor é uma criança que tem intervenção desde os dois anos e não deveria estar como está, portanto eu estou preocupada com isso e estou a colocar aqui algumas hipóteses. Por isso ele agora começou a vir duas vezes por semana, embora nem todas as semanas dê, ou porque os pais não o conseguem vir trazer ou às vezes sou eu que tenho reuniões e esse tipo de coisas. Mas tentamos sempre que ele venha duas vezes por semana, é muito pouco porque o nível de dificuldade dele é enorme, ele já deveria estar muito melhor. Portanto a hipótese que eu estou a colocar é se ele teve a nível da terapia ocupacional, o apoio necessário, então não teve a frequência necessária, ou então não teve a intervenção correta. Ou falhou na frequência que é muito importante ou falhou na metodologia que utilizaram, porque ele já tinha que estar muito mais, muito, muito mais evoluído em termos de desenvolvimento. Portanto **as maiores dificuldades dele** então **são** naquelas duas áreas, **na parte comportamental e na parte da interação social, na parte da relação**. No fundo o que é o normal nos autistas.

E- Como reage o Eduardo (nome fictício) às indicações dadas por si, compreende facilmente ou é necessário repetir e explicar de outras formas.

TO- **Explicar não vale a pena**, nós temos que trabalhar com ele com **uma metodologia cognitivo-comportamental, mais comportamental que cognitivo**. Tem que ser com base na repetição, **muita repetição**, uma **atividade muito bem estruturada**, **muito breve, com intervalos**, voltar a repetir o mesmo, e outro intervalo, com **atividades preparatórias**, porque ele **não está pronto para se sentar na mesa**, por todas as questões neurológicas dele, o ideal é dar-lhe primeiro uma atividade com muita estimulação, movimento, outras coisas que são inibitórias, para ele inibir aqueles comportamentos que ele tem, de hipersensibilidade. Porque o padrão de funcionamento, que são os hábitos, muitas vezes não é pela própria agitação, pela necessidade de se movimentar, muitas vezes é porque ele não foi treinado, não está claro para ele o que é que o adulto espera dele. E então é claro que ele está desorientado, não tem as regras, o limite, não é. Agora tem que se graduar essas regras, na mediada em que depois não é desestabilizador para ele.

E-Que tipo de materiais prefere o Eduardo (nome fictício) para trabalhar?

TO- - Ele gosta de **materiais que ele possa tocar e mexer**, mas também é uma coisa que eu ainda estou a descobrir. Os interesses são outro mistério, o que é que ele gosta de fazer? Há dias que gosta, há dias que não gosta. Eu ainda não estou a fazer o treino da atenção com ele, neste momento estou a avaliá-lo em termos sensoriais, há aqui uma dificuldade que é, ele já tem cinco anos e tal, ele fez uma grande evolução, embora esteja com dificuldades, fez uma evolução significativa, porque ele era uma criança com uma agitação, uma criança 100% desorganizada, não o podiam deixar sequer sozinho sem a mão no mesmo quarto, porque ele esbarrava contra as coisas, abria tudo, tirava tudo dos móveis, era uma criança 100 % desorganizada. Hoje vemos um Eduardo que está em sala de aula **já não tem comportamentos perigosos, já não é um perigo para si, nem para os outros, não tem grande tipo de comportamento desajustado**, portanto podemos dizer que “uau ele fez grandes avanços”, mas ele fez grandes avanços porque ele estava realmente com uma grande perturbação. Agora, estou a estudá-lo em termos sensoriais. Estou a fazer o perfil sensorial dele atual, mas ao mesmo tempo estou a tentar compreender o que é que o Eduardo foi antes para de alguma forma conseguir colocar hipótese. Ok, se o Eduardo foi assim até ao dia de hoje vou colocar a hipótese de que fazendo isto e isto, porque é a minha forma de fazer um plano de intervenção, fazendo isto e isto e isto, talvez o Eduardo dentro de um ano seja capaz de fazer isto. Mas é uma hipótese.

E-Que tipo de estratégias/atividades usa com o Eduardo (nome fictício) e quais os seus objetivos?

No caso do Eduardo... O Eduardo, vamos imaginar aprender as cores, seria um objetivo pedagógico. Diferenciar 5 cores diferentes, mas durante o trabalho tem que se **parar várias vezes para fazer outras coisas no meio**, aí é onde nós passamos as estratégias às educadoras. Porque aquelas coisas no meio vão permitir que a criança tenha mais um bocadinho de atenção e depois vá parar outra vez e fazer outra coisa. Portanto, de alguma forma aí nós colaboramos com o vosso trabalho. E por vezes o trabalho que nós fazemos aqui é muito similar, porque também vamos aos **materiais táteis, às cores, às texturas**, acaba por quem vê de fora acaba por ver tudo muito parecido, mas é importante que cada um de nós tenha um foco claro do que é prioridade fazer em cada momento, porque um mês depois pode ser uma coisa diferente. Portanto, neste

momento não podemos falar em competências, nem de aquisição de competências, para já o **objetivo funcional** para ele em termos acadêmico é conseguir estar 15 minutos sentado a explorar o material. A repetição para ele é uma estratégia muito importante.

E- Como reage o Eduardo (nome fictício) a essas estratégias/atividades?

TO- **Frustra-se, faz birras, manifesta frustração**, às vezes fica, ele não é uma criança que manifeste agressividade, mas **chora, fica inquieto**, porque aqui eu estou lhe a colocar dificuldades, ao mesmo tempo que estou ainda a conhecê-lo vou o conhecendo com base na experiência, porque ele não me sabe contar, então quem vê de fora uma sessão pode pensar isto foi um desastre, o que é que a terapeuta conseguiu fazer com ele, não se olha para o resultado olha-se para o processo, na medida em que eu esteja a contrariar-lo, por exemplo nesta questão do tempo de atenção, neste pequenino objetivo, na medida em que eu o esteja a contrariar aquele padrão de funcionamento que ele tem, que é a exploração desorganizada muito pobre, porque ele só toca e atira, e depois está o pai e vai jogar à bola com o pai, e depois o pai quer se meter na sessão e põe qualquer coisa, e eu a contrariar, quem vê de fora diz, hoje não se fez nada, não se conquistou nada, e só olhamos para os nossos resultados passadas umas seis ou oito semanas. Embora eu seja muito objetiva, de vez em quando trago também a minha intuição aqui ao trabalho, a minha percepção, porque ele não me sabe contar com palavras. Ele está a mostrar aos poucos melhorias ao nível da aceitação daquilo que eu lhe estou a propor. Que é **um trabalho estruturado**. Para já tenho que iniciar a sessão de uma certa forma, como uma rotina, a sessão tem sempre uma rotina de início e de fim. Há uma lógica para prepará-lo neurologicamente para o trabalho mais focado. Trabalhando o que ele quer e o que ele não quer, visto de fora aquilo parece uma guerra, é uma luta e às vezes é uma luta corpo a corpo. Como ele **não manifesta agressividade** está tudo bem, a maior dificuldade é o peso dele. Ele passa a sessão a queixar-se, neste momento quando chega começa a queixar-se, porque diz “hó não, já venho outra vez ter aqui com esta chata” portanto, o resultado vai se ver daqui a algum tempo.

E- Acha que o Eduardo (nome fictício) deveria receber mais algum tipo de apoio?

TO- Ele **não tem o apoio que tinha que ter**, de acordo com a informação que eu tenho. Ele **não está a ser acompanhado pela educação especial**, embora ele já aprendeu várias coisas, também fiz uma entrevista à educadora, depois à outra área que eu vou tentar apoiar, de alguma forma ajudar a graduar as coisas para a criança, que é o ele conseguir

estar no jardim-de-infância, conseguir acompanhar o grupo nas diferentes atividades, na rotina, e embora a educadora verifique que ele já fez algumas aquisições em termos de comportamento, e mesmo de competências na alimentação e assim, ele precisa dessas sessões de educação especial, porque esse treino ele não o tem, não está minimamente treinado, está neste momento adaptado ao grupo, sabe acompanhar, mas não tem um comportamento funcional, o comportamento dele não tem uma função, não tem um objetivo.

Ele deveria ter um apoio especializado, a sala TEACCH. O agrupamento conta com uma sala TEACCH. Eu não sei, não conheço a sala, não sei se a sala está em funcionamento, se está realmente a funcionar com uma metodologia TEACCH. A sala é na EB1, é uma sala em que ele já poderia, para o ano que vem a equipa terapêutica e pedagógica já entrou em sintonia, que ele para o ano que vem tem que começar a fazer visitas aquela sala. Porque é assim, para já, saí da sala dele, vai ser estimulado noutra contexto, vai fazer outro tipo de atividades, estruturadas. O Eduardo precisa de estrutura porque não tem qualquer estrutura, ele apanha-se no meio da estrutura e fica aflito, não sabe lidar com aquilo, portanto o padrão de funcionamento dele está completamente desorganizado. O que é que eu enquanto terapeuta ocupacional gosto de explicar, tanto às educadoras quanto às psicólogas educacionais, as psicólogas educacionais gostam muito da «concentração», fazer treinos de concentração. Só que quando temos uma criança que está desregulada neurologicamente ainda não está pronta, é como se tivéssemos uma horta e a horta estivesse cheia de plantas selvagens. Primeiro temos que preparar a horta para semear qualquer coisa. E uma criança neurologicamente desorganizada, não está pronta para fazer qualquer tipo de treino de atenção, pode fazer um treino comportamental, lá está com um modelo cognitivo-comportamental, com condicionamento, com reforço positivo muito claro, coisas muito concretas, quando faz o beijinho, o abraço, dar-lhe uma coisa que ele gosta durante um determinado tempo, tudo muito estruturadinho, que não está. O Eduardo ainda não tem esse cenário, ainda não tem essas ajudas à volta dele, mas estamos a trabalhar para que no próximo ano letivo as coisas estejam um bocadinho mais estruturadas, com um sentido em comum com as diferentes equipas e que aos poucos seja possível começar a fazer um treino da atenção e concentração, agora há uma coisa que é prioritária, que é a modelação neurológica dele, para ele ter um comportamento ajustado, e depois de ele ter um comportamento ajustado vamos passar à parte da aprendizagem, não quer dizer que ele não esteja a aprender, isto uma coisa nutre à outra, desenvolvimento é assim com as



áreas todas em simultâneo. Mas neste momento a minha prioridade é mesmo **trabalhar-lhe a integração sensorial** para ele conseguir estar um bocadinho mais cá. Depois com o tempo, quando o comportamento dele já estiver um bocadinho mais ajustado, começa-se a trabalhar antes das competências académicas, que devido ao... digamos que neste momento ele revela uma **grande disparidade com as crianças da idade dele com autismo**, já nem estou a falar das normais, porque uma criança intervencionada precocemente como ele foi já deveria estar muito melhor.

Antes disso ainda temos uma coisa, temos a comunicação e antes da comunicação ainda temos a relação, tem que haver uma relação para haver uma necessidade de comunicar, enquanto não haver necessidade de comunicar não vale a pena estarmos a fazer treinos de “diz que sim” ou “diz que não”.

Acho que é importante referir que temos uma grande mais-valia com este menino, quando trabalhamos com as famílias à uma coisa que colocamos muita atenção que é, não é bem à patologia da criança, mas é à perceção que os pais têm da patologia da criança. Para o pai do Eduardo, o Eduardo está muito bem, o pai neste momento não é que esteja satisfeito, mas é um pai aliviado. Porque de um Eduardo que não conseguia estar no mesmo quarto porque destruía tudo, hoje consegue estar no quarto, sabe o que fazer, sabe que a cama é para deitar, chega à cama e deita-se, vai se deitar sozinho, ainda não sabe tirar a roupa muito bem, mas está a começar a usar as mãos para tirar a roupa, porque isso é uma das coisas que nós estamos a trabalhar. Contudo é um pai muito participativo, como é que nós agora fazemos com que os pais estejam de alguma forma a trabalhar para o Eduardo, porque às vezes com estes com este tipo de crianças muito difíceis nós nos deparamos que os pais como ficam aliviados ficam passivos, não é que no passado tenham estado ativos, no passado preocupados e sentiam-se impotentes, agora estão aliviados, só que depois temos que estimular o passo seguinte, que é, ok então vamos ser mais pro ativos. Agora, a equipa de intervenção precoce tem que reorientar as prioridades dos pais, para que estes trabalhem por objetivos. Os pais do Eduardo neste momento, a mãe está um bocadinho ausente, **o pai está bastante participativo, compreende bastante o que se passa na sessão**, pelo menos aqui na minha sessão porque eu faço questão que ele esteja sempre a ver, mas está naquela fase, “estou completamente aliviado” está tudo bem.

Trabalhar com a perceção que os pais têm da criança é um trabalho permanente.

Nestas crianças que estão mais afetadas, o êxito do trabalho não está em nós darmos mais uma sessão por semana, o êxito está em estabelecermos uma relação de



cooperação tanto com a família como com a equipa pedagógica. Estamos aqui para ajudar e temos que trabalhar todos em conjunto, no mesmo sentido com objetivos específicos diferentes mas os nossos objetivos gerais estejam todos em sintonia, porque nós não vamos fazer aqui milagres.

# **Anexo V-**

**Protocolo de entrevista**

**aos Pais**

## ➤ **Protocolo da entrevista aos pais**

Ano letivo: 2012/2013

Entrevistadora: E

Mãe: M

Pai: P

**Temática:** As artes plásticas na promoção da concentração da criança com autismo.

### **Objetivos da entrevista:**

- Recolher informação para caracterizar os entrevistados;
- Reunir informações sobre o agregado familiar do aluno;
- Recolher informação que permita compreender quais as dificuldades do elemento em estudo;
- Perceber o historial do aluno em instituições de ensino;
- Perceber qual o grau de satisfação dos entrevistados relativamente ao apoio disponibilizado ao aluno em estudo.

**Entrevistados:** Pai e Mãe

**Entrevistadora (E):** Sou educadora de infância, trabalho na área à quatro anos e meio. Numa sala de jardim-de-infância pode surgir a oportunidade de trabalhar com crianças com necessidades educativas especiais e é importante saber dar respostas às suas necessidades, por este motivo decidi fazer um mestrado em Educação Especial-Domínio Cognitivo e Motor e estou agora a iniciar o projeto final de Tese.

Gostaria que me concedessem esta entrevista, pois sendo vocês pais do aluno em estudo, a vossa prestação pareceu-me muito importante. Espero não demorar mais de 30 minutos. O meu objetivo é recolher informação sobre o aluno de forma a poder conhecê-lo para melhor fazer uma caracterização do mesmo e desta forma melhor direcionar as sessões práticas.

Importam-se que grave esta entrevista?

**Pai (P) Mãe (M) :** Sim pode gravar.

**E-** Digam-me por favor a vossa idade?

**P-** 32 anos.

**M-**32 anos.

**E-**Qual a vossa formação académica?

**P-** 12º ano.

**M-**12º ano.

**E-**Qual a vossa profissão?

**P-** Gerente de loja.

**M-**Trabalho numa lavandaria.

**E-** Com que idade foram pais do Eduardo (nome fictício)?

**P-** 27 anos.

**M-**26 anos.

**E-**Que idade tem o Eduardo (nome fictício)?

**P-** 5 anos.

**E-** O Eduardo (nome fictício) tem irmãos?

**P-** Não.

**M-**Não.

**E-** Como se comporta o Eduardo (nome fictício) com vocês?

**P-** Ele é muito a carinhoso, muito atencioso, quer sempre muito carinho. Ele tem uma aproximação muito grande de ambos, se deixássemos estava o dia inteiro em cima de nós a fazer carinho. De uma certa forma não é muito bom, porque às vezes deixa de fazer alguma coisa porque quer estar sempre connosco.

**E-**Qual é o diagnóstico do Eduardo (nome fictício), o que é que os médicos dizem que o Eduardo tem?

**P-** Ele tem um transtorno de desenvolvimento. Os médicos não disseram é autismo, disseram que tinha indícios que levam ao autismo.

**E-** Foi-lhe diagnosticado algum problema à nascença?

P- Foi a partir dos dois anos e três meses mais ou menos, nós começamos a notar algumas diferenças.

E- Com que idade notou que o Eduardo (nome fictício) tinha algumas dificuldades?

P- Até aos dois anos era uma criança normal, adorava a interação dele connosco, as brincadeiras, a única questão que até aos dois anos nós achamos estranho foi ele não falar, e nós levámos essa questão à pediatra e ela dizia, ai não, vocês são pais de duas línguas, então deve ser mais difícil para ele conseguir falar. Então ficámos mais ou menos descansados, era a única coisa assim que era um indício que a gente achava um pouco estranho, era ele não falar, não falava nada. Acho que com seis meses ele falou a palavra pai.

M-sim, com seis meses.

P- Por acaso nós estávamos até gravando, ele estava brincando e ele chegou perto de mim e falou pai, olhando para mim. E parecia que ia começar a desenvolver, de repente parou. Para além do pai ele emitia sons e coisas assim, de repente, de um ano e seis meses para a frente, parece que ele parou. Não emitia mais sons, só chorava, embora não tivesse nenhum comportamento estranho, nós já começamos a ficar preocupados.

E- Em que aspetos é que o Eduardo (nome fictício) era diferente das crianças da sua idade?

M- Eu acho que primeiro é que ele não fala, é o mais difícil para todos, para nós, para a educadora e para as outras crianças. Todas as crianças gostam do Eduardo, todas conhecem o Eduardo.

P- É impressionante, eles fazem uma certa proteção. Eu vejo quando ele sai e corre, elas correm atrás dele, “Eduardo, não faz isto, Eduardo não faz aquilo”.

E- O que mais gosta o Eduardo (nome fictício) de fazer em casa?

M- Brincar com água.

P- Ele tem um fascínio pela água, tudo o que envolva água, brincar com água, tomar banho, colocar no copo, ele gosta.

E- O que menos gosta o Eduardo (nome fictício) de fazer em casa?

P- É assim, ele tem dificuldade em obedecer às regras, em se concentrar em alguma coisa, então tudo o que exija concentração, uma regra em si ele não obedece.

E - Como se comporta o Eduardo (nome fictício) em eventos sociais, por exemplo, em festas que frequente convosco?

P- A maior dificuldade que nós temos com ele também é essa. É difícil sair com ele, normalmente quando ele sai do ambiente dele, aí ele se torna uma criança difícil. Fica mais agitada, chora

M-Normalmente quer pegar nas coisas e ir

P-Quer sempre ir embora, normalmente ele chega a um lugar e quer logo ir embora.

E -Com que idade foi o Eduardo (nome fictício) para a primeira instituição?

P- Com dois anos.

E -Era pública ou privada?

M- Privada.

E -Que idade tinha quando entrou para a pública?

P- Foi com 3 anos para a pública.

E -Acham vantajoso que o Eduardo (nome fictício) esteja integrado numa sala regular?

P- Ele progrediu muito, porque na privada como eles não tinha uma pessoa especializada para trabalhar com ele e como ele, embora tivesse dois anos agia como um bebé então eles tinham ele na sala das crianças menores, dos bebés. Então ele aprendia o comportamento dos bebés. Enquanto que aqui ele está junto das crianças com a mesma idade.

E -Quando começou a ter o apoio educativo?

P- Foi por volta dos dois anos e três meses.

E- Foram vocês que pediram por iniciativa ou foi-lhes sugerido por alguém?

P- Foi iniciativa nossa, mas a Apexa foi-nos indicada quando fomos a uma consulta com uma psicomotricista, quando eu comecei a achar que realmente havia algo estranho e ela nos indicou a Apexa.

E - Atualmente quais são as maiores dificuldades escolares do Eduardo (nome fictício)?

P- É assim, precisa realmente trabalhar com ele, a concentração, o permanecer. Porque acho que até a linguagem, a gente se consegue comunicar com ele. Agora o permanecer num lugar numa atividade é mais difícil. Na sala ele vai e volta, vai e volta.

E -O Eduardo (nome fictício) gosta de atividades com materiais manipuláveis (legos, blocos de madeira, puzzles, etc)?

P- Ele gosta.

E – Ele fica sentado a fazer a atividade ou perde logo o interesse?

P- Ele perde o interesse depois de algum tempo.

M- Mas gosta de fazer bolos, mexer com farinha e mexer naquilo tudo. Gosta de fazer comida e limpar a casa.

P- É, ultimamente ele aprendeu, ele pega na vassoura e faz.

E -Que outras atividades ele gosta de fazer?

M- Brincar com água.

P- Ultimamente ele já tem uma interação melhor connosco, ele já brinca, já consegue jogar bola com ele. Mas é pouquinho, chuta a bola, eu saio com ele chutando a bola, e corre atrás de mim. Aí de repente, dois ou três minutos e ele já muda o foco para outra coisa. Mas ele já consegue fazer as brincadeiras, agente leva ele nas costas, fazer cavalinho.

M- Dançar.

P- Pular, já consegue fazer coisas connosco, o achar graça na brincadeira.

E- Na vossa opinião a utilização de materiais que ele possa mexer e explorar na escola é importante para as aprendizagens do Eduardo (nome fictício)?

P-Sim, eu acho que ele tem mais facilidade com material que ele encaixe, coloque.

E -O que acham do apoio que o Eduardo (nome fictício) recebe?

P- Eu acho que tem sido muito, muito importante e tem ajudado bastante. Nós notamos uma diferença muito grande. É sempre muito difícil, quando com dois anos nós começámos a ver que ele tem um comportamento estranho e ouve essa hipótese de ser autismo. A gente ficou um pouco desesperado, foi um choque muito grande.

**E-** Estão satisfeitos ou acham que poderia receber mais algum tipo de apoio?

**P-** Não, estamos satisfeitos.



# **Anexo VI-**

## **Guiões de entrevistas**

# GUIÃO DE ENTREVISTA À EDUCADORA

**Tema:** As artes plásticas na promoção da concentração da criança com autismo.

## Objetivos da entrevista:

- Recolher informação para caracterizar a entrevistada;
- Recolher informação para caracterizar o caso em estudo;
- Compreender a relação do elemento em estudo com os restantes elementos da turma;
- Recolher informação para compreender as dificuldades do elemento em estudo;
- Perceber quais as perspetivas de aprendizagem que a entrevistada têm em relação ao elemento em estudo.

**Entrevistada:** Educadora de Infância

Determinação dos Blocos	Objetivos Específicos	Tópicos	Observações
<b><u>BLOCO A</u></b> <b>Legitimação da entrevista e motivação da entrevista.</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Conseguir que a entrevista se torne oportuna e pertinente;</li><li>• Motivar a entrevistada;</li><li>• Informar a entrevistada do contexto da investigação, objetivos e tema da entrevista.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Apresentação do entrevistador;</li><li>• Informar a entrevistada sobre o estudo em curso;<ul style="list-style-type: none"><li>• Assegurar a confidencialidade das declarações prestadas;</li></ul></li><li>• Pedir a sua colaboração, salientando a importância desta;</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Entrevista semidirecta;</li><li>• Uso de linguagem agradável, correta e adaptada à entrevistada;</li><li>• Pedir autorização para gravar em áudio.</li></ul>
<b><u>BLOCO B</u></b> <b>Caracterização da entrevistada.</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Conhecer a situação profissional da entrevistada.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Idade;</li><li>• Habilitações literárias;</li><li>• Anos de trabalho ativo na área;</li><li>• Funções que exerce em relação ao aluno.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Identificar o tempo de serviço da entrevistada;</li><li>• Identificar as funções da entrevista</li></ul>
<b><u>BLOCO C</u></b> <b>Caracterização do grupo/ Turma</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Caracterizar a turma em termos socio-escolares;</li><li>• Perceber a relação entre os elementos do grupo;</li><li>• Registar o número de elementos de cada sexo;</li><li>• Perceber expectativas</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Dados estruturais do grupo;</li><li>• Número de alunos (feminino e masculino);</li><li>• Enquadramento socio-escolar;</li><li>• Aprendizagem;</li><li>• Comportamento.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Induzir a entrevistada a fornecer informação relevante e objetiva;</li><li>• Ter atenção ao posicionamento da educadora relativamente ao aluno e vice-versa;</li></ul>

	<p>em relação à turma.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Identificar as perspectivas de aprendizagem para a turma.</li> </ul>		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ter atenção ao relacionamento entre os elementos da turma e o aluno.</li> </ul>
<p><b><u>BLOCO D</u></b>  <b>Caracterizar socialmente o aluno em estudo.</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Compreender a relação do aluno com os restantes membros do grupo;</li> <li>• Perceber qual a relação dos restantes membros do grupo com o aluno em estudo.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Relação social do aluno em estudo.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Identificar o tipo de relação que o aluno tem com os restantes elementos da turma.</li> </ul>
<p><b><u>BLOCO E</u></b>  <b>Perspetivas de aprendizagem em relação ao aluno em estudo.</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Perceber quais são as perspectivas de aprendizagem para o aluno em estudo.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Aprendizagem do aluno em estudo.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Registrar quais as metas propostas para o aluno;</li> <li>• Registrar se existe disparidade grande entre o nível cognitivo do aluno relativamente aos restantes elementos.</li> </ul>
<p><b><u>BLOCO F</u></b>  <b>Identificar capacidades do aluno em estudo.</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Perceber quais as dificuldades do aluno na compreensão de instruções;</li> <li>• Identificar capacidade de correta aplicação de conhecimentos;</li> <li>• Perceber quais as áreas mais afetadas;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Dificuldades do aluno;</li> <li>• Capacidades do aluno;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Registrar atentamente as capacidades do aluno;</li> <li>• Registrar com exatidão quais as dificuldades do aluno.</li> </ul>
<p><b><u>BLOCO G</u></b>  <b>Recetividade do aluno em estudo para as atividades.</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Compreender a propensão para a utilização de materiais palpáveis;</li> <li>• Identificar que tipo de atividades são utilizadas com o aluno;</li> <li>• Perceber como reage o aluno às atividades propostas.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Recetividade a materiais palpáveis;</li> <li>• Estratégias utilizadas com o aluno;</li> <li>• Motivação e interesse.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Registrar o tipo de atividades que são utilizadas;</li> <li>• Registrar o posicionamento do aluno relativamente ao tipo de atividades propostas</li> </ul>

## GUIÃO DE ENTREVISTA ÀS TÉCNICAS

**Tema:** As artes plásticas na promoção da concentração da criança com autismo.

**Objetivos da entrevista:**

- Recolher informação para caracterizar a entrevistada;
- Recolher informação para caracterizar alunos com autismo;
- Recolher informação para caracterizar o caso em estudo;
- Recolher informação para compreender as dificuldades do elemento em estudo;
- Perceber quais as perspetivas de aprendizagem que a entrevistada têm em relação ao elemento em estudo.

**Entrevistada:** Psicóloga, Terapeuta da Fala e Terapeuta Ocupacional

Determinação dos Blocos	Objetivos Específicos	Tópicos	Observações
<b><u>BLOCO A</u></b> Legitimação da entrevista e motivação da entrevista.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conseguir que a entrevista se torne oportuna e pertinente;</li> <li>• Motivar a entrevistada;</li> <li>• Informar a entrevistada do contexto da investigação, objetivos e tema da entrevista.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Apresentação do entrevistador;</li> <li>• Informar a entrevistada sobre o estudo em curso;</li> <li>• Assegurar a confidencialidade das declarações prestadas;</li> <li>• Pedir a sua colaboração, salientando a importância desta;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Entrevista semidirecta;</li> <li>• Uso de linguagem agradável, correta e adaptada à entrevistada;</li> <li>• Pedir autorização para gravar em áudio.</li> </ul>
<b><u>BLOCO B</u></b> Caracterização da entrevistada.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conhecer a situação profissional da entrevistada.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Idade;</li> <li>• Habilitações literárias;</li> <li>• Experiência profissional;</li> <li>• Funções que exerce em relação ao aluno.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Identificar as funções da entrevistada.</li> </ul>
<b><u>BLOCO C</u></b> Características do Autismo.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Caracterizar um aluno tendo em conta aspetos cognitivos;</li> <li>• Caracterizar um aluno tendo em conta dificuldades de aprendizagem.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Características do Autismo;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Registrar a informação de forma objetiva.</li> </ul>
<b><u>BLOCO D</u></b> Caracterizar o aluno em estudo.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Caracterizar o aluno em estudo tendo em conta aspetos cognitivos;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Características do aluno em estudo.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Induzir a entrevistada a fornecer informação</li> </ul>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Caracterizar o aluno em estudo tendo em conta dificuldades de aprendizagem.</li> </ul>		<p>relevante e objetiva;</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Registrar com exatidão quais as dificuldades e capacidades do aluno em estudo.</li> </ul>
<p><b><u>BLOCO E</u></b>  <b>Caracterização do trabalho efetuado.</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Perceber o que tem sido trabalhado com o aluno em estudo;</li> <li>• Perceber qual a perspetiva da entrevistada sobre o que poderia ser melhorado;</li> <li>• Perceber que outro tipo de apoio poderia beneficiar o aluno.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Recetividade a materiais palpáveis;</li> <li>• Estratégias utilizadas com o aluno;</li> <li>• Motivação e interesse;</li> <li>• Apoios.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Registrar o tipo de atividades que são utilizadas;</li> <li>• Registrar o posicionamento do aluno relativamente ao tipo de atividades propostas.</li> </ul>

# GUIÃO DE ENTREVISTA AOS PAIS

**Tema:** As artes plásticas na promoção da concentração da criança com autismo.

## Objetivos da entrevista:

- Recolher informação para caracterizar os entrevistados;
- Reunir informações sobre o agregado familiar do aluno;
- Recolher informação que permita compreender quais as dificuldades do elemento em estudo;
- Perceber o historial do aluno em instituições de ensino;
- Perceber qual o grau de satisfação dos entrevistados relativamente ao apoio disponibilizado ao aluno em estudo.

**Entrevistados:** Pai e Mãe

Determinação dos Blocos	Objetivos Específicos	Tópicos	Observações
<b><u>BLOCO A</u></b> <b>Legitimação da entrevista e motivação dos entrevistados.</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Conseguir que a entrevista se torne oportuna e pertinente;</li><li>• Motivar os entrevistados;</li><li>• Informar a entrevistada do contexto da investigação, objetivos e tema da entrevista.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Apresentação do entrevistador;</li><li>• Informar os entrevistados sobre o estudo em curso;</li><li>• Assegurar a confidencialidade das declarações prestadas;</li><li>• Pedir a sua colaboração, salientando a importância desta.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Entrevista semidirecta;</li><li>• Uso de linguagem agradável, correta e adaptada aos entrevistados;</li><li>• Pedir autorização para gravar em áudio.</li></ul>
<b><u>BLOCO B</u></b> <b>Caracterização dos entrevistados.</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Identificar a faixa etária dos entrevistados;</li><li>• Registar quais as habilitações académicas;</li><li>• Registar a área profissional;</li><li>• Registar a idade em que foram pais do aluno em estudo.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Idade;</li><li>• Habilitações literárias;</li><li>• Atividade profissional;</li><li>• Idade em que foram pais do aluno em estudo.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Mostrar compreensão nas situações apresentadas.</li></ul>
<b><u>BLOCO C</u></b> <b>Caracterização do</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Registar o número de elementos do agregado</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Idade do aluno;</li><li>• Agregado familiar;</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Mostrar interesse na informação</li></ul>

<b>agregado familiar.</b>	familiar; • Registrar o tipo de ações do aluno em estudo para com o agregado familiar.	• Comportamento do aluno para com o agregado familiar.	disponibilizada; • Mostrar compreensão relativamente a alguma possível frustração dos entrevistados em revelar a informação.
<b><u>BLOCO D</u> Diagnóstico da problemática.</b>	• Registrar a idade em que o aluno foi diagnosticado relativamente à sua problemática; • Identificar quais as suas dificuldades.	• Idade do diagnóstico; • Dificuldades do aluno; • Preferências em casa; • Eventos sociais.	• Agrupar a informação; • Induzir os entrevistados a fornecer informação relevante e objetiva.
<b><u>BLOCO E</u> Acompanhamento escolar.</b>	• Registrar o percurso escolar do aluno em estudo; • Perceber quando teve início o apoio especial.	• Idade em que entrou para a primeira instituição; • Privada ou pública; • Início do apoio educativo; • Motivação; • Materiais manipuláveis; • Importância das aprendizagens.	• Registrar corretamente a informação; • Completar os dados já existentes.
<b><u>BLOCO F</u> Opinião sobre o apoio educativo.</b>	• Perceber a visão dos entrevistados em relação ao apoio disponibilizado ao educando.	• Vantagens; • Desvantagens.	• Perceber a opinião dos entrevistados; • Perceber se estão satisfeitos.

# **Anexo VII-**

## **Análise das entrevistas**



## Análise da entrevista à Educadora de Infância (E1)

A entrevistada tem 48 anos, é educadora de infância há 18 anos e é a responsável pelo grupo de crianças do qual o Eduardo faz parte. O grupo é composto por 19 elementos, 10 do sexo masculino e 9 do sexo feminino. Em termos socio-escolares a educadora acha-os muito brincalhões, sabem estar sentados e fazer um trabalho, mas são muito barulhentos. De acordo com a mesma é um grupo bom, entre o médio e o médio bom, são muito unidos, brincam muitas vezes todos juntos, é uma turma boa.

<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Unidades de registo</b>
<b>Características do aluno</b>	<b>Relacionamento dos colegas com o aluno em estudo</b>	-“o Eduardo faz parte do grupo” -“eles aceitam que o Eduardo tem regras diferentes adequadas a ele” -“têm uma fase protetora em relação ao Eduardo”
	<b>Relação com os colegas</b>	-“não há bem uma relação” -“ele não brinca com eles” -“Eduardo praticamente não brinca” -“não se fixa muito tempo numa atividade”
	<b>Interesses</b>	-“expressão plástica que é talvez a que ele mais goste” -“gosta muito de sentir o pincel na mão” -“gosta muito de música.” -“gosta de ouvir música e dançar.”
<b>Perspetivas de aprendizagem</b>	<b>Evolução do aluno</b>	-“ele não tinha autonomia” -“já vai à casa de banho” -“é até bastante autónomo” -“é muito complicado definir objetivos que ele consiga atingir a qualquer nível das outras áreas” -“já olha para o trabalho” -“ não faz nada com o objetivo de estar a fazer, faz por fazer.”
	<b>Disparidade entre o nível cognitivo do aluno e colegas</b>	-“Há, muito grande mesmo.”
<b>Capacidades do aluno</b>	<b>Capacidades de compreensão</b>	-“ele compreende” -“ele percebe a mensagem. Ele só não quer falar”.
	<b>Dificuldades cognitivas</b>	-“Tem dificuldades em todas as áreas” -“tirando a formação pessoal e social que está mais desenvolvido” -“Mas a área da matemática e as outras tem muitas dificuldades em todas.”
<b>Recurso a materiais manipuláveis</b>	<b>Necessidade da utilização de materiais manipuláveis</b>	-“Ele realmente não se interessa muito” -“a plasticina ele não se interessa muito” -“ele tem realmente uma boa relação com a tinta”
	<b>Recurso a materiais</b>	-“ Faço um bocadinho de tudo”

	<b>manipuláveis na sala de atividades</b>	-“utilizo fantoches” -“depois utilizo jogos”
<b>Planificação</b>	<b>Planificação específica para o aluno</b>	-“Nem sempre” -“ trabalho dentro do mesmo conteúdo, mas de maneira diferente.”
	<b>Tipo de atividades aplicadas</b>	-“ todo o tipo de atividades, não assim nenhuma mais específica”
<b>Auto-consciência</b>	<b>Consciência de si</b>	-“Não tem noção das suas dificuldades.”
	<b>Auto-ajuda</b>	-“não faz nada para ultrapassar.”

### Análise da entrevista à Psicóloga (E 2)

A entrevistada tem 27 anos, é psicóloga da área clínica trabalha 4 anos na área, mas com o Eduardo apenas 4 meses. A sua função com o Eduardo é ajudá-lo a conseguir a obter melhores resultados no seu dia-a-dia.

<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Unidades de registo</b>
<b>Autismo</b>	<b>Características gerais</b>	-“é uma disfunção global do desenvolvimento” -“afeta três áreas essencialmente, a capacidade de comunicação do indivíduo, a interação, a socialização” -“o défice na comunicação e interação social, o défice cognitivo, padrões de comportamentos, interesses e atividades restritivas e estereotipadas” -“Têm tiques e movimentos repetitivos, atraso ou ausência de jogo simbólico” -“Preferem normalmente atividades mais mecânicas, mais solitárias, muito direto, causa-efeito.” -“ São impulsivas, têm agitação psicomotora, dificuldade de concentração e comportamentos assertivos” -“ausência de contacto visual, têm dificuldade em estabelecer este contacto e reagir positivamente ao toque”
	<b>Dificuldades escolares</b>	-“défice cognitivo, têm muitas dificuldades nas suas aprendizagens” -“ mais dificuldade do nível verbal do que nível não-verbal” -“ dificuldade em comunicar, em falar” -“ muitas dificuldades de manter a atenção e a concentração”
	<b>Problemática</b>	-“Perturbação do Espectro do Autismo grave”
	<b>Cognição</b>	-“muitas dificuldades cognitivas” -“ um défice elevado”
		-“ imensas dificuldades em aprender o que normalmente se dá na escola, o conteúdo programático” - muitas dificuldades de concentração

<b>Caracterização do aluno</b>	<b>Dificuldades de aprendizagem</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-“ muita dificuldade até na imitação”</li> <li>-“estabelecer relação com o outro, em comunicar, em aprender, em se concentrar, em reagir positivamente”</li> <li>-“ em se adaptar a novas situações.”</li> </ul>
	<b>Capacidades de compreensão</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-“se as indicações forem simples, diretas e se já não forem desconhecidas, ele é capaz de respeitar e de perceber”</li> <li>-“ se a indicação for mais complexa, se a indicação for nova, normalmente ele não consegue perceber aquilo que lhe está a ser pedido”</li> <li>-“ é necessário exemplificar muitas vezes, sempre que lhe peço algo novo”</li> <li>-“ É preciso exemplificar várias vezes, incentiva-lo à imitação e esperar que ele adquira esta informação.”</li> </ul>
<b>Caracterização da intervenção pedagógica</b>	<b>Materiais utilizados/a utilizar</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-“materiais mais sensoriais”</li> <li>-“ as tintas, plasticina, a espuma de barbear”</li> <li>-“ de materiais como a plasticina, a água, espuma de barbear, encaixes simples, e instrumentos músicas”</li> </ul>
	<b>Estratégias</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-“a música também é uma boa estratégia”</li> <li>-“ uma componente mais sensorial”</li> <li>-“ do mais fácil para o mais difícil”</li> </ul>
	<b>Objetivos de intervenção</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-“ajudar os outros técnicos”</li> <li>-“a minha tarefa é apoiar estas duas áreas e ao mesmo tempo trabalhar os padrões de imitação do Eduardo, para que ele imite mais,”</li> <li>-“melhorar o tempo de concentração e de atenção comigo e com as restantes colegas”</li> <li>-“ diminuir um bocadinho os comportamentos disfuncionais dele”</li> </ul>
	<b>Reação</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-“sempre que a estratégia é nova, normalmente é sempre rejeitado”</li> <li>-“ já não é desconhecido para ele, logo o tempo de atenção e concentração com aquele instrumento já é maior”</li> </ul>
	<b>Apoios</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-“está a receber todo tipo de apoio que é exigido. Está numa sala TEACCH, está na intervenção precoce,”</li> <li>-“Não está a ter o apoio da sala TEACCH efetivamente,”</li> <li>-“deveria ter mais terapia ocupacional”</li> <li>-“ que algo mais que abrange a rotina, é algo que ele adere mais facilmente. Porque os instrumentos utilizados são outros e ele deveria ter mais vezes por semana, é algo mais estruturado”</li> </ul>

### Análise da entrevista à Terapeuta da Fala (E 3)

A entrevistada tem 27 anos, é licenciada em terapia da fala pela universidade do Algarve, trabalha há mais de 4 anos na área, mas com o Eduardo há dois anos e meio. Tem como função trabalhar a interação social e a comunicação do Eduardo.

Categorias	Subcategorias	Unidades de registo
Autismo	Características gerais	<p>-“ as alterações do comportamento, da comunicação e da interação e relação com os outros”</p> <p>-“ um atraso no desenvolvimento da linguagem e noutros casos, uma ausência total de linguagem oral”</p> <p>-“ Quando há linguagem oral, muitas vezes os seus discursos são marcados por ecolalia”</p> <p>-“ contacto ocular também pode ser muito fugaz”</p> <p>-“ expressão das emoções é desadequada”</p> <p>-“ isolamento ou desinteresse na comunicação e na socialização”</p>
	Dificuldades escolares	<p>-“Se não existir um ambiente escolar organizado e com regras, a aquisição de competências académicas torna-se mais difícil</p> <p>-“a aquisição da leitura e da escrita são processo que estão diretamente ligados ao desenvolvimento da linguagem”</p> <p>-“embora aprendam o processo de descodificação de escrita não conseguem depois perceber o que estão a ler”</p> <p>-“ não conseguem interpretar e quando interpretam, as suas interpretações são muito literais”</p>
Caracterização do aluno	Característica geral	-“ problemática grave”
	Cognição	<p>-“ um défice cognitivo grave”</p> <p>-“ao nível da simbologia ainda está num nível muito baixo”</p> <p>-“não é capaz de empareceir imagens iguais ou símbolos iguais</p>
	Dificuldades de comunicação	<p>-“ao nível da comunicação, concentração e agitação psicomotora.”</p> <p>-“não conseguir demonstrar os seus desejos aos outros, não revela interesse por exemplo por símbolos ou imagens, estando a um nível ainda muito básico do concreto.”</p> <p>-“ainda não há uma tabela de comunicação, o Eduardo não mostra qualquer interesse.”</p>
	Capacidades de compreensão	<p>-“compreende claramente algumas instruções”</p> <p>-“se a instrução lhe for dada pela primeira vez, é importante reforçar a intenção do pedido usando por exemplo a imitação e o suporte visual”</p>

<b>Intervenção Terapêutica</b>	<b>Materiais</b>	-“tudo o que lhe proporcione experiências táteis” -“a massa, o arroz, a espuma de barbear” -“instrumentos musicais”
	<b>Objetivos</b>	-“centrar nos objetivos mais ligados à comunicação e interação” -“atuar ao nível do comportamento, atenção e persistência”
	<b>Estratégias</b>	-“as atividades não tenham períodos alargados de execução” -“a imitação, de gestos, de sons ou sílabas” -“identificação de objetos” -“tento que ele aponte” -“repetição de sons de sílabas” -“associações”
	<b>Reação</b>	-“Depende dos dias.” -“jogo que não aprecia ou que não lhe apeteça pode iniciar o choro ou “fugir”” -“até reage bem na maioria das vezes”
	<b>Apoios</b>	-“-Não necessariamente mais algum tipo de apoio” -“ida à unidade para ter o apoio da educação especial” -“mais sessões de terapia ocupacional”

#### Análise da entrevista à Terapeuta Ocupacional (E 4)

A entrevistada tem 35 anos, é terapeuta ocupacional trabalha, há 10 anos na área, mas com o Eduardo apenas 3 meses. A sua intervenção com o Eduardo é trabalhar a modelação comportamental, as atividades básicas da vida diária, ou seja, a autonomia pessoal e social e ainda dar apoio à família e à equipa pedagógica.

<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Unidades de registo</b>
<b>Autismo</b>	<b>Dificuldades escolares</b>	-“A meu entender não têm dificuldades académicas”  -“grande dificuldade deles não é a aprendizagem”  -“a pré-competência para a aprendizagem que é a atenção”  -“é conseguir modelar o comportamento, gerir os estímulos” -“a grande dificuldade deles é a gestão sensorial” -“a modelação sensorial e a interação social”
	<b>Problemática</b>	-“tem um autismo profundo” -“é um menino muito complexo” -“está muito desconectado da realidade”

Caracterização do aluno	Cognição	<ul style="list-style-type: none"> <li>-“tem um grande déficit cognitivo”</li> <li>-“ grande disparidade com as crianças da idade dele com autismo”</li> </ul>
	Dificuldades de aprendizagem	<ul style="list-style-type: none"> <li>-“tem uma capacidade de atenção muito baixinha”</li> <li>-“não tem uma boa modelação sensorial”</li> <li>-“tem agitação psicomotora”</li> <li>-“padrão de funcionamento que ele tem é muito pobre”</li> <li>-“não está pronto para se sentar na mesa”</li> </ul>
	Capacidades de compreensão	<ul style="list-style-type: none"> <li>-“ neurologicamente desorganizada, não está pronta para fazer qualquer tipo de treino de atenção, pode fazer um treino comportamental”</li> <li>-“tem uma disfunção tanto na recepção da informação no sistema neurológico como depois na decodificação, na interpretação daquilo e depois é claro que nem chega a haver uma resposta”</li> <li>-“as respostas são completamente desajustadas”</li> <li>-“ comportamento muito atípico muito patológico”</li> <li>-“ processamento neurológico ele tem grandes dificuldades”</li> <li>-“ tem um nível de autonomia para o qual não tem capacidade de gestão, porque não tem noção dos perigo”</li> <li>-“ele tem uma noção muito básica da rotina diária, muito rudimentar”</li> <li>-“as maiores dificuldades dele são na parte comportamental e na parte da interação social, na parte da relação”</li> <li>-“ não manifesta agressividade”</li> <li>-“ não tem um comportamento funcional”</li> <li>-“ precisa de estrutura”</li> </ul>
	Evolução	<ul style="list-style-type: none"> <li>-“já não tem comportamentos perigosos, já não é um perigo para si, nem para os outros, não tem grande tipo de comportamento desajustado”</li> </ul>
Caracterização da intervenção	Materiais utilizados/a utilizar	<ul style="list-style-type: none"> <li>-“materiais que ele possa tocar e mexer”</li> <li>-“ materiais táteis, às cores, às texturas”</li> <li>-“Tem um evitamento sensorial a certas texturas”</li> <li>-“ele não chega a explorar as coisas, toca, interage com aquilo mas não é uma exploração”</li> </ul>
	Estratégias	<ul style="list-style-type: none"> <li>-“ a atividade tem que ser muito graduada”</li> <li>-“Explicar não vale a pena”</li> <li>-“uma metodologia cognitivo-comportamental, mais comportamental que cognitivo.”</li> <li>-“muita repetição”</li> </ul>

pedagógica		-“atividade muito bem estruturada, muito breve, com intervalos” -“atividades preparatórias” -“parar várias vezes para fazer outras coisas no meio” -“um trabalho estruturado”
	<b>Objetivos de intervenção</b>	-“objetivo funcional” -“conseguir acompanhar o grupo nas diferentes atividades, na rotina” -“modelação neurológica” -“trabalhar-lhe a integração sensorial”
	<b>Reação</b>	-“Frustra-se, faz birras, manifesta frustração” -“chora, fica inquieto”
	<b>Apoios</b>	-“não tem o apoio que tinha que ter” -“não está a ser acompanhado pela educação especial” -“precisa dessas sessões de educação especial” -“ter um apoio especializado, a sala TEACCH.” -“o pai é bastante participativo, compreende bastante o que se passa na sessão”

#### Análise de entrevista aos Pais (E 5)

Os entrevistados tem os dois 32 anos, o 12º ano de escolaridade, o Pai é gerente de loja, a mãe trabalha numa lavandaria. Quando o Eduardo nasceu o pai tinha 27 anos e a mãe 26 anos. O Eduardo tem agora 5 anos é muito atencioso e muito carinhoso com os pais, tem uma aproximação muito grande dos dois, quer estar sempre com eles.

Categorias	Subcategorias	Unidades de registo
Problemática do aluno	<b>Identificação</b>	-“um transtorno de desenvolvimento.” -“Os médicos não disseram é autismo, disseram que tinha indícios que levam ao autismo” -“ não falar, não falava nada.” -“ Não emitia mais sons, só chorava”
	<b>Idade do diagnóstico</b>	-“dois anos e três meses”
	<b>Interesses</b>	-“Brincar com água” -“ fascínio pela água” -“ brincar com água, tomar banho, colocar no copo” -“gosta de fazer bolos, mexer com farinha” -“fazer comida e limpar a casa.” -“pega na vassoura e faz.” -“já brinca, já consigo jogar bola com ele.” - -“Dançar.”
	<b>Dificuldades</b>	- dificuldade em obedecer às regras” -“então tudo o que exija concentração, uma regra em si ele não obedece.”

		-“dois ou três minutos e ele já muda o foco para outra coisa.” -“ele não fala, é o mais difícil para todos”
	<b>Aspetos de socialização</b>	-“difícil sair com ele” -“quando ele sai do ambiente dele, aí ele se torna uma criança difícil. Fica mais agitada chora.” -“quer pegar nas coisas e ir.” -“chega a um lugar e quer logo ir embora”
<b>Percurso escolar</b>	<b>Creche</b>	-“Com dois anos” -“Privada”
	<b>Jardim-de-Infância</b>	-“com 3 anos” -“pública.” -“progrediu muito” -Todas as crianças gostam do Eduardo” -“eles fazem uma certa proteção”
	<b>Dificuldades escolares</b>	-“a concentração,” -“permanecer num lugar numa atividade é mais difícil”
	<b>Materiais manipuláveis</b>	-“Ele gosta” -“perde o interesse depois de algum tempo.” -“tem mais facilidade com material que ele encaixe”
<b>Apoio educativo</b>	<b>Necessidade de ajuda</b>	-“por volta dos dois anos e três meses.” -“Foi iniciativa nossa, mas a APEXA foi-nos indicada quando fomos a uma consulta com uma psicomotricista” -“muito importante e tem ajudado bastante” -“estamos satisfeitos”



# **Anexo VIII-**

**Sessões em fotografias**

## ➤ 6ª Sessão



Figura 1- (esta fotografia, assim como todas as outras, foi autorizada pelo encarregado de educação)  
A criança rasga a folha em pedaços muito grandes.



Figura 2- A criança rasga a folha em pedaços mais pequenos.



Figura 3- A criança rasga a folha verde em pedaços mais pequenos.



Figura 4- A criança a deixar cair os pedaços de papel vermelho para cima do quadrado vermelho.



Figura 5- A criança a brincar com a casinha dos animais.

➤ 8ª Sessão



Figura 6- A criança a guardar a caneta no estojo, antes de começar a trabalhar.



Figura 7- A criança a agarrar na caneta com a mão toda.



Figura 8- A criança a agarrar a caneta com a mão toda e a riscar a folha.



Figura 9- A criança a guardar a caneta azul no estojo, depois de trabalhar.





Figura 10- A folha a escorregar para perto da criança quando esta mexia o pincel.



Figura 11- A criança a agarrar o pincel com as duas mãos.



Figura 12- A criança a carimbar com as duas mãos.



Figura 13- A criança a passar do papel para mesa.



Figura 14- A criança com as mãos nas orelhas e os cotovelos em cima da mesa, a olhar para o trabalho.

➤ 9ª Sessão



Figura 15- A criança a enfiar as mãos na massa.



Figura 16- A criança a brincar com a massa.



Figura 17- A criança a passar a massa de um tampa para a outra.





Figura 18- A criança a colar as tampas verdes.

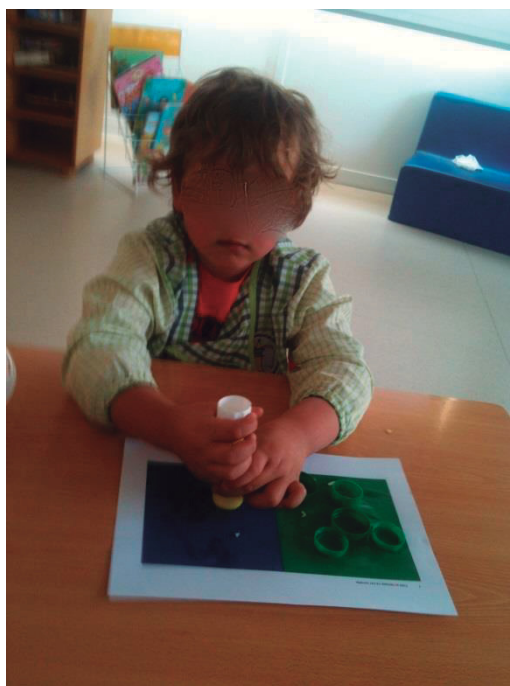


Figura 19- A criança a agarrar ao cola com as duas mãos.



Figura 20- A criança a passar a massa de uma tampa azul para a outra.



Figura 21- A criança a colar a tampa azul.



Figura 22- A criança a rodar a tampa na cola.



Figura 23- A criança a escolher o quadrado para colocar a tampa depois de ter colocado a cola.





Figura 24- A criança a levar massa para a folha.



Figura 25- A criança a bater com as mão na massa.

➤ 10ª Sessão



Figura 26- A criança a colocar todas as peças em cima da folha.



Figura 27- A criança a agarrar a cola com as das mãos e a fazê-la escorregae pela folha.



Figura 28- A criança a segurar na folha para colocar a cola.



Figura 29- A criança a passar a mão pela folha.





Figura 30- A criança a colocar mais cola.



Figura 31- A criança a tentar colocar os retângulos cor-de-laranja.



Figura 32- A criança a agarrar corretamente a tesoura, mas a inverter a posição da mão.



Figura 33- A criança a cortar uma folha de revista.



➤ 11ª Sessão



Figura 34- A criança a brincar com os copos de plásticina e as tampas.



Figura 35-A criança a tirar a plásticina azul do copo.



Figura 36- A criança a tentar fazer uma bola com a plástica.



Figura 37- A criança a tirar mais plasticina.



Figura 38- A criança a tentar juntar os dois bocados de plasticina.



Figura 39- A criança a tentar fazer uma cobra.



Figura 40- A criança a rolar a plástica na mesa com as duas mãos.



Figura 41- A criança a rolar a plástica cor-de-rosa na mesa com as duas mãos.



Figura 42- A criança a furar a plástica cor-de-rosa com os dedos.



Figura 43- A criança com as duas mãos em cima da plástica.





Figura 44- A criança a agarrar a fazer uma bola com a plástica



Figura 45- A criança a misturar a plasticina com as duas mãos.



Figura 46- A criança a bater com o molde na plasticina



Figura 47- A criança a brincar com a cobra feita pela investigadora.



Figura 48- A criança a rolar a plásticina na mesa para fazer uma cobra.



Figura 49- A criança a colocar a forma em cima da plasticina.

## 12ª Sessão



Figura 50- A criança a agarrar nos dois lápis de cera, com a mão direita está a agarrar corretamente com a mão esquerda não.



Figura 51- A criança a agarrar o lápis com os dedos da mão direita e a segurar a folha com a mão esquerda.





Figura 52- A criança a molhar o pincel na tinta.



Figura 53- A criança a segurar corretamente o pincel para pincelar a folha.



Figura 54- A criança a mexer no pincel com a mão.



Figura 55- A criança a esfregar a mão na mesa e a pousar o pincel.





Figura 56- A criança a segurar no tubo de cola e na folha.



Figura 57- A criança a puxar a caixa dos confetes para perto.



Figura 58- A criança a colocar confetes dentro do quadrado.



Figura 59- A criança a agarrar no pincel com a mão esquerda.



Figura 60- A criança a agarrar no copo e a bater com o pincel na folha.



Figura 61- A criança a colocar o pincel no copo.



## 13ª Sessão



Figura 62- A criança a mexer na tinta com as mãos e a rodar a rolha pela folha.



Figura 63- A criança a segurar na rolha com os dedos.



Figura 64- A criança a mexer no rolo com a mão.



Figura 65- A criança a esfregar os dedos na mesa.



Figura 66- A criança a passar o rolo na folha e a segurar a folha com a mão.



Figura 67- A criança a colocar o rolo na tinta.





Figura 68- A criança a passar o rolo na folha.



Figura 69- A criança a agarrar a cola com as duas mãos.



Figura 70- A criança a puxar a folha da cola.



Figura 71- A criança a agarrar o papel de cozinha todo.





Figura 72- A criança a colar o papel de cozinha.



Figura 73- A criança a bater com a mão em cima do papel de cozinha.



Figura 74- A criança colocou as mão na boca e sorriu.

## 14ª Sessão



Figura 75- A criança a abrir o livro e a tentar colocar a primeira peça.



Figura 76- A criança a pegar corretamente na rolha levar-la à tinta.





Figura 77- A criança a pegar com os dedos na rolha e a carimbar fora do sol.



Figura 78- A criança a esfregar a rolha no prato.



Figura 79- A criança a rodar a rolha dentro do sol.



Figura 79- A criança a encher a mão de grão para voltar a colocar em cima da folha.



Figura 80- A criança a agarrar em pouco grão de cada vez.



Figura 81- A criança a chegar o grão todo para dentro do sol.



## 15ª Sessão



Figura 82- A criança pega com a mão toda no pau de giz.

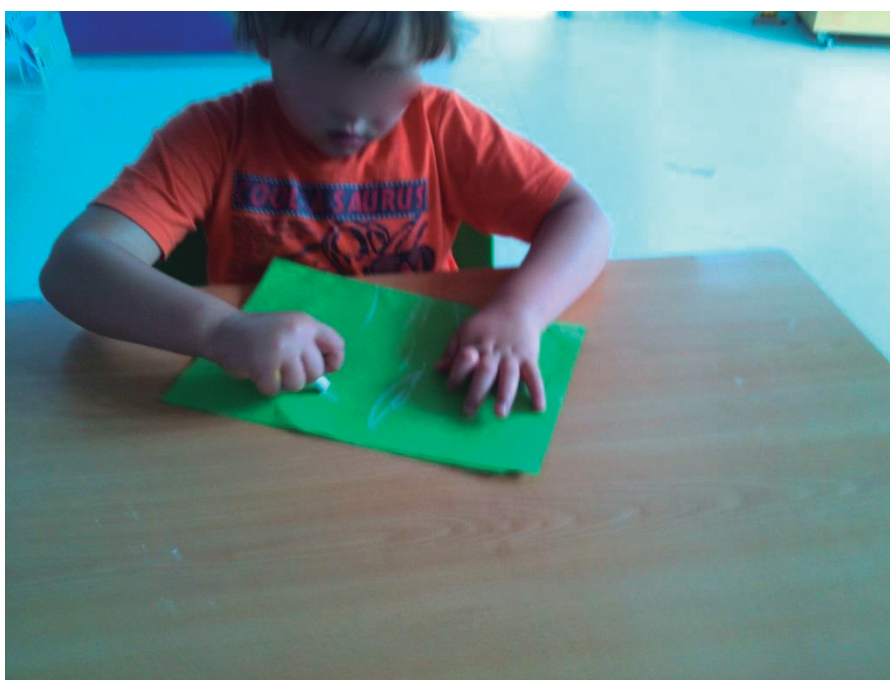


Figura 83- A criança a pegar corretamente no giz.





Figura 84- A criança a riscar a folha sem intenção de fazer círculos.



Figura 85- A criança a experimentar a textura do carimbo.

## 16ª Sessão



Figura 86- A criança a abrir a folha de revista.



Figura 87- A criança a rasgar a folha em vez de amarrotar.



Figura 88- A criança a rasgar a folha em pedaços grandes.



Figura 89- A criança a rasgar os pedaços grandes em pedaços mais pequenos.





Figura 90- A criança a passar a cola dentro do quadrado.



Figura 91- A criança a colar pedacinhos de papel dentro do quadrado.



Figura 92- A criança a rasgar a folha de revista em tiras.



Figura 93- A criança a colocar cola em toda a folha.



Figura 94- A criança a colocar as todos os pedaços de revista em cima da folha verde.



Figura 95- A criança a apanhar pedaços de folha de revista do chão.



## 17ª Sessão



Figura 96- A criança a pegou na caneta com uma mão toda e com a outra pegou na folha e começou a riscar.



Figura 97- A criança mudou a caneta de mão.





Figura 98 - A criança pegou corretamente na caneta de feltro.



Figura 99- A criança pegou no pincel com a mão toda e bateiu com ele na folha.



Figura 100- A criança rodou o pincel dentro do copo.



Figura 101- A criança voltou a bater com o pincel na folha, desta vez segurando o copo com a outra mão.

## 18ª Sessão



Figura 103- A criança a agarrar corretamente no lápis.



Figura 104- A criança a passar a cola na mão.





Figura 105- A criança a passar a cola no local indicado.



Figura 106- A criança a sorrir e a deixar cair a lã para o chão.



Figura 107- A criança a colocar muitos pedaços de lã ao mesmo tempo.



Figura 108- A criança a explorar os objetos brilhantes.



Figura 109- A criança a passar a cola no local que lhe foi indicado.



Figura 110- A criança a escorregar a cola pela mesa.





Figura 111- A criança a deixar cair os objetos brilhantes.



Figura 112- A criança a agarrar novamente nos objetos brilhantes.



Figura 113- A criança a misturar e a brincar com os objetos brilhantes.

## 19ª Sessão



Figura 114- A criança a agarrar no pincel com as pontas dos dedos da mão esquerda.



Figura 115- A criança a ir com o pincel ao copo.



Figura 116- A criança a pintar agarrando com a mão toda no pincel..



Figura 117- A criança a pintar dentro da “cuvete”.





Figura 118- A criança agarrar a “cuvete” para pintar.



Figura 119- A criança a pincelar para cima.



Figura 120- A criança a pincelar para baixo.